



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



JOSÉ ALESSANDRO DA CONCEIÇÃO SANTOS

ANÁLISE DO DISCURSO DO PROCESSO DE RESSOCIALIZAÇÃO PENAL  
BRASILEIRO: CRÍTICA A PARTIR DE FOUCAULT

MANAUS

2026

JOSÉ ALESSANDRO DA CONCEIÇÃO SANTOS

ANÁLISE DO DISCURSO DO PROCESSO DE RESSOCIALIZAÇÃO PENAL  
BRASILEIRO: CRÍTICA A PARTIR DE FOUCAULT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração de Teoria e Análise Linguística, sob orientação do Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa.

MANAUS

2026

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

- 
- S237a      Santos, José Alessandro da Conceição  
Análise do discurso do processo de ressocialização penal brasileiro:  
crítica a partir de Foucault / José Alessandro da Conceição Santos. - 2026.  
102 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Leonard Christy Souza Costa.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa  
de Pós-Graduação em Letras, Manaus, 2026.
1. Discurso. 2. Ressocialização. 3. Sistema Prisional. 4. Reincidência. I.  
Costa, Leonard Christy Souza. II. Universidade Federal do Amazonas.  
Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título
-

JOSÉ ALESSANDRO DA CONCEIÇÃO SANTOS

ANÁLISE DO DISCURSO DO PROCESSO DE RESSOCIALIZAÇÃO PENAL  
BRASILEIRO: CRÍTICA A PARTIR DE FOUCAULT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração de Teoria e Análise Linguística, sob orientação do Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa.

Aprovado em 04 de fevereiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente  
 LEONARD CHRISTY SOUZA COSTA  
Data: 23/02/2026 14:51:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa – Presidente/Orientador (PPGL/UFAM)

Documento assinado digitalmente  
 SERGIO AUGUSTO FREIRE DE SOUZA  
Data: 24/02/2026 16:35:05-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Sérgio Augusto de Souza Freire – Membro (PPGL/UFAM)

Documento assinado digitalmente  
 ELAINE PEREIRA ANDREATTA  
Data: 24/02/2026 15:40:54-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Elaine Pereira Andreatta – Membro (UEA/AM)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar, à Deus, autor da vida, aos meus pais, Francisca Sabino da Conceição e Geraldo da Silva Santos, sem eles eu não estaria aqui. Aos meus irmãos e familiares em geral. Aos meus amigos que me deram forças, estímulos, para que eu chegasse nessa pesquisa. Agradecer duas pessoas maravilhosas que fizeram parte da minha pesquisa no início, quando estive em crise do coração, Gena Carol e Karen Medeiros, só Deus para pagar o carinho que estiveram comigo naquele dia que mais precisei de vocês, ao Alécio e outros colegas que deram o suporte para as colegas.

A Universidade Federal do Amazonas (UFAM) pela oportunidade criada, ao Programa de pós-graduação em Letras, principalmente ao meu orientador Prof. Dr. Leonard Christy de Souza por disponibilizar a disciplina de metodologia, e orientação em geral. Ao professor Dr. Cácio Ferreira, coordenador no início, e a atual coordenadora, Adriana Cristina Aguiar Rodrigues.

Ao secretário do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) Diego Henrique, muito parceiro, que está sempre disponível para sanar os problemas técnicos. A professora Dra. Elaine Andreatta que me orientou desde o processo seletivo ao processo de conclusão dessa pesquisa, grato por tudo. Ao professor Dr. Wagner Barros que ofereceu duas importantíssimas disciplinas no programa.

Ao professor Dr. Sérgio Freire, responsável por disponibilizar suporte sobre a Análise de Discurso e subterfúgios a partir da Psicanálise, além de fazer avaliação na banca. A professora Dra. Marta Monteiro que ofereceu a disciplina de formação de professores e que contribuiu muito para minha pesquisa, em geral e especificamente, além de ter feito parte da minha qualificação.

Aos programas da UFAM, aos grupos de estudos e setores que desenvolveram eventos importantíssimos para o enriquecimento científico desta pesquisa. A Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio direto e indireto ao programa e a minha pesquisa.

A toda comunidade científica que trabalha para um mundo menos cruel, sempre buscando a verdade dos fatos dentro dos métodos necessários para a construção de uma ciência verdadeira e com capacidade de informação fidedigna ao planeta terra.

*As luzes que descobriram as liberdades  
inventaram também as disciplinas.*

*Michel Foucault, 1975.*

## RESUMO

Analisar o discurso de ressocialização do sistema prisional brasileiro objetiva este trabalho em geral a uma quebra de paradigmas na história deste sistema, é adentrar numa seara histórica comprometida pelos vários equívocos que as sociedades anteriores deixaram como herança social a partir da ideia de punir, reinserir e controlar. É criar especificamente um campo de estudo epistemológico dentro da Teoria e Análise Linguística, capaz de discutir essa questão prisional de forma científica, a fim de confeccionar um material denso e concreto sobre os resultados que a questão estabelece na sociedade brasileira. As reflexões a partir de relatos bibliográficos de pessoas que estiveram encarceradas como, Henri Charrière, (1982) Luiz Alberto Mendes, (2009) e pela autora Manuela D'ávila, (2018) que escreveu sobre encarcerado, estes desenvolverão subterfúgios em divergências com o discurso de ressocialização pregado pelo estado nacional em seus dados e fontes oficiais, de acordo com o Departamento Penitenciário Nacional DEPEN, (2023) e o próprio governo, Brasil (2023). Partindo da linguagem para explicar problemas relacionados a linguística em todos os níveis, o trabalho conta com Bakhtin, (2006), Calvet, (2002) e Rajagopalan, (2003). A metodologia parte de um estudo fenomenológico dos dados em crise dentro do próprio dado, realizando abordagens bibliográficas, observando os relatos em publicações como livros, teses, dissertações, artigos, monografias, capítulos de livro e pré-projeto, levantando teses e suposições, embasadas por obras da área de metodologia em Kuhn (2013), Umberto Eco (2010) e Yin, (2001). Para o estudo de Análise de Discurso, Freire, (2006) é a base conceitual trazida como fundamento histórico e social desta matéria de Análise. Tudo isso processado por uma série de análises feitas a partir de Foucault, (2014) com a área do discurso, poder, controle, vigiar e punir e outras análises do sociólogo, assim como outros estudos em paralelos a estes estarão como apoio bibliográfico a esse trabalho. Esse processo leva as categorias, como, o preconceito, a miséria, o caos, controle, poder, dinheiro, corrupção, prisão, tortura, sofrimento entre outros, mas principalmente a uma categoria que terá prioridade, a reincidência, que processadas com os dados levarão aos resultados que visam estabelecer entendimento a respeito da questão prisional brasileira, com a finalidade de publicar resultados relevantes para toda a comunidade científica e sociedade como um todo. O trabalho se justifica por ser prioridade como questão nacional e regional, uma vez que dia-após-dia, a superlotação e a reincidência aumentam, e os casos de crime no Brasil não diminuem, isso mostra claramente que o sistema vigente não está funcionando, e é necessário urgente, trabalhos e pesquisas em volta dessa questão, para fixar uma linha de busca por soluções que amenizem todas as questões negativas desse sistema.

**Palavras-Chave:** Discurso. Ressocialização. Sistema Prisional. Reincidência.

## ABSTRACT

Analyzing the discourse of resocialization in the Brazilian prison system aims to break paradigms in the history of this system, to enter a historical field compromised by the various misconceptions that previous societies left as a social legacy based on the idea of punishing, reinserting and controlling. It is specifically to create an epistemological field of study within Linguistic Theory and Analysis, capable of discussing this prison issue in a scientific manner, in order to produce dense and concrete material on the results that the issue establishes in Brazilian society. Reflections based on bibliographic accounts of people who have been incarcerated, such as Henri Charrière, (1982) Luiz Alberto Mendes, (2009) and the author Manuela D'ávila, (2018) who wrote about the incarcerated, will develop subterfuges in divergence with the discourse of resocialization preached by the national state in its data and official sources, according to the National Penitentiary Department DEPEN, (2023) and the government itself, Brazil (2023). Starting from language to explain problems related to linguistics at all levels, the work relies on Bakhtin, (2006), Calvet, (2002) and Rajagopalan, (2003). The methodology starts from a phenomenological study of the data in crisis within the data itself, carrying out bibliographical approaches, observing the reports in publications such as books, theses, dissertations, articles, monographs, book chapters and pre-project, raising theses and assumptions, based on works in the area of methodology in Kuhn, (2013), Umberto Eco, (2010) and Yin, (2001). For the study of Discourse Analysis, Freire, (2006) is the conceptual basis brought as the historical and social foundation of this subject of Analysis. All of this is processed through a series of analyses based on Foucault, (2014) with the area of discourse, power, control, surveillance and punishment and other analyses by the sociologist, as well as other studies in parallel to these will be used as bibliographic support for this work. This process leads to categories such as prejudice, misery, chaos, control, power, money, corruption, prison, torture, suffering, among others, but mainly to a category that will have priority, recidivism, which processed with the data will lead to results that aim to establish an understanding of the Brazilian prison issue, with the aim of publishing relevant results for the entire scientific community and society as a whole. The work is justified because it is a priority as a national and regional issue, since day after day, overcrowding and recidivism increase, and cases of crime in Brazil do not decrease. This clearly shows that the current system is not working, and there is an urgent need for work and research around this issue, to establish a line of search for solutions that alleviate all the negative issues of this system.

**Keywords:** Discourse. Resocialization. System. Prison. Recidivism.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                     |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1:</b> O sistema penal a serviço do neoliberalismo.....                   | 29 |
| <b>Figura 2:</b> Estratégia de poder na temática sistema prisional brasileiro ..... | 38 |
| <b>Figura 3:</b> Síntese Epistemológica de Thomas Kuhn .....                        | 48 |
| <b>Figura 4:</b> Banco de dados da dissertação.....                                 | 51 |
| <b>Figura 5:</b> Queda da população encarcerada no Brasil .....                     | 58 |
| <b>Figura 6:</b> Estrutura do poder judiciário brasileiro .....                     | 64 |
| <b>Figura 7:</b> Presídios de acordo com a condição social e funcional.....         | 79 |
| <b>Figura 8:</b> Funil demonstrativo das misturas de categorias de detentos .....   | 80 |
| <b>Figura 9:</b> Processo de reincidência.....                                      | 80 |
| <b>Figura 10:</b> Pirâmide do sistema criminalístico no Brasil .....                | 87 |
| <b>Figura 11:</b> Criminalística como área da ciência .....                         | 88 |
| <b>Figura 12:</b> Demonstrativo de encarcerado na época da lei de Drogas .....      | 94 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AD – Análise de discurso

APAC – Associação de Proteção e Assistência aos Condenados

CF – Constituição Federal

PPGL – Programa de Pós-Graduação em Letras

STF – Supremo Tribunal Federal

## SUMÁRIO

|                                                                                                 |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO.....                                                                                 | 14  |
| CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....                                                         | 17  |
| 1.1 Sistema Prisional como Punição .....                                                        | 17  |
| 1.2 Sistema Prisional como Ressocialização.....                                                 | 21  |
| 1.3 Justiça .....                                                                               | 23  |
| 1.4 A Função do Sistema Penal de Fato .....                                                     | 28  |
| 1.5 O Poder a Partir do Sistema Prisional .....                                                 | 31  |
| 1.6 Reincidência, um Processo Linguístico-Cultural .....                                        | 32  |
| 1.7 Cultura e Sociedade Diante do Processo Penal .....                                          | 36  |
| 1.8 Criminalística .....                                                                        | 40  |
| CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DA PESQUISA .....                                                      | 43  |
| 2.1 Característica Metodológica .....                                                           | 43  |
| 2.2 Epistemologia e as Bibliografias .....                                                      | 46  |
| 2.3 Procedimentos de Geração de Dados .....                                                     | 49  |
| 2.4 Procedimentos de Análise de Dados .....                                                     | 53  |
| CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS .....                                                             | 55  |
| 3.1 Sistema Prisional Geral, Uma Introdução a Partir de Foucault com Análise em Charrière ..... | 55  |
| 3.2 Analisando a Justiça Brasileira.....                                                        | 64  |
| 3.3 O Método APAC, Exemplo de Discurso de Ressocialização .....                                 | 68  |
| 3.4 Justiça e Controle Político .....                                                           | 69  |
| 3.5 O Sistema Prisional e Seus Privilégios.....                                                 | 77  |
| 3.6 O Discurso Intelectual Político-Educacional, o Setor Administrativo e a Criminalística..    | 81  |
| 3.7 A Análise de Discurso em Alberto Mendes, um Corpo Para Gerar o Poder.....                   | 89  |
| CONSIDERAÇÃO FINAIS .....                                                                       | 95  |
| REFERÊNCIAS .....                                                                               | 98  |
| APÊNDICE – GLOSSÁRIO .....                                                                      | 101 |
| ANEXO – CARTA DE ENCAMINHAMENTO PARA DEPÓSITO DA DISSERTAÇÃO.                                   | 102 |

## INTRODUÇÃO

A humanidade sempre buscou uma maneira de controlar o crime de acordo com a sua cultura, povo e língua, e para isso experimentou os mais diversos métodos de privação de liberdade e execução de morte como pena de punição e prevenção em toda a história da existência humana, ainda não chegou a um denominador comum do que realmente é necessário para o equilíbrio social na área criminal, o fato é que logicamente não funcionou para prevenir, apenas para isolar o detentor do crime.

A história das prisões começa desde quando se encontra vestígios da existência humana, porque é necessário pensar que sempre existiram os conflitos humanos e sempre houve a necessidade natural de isolar quem inicia um conflito, por uma questão lógica, os outros sociais em maioria não querem ser incomodados, seja qual for o conflito, e isso é visto por exemplo nas pinturas rupestres em cavernas que datam aproximadamente 40.000 a.c, onde é visualizado principalmente os conflitos e o controle, as pinturas provavelmente eram de artistas da pré-história que se desenvolveram no período paleolítico superior, em algumas artes é possível analisar símbolos de prisão e de guardas vigiando outras pessoas.

É claro que não se pode nem de longe desconsiderar os 200.000 anos de história do Homo Sapiens, muito menos o mundo antigo onde existiam os sistemas de prisões mais comprometidos enquanto sociedade formada, na antiga Grécia, e no império romano então, o berço das injustiças quando o assunto é retirada da liberdade e da vida. É claro que é necessário estudos antropológicos e históricos sobre as prisões, mas a pesquisa vai delimitar um período histórico pela qual esse trabalho vai partir, porque é quando nasce a prisão enquanto instituição, com o intuito de mudar o ser humano e fazer com que os sociais sejam inibidos pela ação dessa prisão, pelo menos é nesse momento que o entendimento histórico do contexto de ressocialização no Brasil acontece.

Então é a partir do século XVIII que Michel Foucault começou uma aventura sobre o nascimento da prisão como instituição, que tinha um discurso de concertar aqueles que infringiam as regras de um determinado contexto social, e fazer eles não cometerem mais crimes e inibir as práticas criminosas sociais, é a partir desse momento que esse trabalho vai se desenvolver, porque é nesse momento que o Brasil se encontra, os modelos arquitetônicos, a ideia de punição e ressocialização a partir de decisões judiciais, onde o estado exerce sua força de controle, através do seu poder de justiça.

Esta pesquisa parte da visão motivadora que este pesquisador tem a partir de experiências no espaço amazônico, região com problemas socioculturais diversos,

principalmente de isolamentos geográficos, portanto problemas multifacetados que englobam política e sociedade, e especificamente dentro do nosso sistema penal com a questão da ressocialização.

Se justifica pela necessidade de colaboração que o processo científico deve ter, e conforme Prodanov (2013) a publicação à comunidade científica no intuito de construir uma área epistemológica consistente para estudos deste tema, buscado por este pesquisador desde sua formação acadêmica até os dias de hoje.

Com base nos noticiários e telejornais diários locais, Manaus por exemplo, temos assistido grandes problemas na segurança pública que retrata de várias facetas no contexto do sistema penal brasileiro, que em termos segue os parâmetros nacionais, portanto falar do sistema prisional é falar de um problema encontrado em várias regiões do Brasil, porque o sistema é o mesmo, e a ideia de ressocializar é igual em qualquer parte do território nacional.

Face a isto, esta pesquisa parte deste amazonense, nascido no interior do município de Manacapuru, que ousou em buscar respostas para os problemas encontrados na sua região, mas que são os mesmos Brasil à fora, porém não é do território que iremos falar e muito menos das regiões, mas sim do sistema que atinge o Brasil todo, assim como suas regiões, portanto, é Brasil sistêmico, uma vez que o sistema penal Brasileiro são leis executáveis em todo território nacional, estados e municípios, para tal, a ressocialização será o centro das análises críticas deste pesquisador com base em Foucault.

Em consonância com as várias áreas das ciências, esta pesquisa mostrará dados sobre o tema, e fomentará um campo científico sobre o trabalho, e construir uma epistemologia, para que outros pesquisadores do tema tenham subsídios científicos. Para a sociedade é simplesmente buscar entender como esse sistema está controlando e asfixiando a sociedade como um todo, é simplesmente criticar o sistema em face da sociedade, é tentar de alguma forma conscientizar a sociedade, de que, este sistema tem necessidade de ser criticada, observada e urgentemente ser extinto do processo de ressocialização, sim, precisamos ressocializar, mas não com esse sistema que mais controla, exclui, isola e mata do que ressocializa.

No campo de formação, principalmente na formação de professores a relevância é formada a partir da necessidade de incluir essas informações ao currículo do professor, pois é mais uma ferramenta de aprendizagem, para que o professor adicione informações científicas e relevantes aos seus planejamentos no que tange ao sistema prisional brasileiro, porque é uma forma de conscientizar alunos e acadêmicos no ensino básico e superior, respectivamente ao processo falido de ressocialização, assim trabalhar na base educacional todo esse processo

prisional no Brasil e no Amazonas.

Assim como a relevância, este trabalho também visa fortalecer a temática, assim como o campo de pesquisa, juntamente com outros trabalhos relevantes da questão, como o de Thays Coelho de Araújo, mestra, formada na Universidade Federal do Amazonas que desenvolveu a pesquisa, Remissão Penal pela Leitura e Letramento: Subjetivação e Dessubjetivação do Sujeito Preso, que examinou a produção subjetiva feminina nos cárceres nos efeitos de sua temática.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o discurso do sistema prisional brasileiro é um tema/objeto que prioriza a área de teoria e análise linguística como campo epistemológico com o intuito de reproduzir um campo mais específico dentro da AD.

Os objetivos específicos acompanham a linha de raciocínio deste tema que é criar especificamente um campo de estudo epistemológico a partir da Teoria e Análise Linguística capaz de discutir essa questão prisional de forma científica, a fim de confeccionar um material denso e concreto sobre os resultados que a questão estabelece na sociedade brasileira.

A problemática mais adequada para essa pesquisa foi o estabelecimento das seguintes perguntas, como deveria ser o processo de ressocialização diante do processo de punição? Como está comportado o sistema de controle do estado via justiça no que concerne a questão de resolver o problema criminal da sociedade através do sistema prisional brasileiro? O desenvolvimento da pesquisa

O processo metodológico é estruturado a partir de Kuhn (2013) que mostra a importância de estruturar os trabalhos científicos que partiram das várias lutas revolucionárias do processo científico até os dias de hoje, o cuidado que os cientistas devem ter na hora de elaborar trabalhos como estes. Juntamente com esse processo, se estabeleceu a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, fundamentando teoricamente, pontos importantes dessa dissertação, fazendo uma análise crítica dos dados selecionado.

A organização desta pesquisa respeita uma estrutura metodológica tradicional em modelo científico e acadêmico com introdução, referencial teórico, metodologia, análise de dados e considerações finais.

A partir das observações dos relatos, das categorias e tese, este trabalho terá nos próximos capítulos o desenvolvimento necessário para explicar três classificações importantíssimas, abordagem do sistema prisional como ressocializador e punidor, o controle de estado através da justiça e o poder, controle de massa social e político.

A ideia é mostrar o ideal de ressocialização e punição no processo de controle do estado, mostrando que na prática o objeto encontra outro significado que é o poder e dos controles de massa, essa concluirá este trabalho em conformidade com a pesquisa.

## CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresento o embasamento teórico que foi utilizado para fundamentar a pesquisa, assim como a literalidade desta dissertação, é por meio dele que será possível referenciar os conceitos de forma teórica para as respostas teóricas que os argumentos deste pesquisador fazem em relação ao tema, uma vez que este trabalho segue os preceitos científicos e seus parâmetros normativos.

### 1.1 Sistema Prisional como Punição

É importante iniciar esse tópico enfatizando que o tempo aqui abordado para entender o processo de ressocialização na sua totalidade parte da idade moderna, quando Foucault cita na sua obra intitulada, Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão, o caso de Damiens, condenado em 2 de março de 1757, onde os presídios e as formas de resolver o problema dos crimes se faziam por punição, era a ideia de que esse contexto tinha para que o processo criminal fosse resolvido.

É importante destacar que, como este trabalho está afastado de pesquisa de campo prático, como justificado, se tem mais fatos sérios e verídicos nas publicações de pessoas que passaram por uma prisão ou pesquisaram sobre casos de sistemas de punição do que colher dados viciados de setores administrativos do sistema prisional brasileiro, sem contar que o máximo que um pesquisador consegue adentrar na realidade de uma carceragem é nos setores psicossocioeducativos, muito longe da realidade macro desta pesquisa, apenas se estabelece como um tentáculo da totalidade, mas que também existem pesquisas publicadas deste setor para conversar com a ressocialização.

Em geral o pesquisador no campo é o tempo todo colocado em contato com dados produzidos pela gerência de presídios, esses dados se tornam comprometedores, porque existe uma tendência muito forte política por parte dos diretores que são colocados pelos chefes dos executivos dos estados, e, claro, tendem o tempo todo a dados positivos a favor do sistema (governo), e não é essa a ideia, como Souza (2023) orienta que são muito mais fieis os dados publicados na comunidade científica de ex-custodiados do que dados fixados pelos setores administrativos do sistema executivo dos estados e da união.

A obra de Foucault foi publicada em 1975, e é revolução até hoje nos processos sociais e científico, porque mudou a forma de pensar não só do sistema prisional no mundo, mas da metodologia sistêmica e estrutural de vários setores absolutistas, autoritaristas e hierárquicos.

Então Foucault vem trazendo para este trabalho o divisor de água entre um sistema de suplício, dores e prisão cruel para um sistema mais humano, sem dores, sem crueldade, pelo

menos do ponto de vista do discurso, e não deixará de criticar que na prática seres humanos ignoram essa evolução e praticam ainda a dor como punição com a justificativa de inibir o crime.

Desde então, o escândalo e a luz serão partilhados de outra forma; é a própria condenação que marcará o delinquente com sinal negativo e unívoco: publicidade, portanto, dos debates e da sentença; quanto à execução, ela é como uma vergonha suplementar que a justiça tem vergonha de impor ao condenado; ela guarda distância, tendendo sempre a confiá-la a outros e sob a marca do sigilo. É indecoroso ser passível de punição, mas pouco glorioso punir. Daí esse duplo sistema de proteção que a justiça estabeleceu entre ela e o castigo que ela impõe. A execução da pena vai-se tornando um setor autônomo, em que um mecanismo administrativo desonera a justiça, que se livra desse secreto mal-estar por um enterramento burocrático da pena (Foucault, 2014, p. 15).

Foucault (2014) ainda traz na sua obra, teorização de estudiosos notórios que lembram ao seu tempo, mesmo depois de todo o discurso de reforma do sistema prisional na Europa, efetivos instrumentos do sofrimento histórico, mas que estavam ainda em vigor, funcionando, seja de forma física ou de forma simbólica, em um congresso em Bruxelas menciona Van Meenen, (1847, p. 529 *apud* Foucault, 2014, p. 16) “Vi o solo semeado de rodas, de forças, de patíbulos, de pelourinhos, vi esqueletos horrendamente estendidos sobre rodas”.

Para Foucault (2014, p. 17) “Os rituais modernos da execução capital dão testemunhos desse duplo processo – supressão do espetáculo, anulação da dor”. Esse momento era para ele o divisor de água na prática entre as dores físicas e psicológicas, porque a ideia de punição mesmo as mortes, de não mais ostentação, não mais os suplícios e a tortura até a morte, foi um momento reformador porque toda a Europa queria esse modelo de punição. É difícil aceitar e complexo pensar, que sair do suplício para uma morte rápida foi uma evolução, mas o sistema age assim, é assim que são estabelecidas as evoluções, e ainda fazem a sociedade aceitar, e é por isso que este trabalho é crítico.

É importante salientar que estamos em 2023, e estamos falando do século passado, então reformar a retirada dos suplícios e das dores que estavam em vigor no tempo do autor em discussão para punições por exemplo, como penas de morte rápidas, onde o que importava era pagar com a vida, é uma evolução do ponto de vista cronotrópico, para os anos que antecedem o autor era certo, correto, para a época dele era errado, com propostas como esta de acabar com o suplício para mortes rápidas e para os tempos de hoje, ambos errados, não quer mais se admitir nenhum nem outro, o que se busca é realmente um sistema reeducador, ressocializador e criticar qualquer tipo de punição, física ou psicológica, e um momento, onde os países que ainda executam pessoas são cada vez mais taxados e pressionados a reformarem seus sistemas prisionais.

É importante entender que o momento do Foucault é importante para a questão da

evolução, é isso que está em jogo neste trabalho, é a capacidade de mudar, é a capacidade que o autor teve de escrever, criticar o sistema da sua época, por isso ele é trazido como principal base para este capítulo, porque é a partir dessa consonância histórica e revolucionária que a dissertação vai se desenvolver para as propostas deste pesquisador.

É importante olhar para esse momento como expansão continental da ciência, o que aconteceu nesse momento só é possível se seres humanos como pessoas da época de Foucault tomarem a frente e começarem a investigar, propor e criticar, por isso obtiveram resultados muito importantes para o tempo de hoje (2023). Para isso é necessário um olhar panorâmico dos bastidos de um sistema, das leis, dos procedimentos e de todos os eventos de um determinado contexto.

Um mesmo movimento arrastou, cada qual com seu ritmo próprio, as legislações europeias: para todos uma mesma morte, sem que ela tenha que ostentar a marca específica do crime ou o estatuto social do criminoso; morte que dura apenas um instante, e nenhum furor há de multiplicá-la antecipadamente ou prolongá-la sobre o cadáver, uma execução que atinja a vida mais do que o corpo. Não mais aqueles longos processos em que a morte é ao mesmo tempo retardada por interrupções calculadas e multiplicada por uma série de ataques sucessivos (Foucault, 2014, p. 17).

Este tópico procura entender como a história do nascimento da prisão, mapeada por Foucault foi fundamental para a compreensão da crise do sistema prisional no mundo, se fala em evolução, mas na verdade é discurso, é mais tentativa de assegurar um sistema voltado para a cultura de cada país, é necessário entender que nenhuma evolução do sistema prisional dentro dele próprio vai ser bom, como no tempo de Foucault evoluiu do suplício para as penas de morte rápida.

Das penas de morte rápida para a retirada de liberdade, isolamento, tortura psicológica, e ainda existem nos bastidores disso tudo, sim, a pena de morte, a exemplo disso é quando o sistema diverge facções em presídios, ele divide pessoas, formando alas, e quando acontece as rebeliões o grupo que domina o presídio, mata o outro grupo que está sem defesa, de certa forma isso é uma pena de morte, porque quem garante que as rebeliões nos presídios não são autorizadas, quem controla o presídio? E por que ocorrem as rebeliões?

Não entrando no mérito, que temos uma possível e futura categoria a ser pesquisada, será mesmo que não tem pena de morte na prática nos países que extinguiram esse tipo de pena? Será que não tem tortura na prática? ou que não tem suplícios? Porque o que o Brasil e o mundo ver são corpos de detentos esquartejados e dependurados nos presídios em tempos de rebeliões, e pior, no sistema que seria para garantir a segurança, as questões humanitárias e o direito à vida, porque pelo menos no tempo de Damians tinha lei para que acontecesse o horror, e hoje tem lei para que não aconteça, e ainda assim acontece.

O processo de encarceramento é possível no Brasil graças a legislação constitucional que prevê a prisão dos indivíduos que desobedecerem ao direito penal brasileiro. Para que o ser social seja preso é possível através de três mecanismos do estado brasileiro, prisão temporária, quando exercida para a garantia de uma investigação, prisão preventiva para garantir a ordem pública e a instrução criminal.

O flagrante delito por sua vez é quando um indivíduo ou mais são surpreendidos cometendo um delito. Prisão para a execução da pena é mais comum, acontece depois do trânsito em julgado, quando há condenação e a vara de execução penal deve executar a pena, prisão preventiva para fins de extradição, muito usada para evitar que um extraditado fuja antes de ser extraditado e prisão civil do não pagador de pensão alimentícia, muito comum para pensionistas que não cumprem com o dever de pagar a pensão.

Com essas previsões legais na constituição brasileira é considerável os contextos sociais e culturais do Brasil, uma vez que o Brasil não tem suas capacidades educacionais e sociais adequadas, o fator desigualdade social ainda é muito grande no país, o que coloca o sistema penitenciário em pauta, e acontece neste contexto um fator político social bilateral, onde uma parte da sociedade admite que o sistema tem que ser rigoroso, pois é por não ser rigoroso que a sociedade sofre com a criminalidade, por conseguinte com a reincidência.

Uma outra parte da sociedade diz que não, que a culpa disso tudo é a omissão que todos tem no processo social brasileiro, intensificando essa culpa para a política nacional, por conta da corrupção que deixa sistemas como o da educação a desejar, portanto as consequências na ponta do setor penitenciário.

Com tudo isso o Brasil se apresenta como um país em crise na sua segurança nacional, essa polarização de ideias chegou na política de forma errônea e complicou mais ainda o andamento do processo prisional brasileiro, e o Brasil com o pensamento dividido dar base para os dois processos, o processo punitivo e o processo reeducador, portanto um problema social.

Em geral o Brasil continuou como um país que desde os problemas criminais na ponta, nas comunidades, exerce um papel de punidor, porque as conduções dos acusados, parte ré em processos administrativos e jurídicos, é entendida como um processo que tem que ser rígido, desumano, ríspido, torturador, cruel, e assim se estabelece a sociedade com boa parte da população com o pensamento punitivo.

Em geral o acusado deve ser conduzido cruelmente, jogado em celas até apodrecer e se tiver chance de matar, que mate, porque a ideia é que esse ser não serve para mais nada a não ser para fazer o mal aos não custodiados, ou seja, no Brasil as leis existem, mas na prática da resolução do processo é punitivo do ponto de vista prático e psicológico da nossa sociedade.

## 1.2 Sistema Prisional como Ressocialização

A evolução discursiva dos sistemas prisionais é marcada no século XIX como o tempo para a transição dos suplícios aos atos punitivos sombrios, é o que Foucault, (2014, p. 19) afirma:

Desaparece, destarte, em princípio do século XIX, o grande espetáculo da punição física: o corpo supliciado é escamoteado; exclui-se do castigo a encenação da dor. Penetramos na época da sobriedade punitiva. Podemos considerar o desaparecimento dos suplícios como um objetivo mais ou menos alcançado, no período compreendido entre 1830 e 1848.

Esse momento na França leva vários países a repensar seus métodos de punir a pessoa, ele era ainda muito cruel ao ver da sociedade contemporânea que o estuda, porém foi essencial para que chegasse ao sistema discursivo que se tem nos dias de hoje (2023), discursivo, porque nas leis e no momento histórico (2023) o que se prega é um sistema que não mais ostenta a dor e nem mata as pessoas em máquinas rápidas, o que se prega é um sistema que entende que o ser humano vem de um processo social comprometido, portanto, essa consequência deve ser tratada, porque ela engloba processos de saúde pública, educacionais, onde o processo de segurança pública agora não mais é um sistema que atinge a pessoa enquanto ser físico, mas os problemas adquiridos no decorrer da vida em uma sociedade que muito deixa a desejar com o seu processo de cidadania.

A ressocialização por sua vez é vista por parte da sociedade como algo injusto, porque o país cuidar de um criminoso, por exemplo, de um cidadão infrator que roubou alguém da sociedade, fica parecendo que além da vítima ter sofrido, ela ainda vai sofrer com a ideia de que o seu violentador irá ser protegido pelo estado, mas será que é isso mesmo? Será que há nesse momento um processo de injustiça? É necessário abrir uma explicação em relação a isso, é necessário que a sociedade entenda que o processo de ressocialização não é para ser injusto com quem é vítima e proteger o criminoso.

Eu não irei defender o processo de ressocialização do jeito que está posto, nem de longe quero isso, aliás eu estou convencido de que prisão não irá ressocializar ninguém, porque prisão não nasceu para ressocializar, até porque é uma grande incoerência social e sistêmica, e logicamente qualquer um ser pensante, sem precisar de muitas pesquisas.

Olhando para um sistema como o nosso no Brasil com todos os problemas que existem, conseguimos enxergar isso, então em se tratando da minha concepção de ressocialização, eu também concordo com qualquer um que olhe para essa dissertação, e tente no seu desenvolvimento pensar que eu defendo esse sistema de ressocialização, não é isso, aqui se busca entender o momento discursivo ao qual o processo de prisão está submetido na história,

aliás seguindo o caminho que Foucault entrelaçou, e também entender que Foucault também entendeu que era um discurso, por isso a crítica dentro do discurso.

Não vamos muito longe para entendermos isso, na própria comunidade acadêmica esse pensamento duvidoso é visto com tanta facilidade que nas introduções de qualquer trabalho é exposto de forma muito bem esclarecida, assim como Foucault (2014) deixou claro que por mais que no seu tempo os suplícios tiveram fim, ainda assim eram dinamizados no meio das punições sóbrias, o que prova que esse sistema sempre teve um discurso, mas na prática as punições e os suplícios sempre estão presentes, e que dentro de qualquer ambiente desse não existirá ressocialização, mas os órgãos irão publicar sempre que existe esse processo de ressocialização.

A ressocialização me parece obscura dentro dos diversos discursos sobre a temática, parece-me sempre algo distante ou que jamais foi alcançado até então. Fala-se nos noticiários e grandes veículos midiáticos que determinados apenados passaram diversas vezes pela mesma unidade prisional, concluo imediatamente, que todos passaram pelo mesmo regime disciplinador que visa à ressocialização. Se todos os sujeitos passaram diversas vezes pelo mesmo mecanismo de ressocialização, absorvendo tal conceito, várias e várias vezes, como podem estes sujeitos cometerem os mesmos atos infracionais quando reintegrados à sociedade que os segregou? (Barra, 2012, p. 10).

O problema levantado pelo autor citado em sua monografia é o problema levantado por qualquer estudioso do sistema de ressocialização brasileiro, é assim que todos nós do discurso de ressocialização pensamos, com isso nasce uma categoria muito importante para que possamos entender com provas notórias, por que é que não defendemos o sistema de ressocialização do jeito que ele está sendo colocado, é justamente porque estamos diante de bolsões de fatos reincidentes, é perdidamente notado o número de pessoas que cometem crimes, entram para o sistema prisional e quando saem cometem os mesmos crimes.

Mas e hoje? Está acontecendo exatamente o que a sociedade que antecedeu Foucault previa. Isso leva uma dúvida para a sociedade desinformada, o que produz um pensamento desastroso que entra para a política e abre muitos precedentes, numa dúvida bilateral, os antigos estavam certos? E agora a sociedade de agora está certa? Esse binômio histórico ficará numa curva social por muito tempo ainda latejando no processo de vida humana, e não é agora, aqui que vai ser respondido, aqui vai ser discutido esses fatores, o que podemos no máximo é propor um pouco de contribuição.

Com as mazelas do sistema penal, fica nítido que o princípio da ressocialização (ou da “reeducação”) não acontece em seu âmago. Nos noticiários televisivos onde se veem jovens e adultos que cometeram delitos serem apanhados reincidindo os mesmos delitos que os levaram à privação de liberdade, configuram-se como a prova concreta de que o sistema penal é falho ao punir os sujeitos e ao se responsabilizar por

sua reintegração social (Barra, 2012, p. 29).

Com isso é necessário entender a ressocialização como um processo que está em um discurso político, é nítido que ele não funciona, e que foi apenas mais uma estratégia dos reformadores para manter o controle de estado estável, como critica Foucault (2014) é só mais uma maneira de inibir a dor, o suplício, as condições de medo e manter um sistema que dar lucro aos idealizadores deste sistema.

### 1.3 Justiça

Em *Vigiar e Punir* de Michel Foucault fica claro a busca por uma explicação do poder político partindo das prisões, é nítido que a crítica de Foucault aos métodos de punir tendem a mostrar como o poder se desenrola e quais mecanismos ou aparelhos são usados ou aparentemente funcionando para que o estado tenha seus controles, e nos estudos do nascimento da prisão o autor define bem isto, ele levanta indícios forte de que o estado exerce através da justiça o controle de estado, seja conscientemente político ou jurídico, o que importa é que o autor coloca em evidência que a justiça está entrelaçado ao poder.

No caso específico da obra que trata da prisão, a informação desse entrelaçamento vem na contextualização de 1975 ao qual o autor tratou do suplício especialmente, mas que pode ser apropriado para outros momentos, neste caso para o caso da ressocialização no Brasil, ou seja, suplício na França numa retórica explicitamente anterior ao tempo de Foucault e ressocialização no Brasil num sistema democrático.

É importante enfatizar que é muito grande essa diferença temporal, mas da prática dos sistemas prisionais não, como argumenta Foucault (2014, p. 49) “O suplício judiciário deve ser compreendido também como um ritual político. Faz parte, mesmo num modo menor, das cerimônias pelas quais se manifesta o poder”.

Justiça do ponto de vista de ressocializar é bastante diferente de justiça como suplício, pois são métodos totalmente contrários, um visa a dor e a exposição do sofrimento através da justiça e o outro a correção do ser enquanto social, porém o efeito é o mesmo, o estado exercer seu poder de controle através da justiça, só que agora através da ideia de reeducar, mas essa reeducação acontece? Porque na prática esse processo de reeducação é somente uma troca de mão de obra pelos dias de penas do custodiado.

Com a justiça ainda temos que conviver com a justiça injusta, não é acusar a instituição justiça enquanto direito brasileiro, mas sim criticar a forma que alguns a conduzem, seja institucional ou social. Essa concepção de justiça injusta dentro das sociedades, vem de longe

da história, é analisado por exemplo por Platão categoricamente em *A República*, quando colocado em sua obra retórica à luz das narrativas de Sócrates em conversação com os sofistas, mais especificamente no livro II da República.

O tema de justiça se abre ao perceber Gláucon, que um dos seus aliados e opositor, Trasímaco, sem argumentos se sai das conversas que introduzem as narrativas que substanciam a República, com isso Gláucon se apropria da deficiência do seu aliado para indagar Sócrates. Então é interessante perceber que esse tema é discutido há muito tempo, ora, esse contexto é de 380 ac.

Segundo Platão (1987) Gláucon depois de narrar o anel de Gíges, afirma que se todos os homens tivessem o poder de agir sem ser percebidos, como agiu Gíges, ao se tornar invisível e perceber que poderia fazer tudo, se passou por delegado que ia junto ao rei, seduziu sua esposa e com o apoio dela matou o rei, ficando no lugar do soberano e se tornando poderoso.

Para os dias de hoje, percebe-se muita gente que, ao está sem poder se passa por singelo até conseguir o poder, depois que consegue seu objetivo, o poder, se volta contra o povo que confiou o cargo as vezes eleito, até mesmo os cargos técnicos que foram lutas de vários anos pela sociedade para que estes que exercem poderes sejam legitimados.

O fato é que Gláucon tentou neste primeiro momento convencer Sócrates de que o que vale não é ser bonzinho, justo, honesto, o que vale é ser injusto, mas parecer ser justo a partir do poder de persuasão, que de fato é o que acontece no contexto dos poderes, os injustos se passando por justos e os justos sendo injustiçados, assim acontece no sistema prisional, os verdadeiros bandidos estão soltos e suas vítimas presas.

Ainda assim é melhor a justiça institucional do que a não justiça, porque sabe-se que em se tratando de legitimidade a sociedade tem uma chance através do conhecimento de recorrer a ela, mesmo que percebendo que é um sistema para os privilegiados. É importante enfatizar mais uma vez que a crítica aqui não é para substituir o que foi conquistado com muita luta, que é a justiça institucional, mas criticar algumas práticas estereotipadas da sociedade como um todo.

Retomando a literatura de Henri Charrière, o Papillon, é sabido que sua obra é um objeto de estudo muito importante para o mundo contemporâneo, pois é o registro friamente calculado para mostrar que a justiça como controle social no mundo exerceu e exerce sua função estatal. Imaginemos nós, uma França crescendo economicamente e desenvolvendo suas colônias, necessitando de força de trabalho e seus índices de criminalidade aumentando justamente nesta época, mas é necessário fazer outras reflexões a respeito.

Desenvolvimento coloniais da França, necessitando de mão de obra grátis, explodindo os índices de criminalidade, e Charrière denunciando a partir de uma literatura que virou

clássica no planeta, não é para se refletir quantas pessoas foram condenadas injustamente para fazer parte da força de trabalho das colônias francesas, quantas pessoas que se posicionavam contra o governo francês na mesma época foram presas?

É necessária esta reflexão para dar base existencial ao tópico, e assim no Brasil, pensar que o sistema prisional serve para chantagear quem atentar contra os poderosos, não os que desenvolvem a democracia de forma salutar, mas os que se corrompem, ao serem denunciados com os poderes nas mãos podem perseguir seus opositores e mostrar a placa do sistema prisional brasileiro como consequência.

Nos discursos políticos é isso que se vê todos os dias, tv e internet o tempo todo mostrando que alguém pode ser preso, na maioria das vezes políticos em debates e oposições, ganha quem tem o poder, claro corrupto.

Mas Sócrates desarticulou Gláucon ao afirmar que justiça não está somente no arquétipo estrutural do estado, deixa em aberto e vai discutir durante todo o resto da conversa que justiça está ligado a um conjunto de outros fatores para se construir, inclusive partindo da educação e desenvolvendo uma sociedade consciente e não técnica.

Isso que Sócrates posiciona a não dar um conceito técnico de justiça para Gláucon é muito visto nos dias de hoje, ora, se uma pessoa for condenada, seja ela inocente ou não, ao sair da prisão, mesmo depois de pagar toda sua pena ou ser inocentada pela justiça técnica de estado, ainda assim ela será julgada para o resto da vida na sociedade. Resende (2013, p. 11) afirma:

Compreende-se também neste contexto que a pena de prisão é naturalizada e, em meio à desigualdade social, se torna uma das principais formas de controle social. Desta forma, é necessário considerar o impacto da política criminal brasileira em termos sociais, políticos e econômicos.

Então os que se apropriam do poder para fazer o mal não estão mais preocupados em manter ninguém preso, quando o assunto é controle, pelo contrário é necessário que o detido, preso ou custodiado saia logo, porque não é a retirada da liberdade que condena o cidadão seja ele infrator ou não, mas sim o preconceito e a exclusão que este sofrerá depois de sair do sistema prisional aqui no Brasil, o que em tese seria para ressocializar e a justiça fazer justiça.

O sistema político do Brasil, a social-democracia trouxe em 1988 uma constituição cidadã que estabeleceu uma república federativa presidencialista, dividida em três poderes da república, o executivo, o legislativo e o judiciário, ambos independentes, porém devem ser harmônicos entre si. Com isso o campo administrativo foi construído para que o estado seja inquisitório e a justiça seja a julgadora das inquisições ou de processos por ela desenvolvidos a partir de competências do poder judiciário, por isso é chamado os procedimentos que partem

do estado de inquérito policial.

Na prática funciona da seguinte forma, o estado é responsável por manter a ordem e a paz, através dos órgãos de segurança pública, onde desenvolvem segurança preventiva e repressiva, este último depende de requisitos fenomenológicos para que aconteça, é o caso por exemplo, do flagrante delito que pode ser desenvolvido ações repressivas, que vai da detenção do indivíduo ou de grupos até retirada da vida do flagrantado, para este último é necessário que o órgão tenha julgado vários procedimentos até chegar a esse nível.

Dependendo da situação o agente fará, se assim tiver os requisitos para intervir na vida humana, é o caso de quando a sua vida e a de terceiro está em eminente perigo de morte, e aí é chamado de estado de necessidade ou estrito cumprimento do dever legal, isso serve também para cidadãos comuns, que no caso pode ser chamado de legítima defesa.

Esses mesmos órgãos ainda que atrelados ao estado, poder executivo, também podem desenvolver ações repressivas quando assim a justiça determinar, é o caso dos mandados de busca e apreensão ou ações coercitivas determinados pelo poder judiciário, de acordo com as competências dos tribunais.

Nesses dois casos o estado exercerá seu poder de justiça, seja partindo da administração ou do próprio poder judiciário, porque a ideia que se tem é que os direitos dos cidadãos e da sociedade devem prevalecer acima das ações cometidas por indivíduos ou grupos, essas ações estão estabelecidas em regras constitucionais, mais precisamente dentro do código penal brasileiro, que esclarece quais condutas os cidadãos brasileiros não poderão executar.

A exemplo disto, é o caso do artigo 121 do código penal, que de forma direta, o estado através da lei, diz: Matar alguém (conduta) e aí estabelece a pena (reclusão de 6 a 20 anos), neste caso se o homicídio for simples, se houver qualificação, a lei assim especifica a conduta e as penas, a ideia é fazer os cidadãos entenderem que se fizer algo assim, terá essas penas, então de forma imperativa, o estado coloca suas regras.

Porém a competência de justiça, de analisar tanto os inquéritos quanto os processos desenvolvidos pelo próprio poder judiciário através do ministério público é do poder judiciário, ou seja, neste capítulo será discutido essa justiça, a pergunta é, ela faz mesmo justiça? Ou é mais um aparelho do estado para que o poder seja legitimado e assim o controle de estado seja justificado por um poder técnico e independente? Como essa justiça desenvolve a ressocialização em meio ao controle de estado? Então é isso que este subcapítulo vem refletir.

É necessário pensar que os estados liberais não tinham lucros com as mortes ou com as dores dos supliciados, é muito mais vantajoso ganhar mão de obra em troca de penas, justificado pelas lutas dos direitos humanos. Sim, é menos ruim esse sistema, mas não está em jogo aqui a

crítica a ele, até porque se busca até o final desta dissertação fortalecer a crítica ao processo de ressocialização.

Então de forma efetiva e não como um poder que visa chantagear sua sociedade no que concerne à sua liberdade, porque no âmbito da sociedade não é pregado a prisão como ressocialização, mas sim como uma prisão punitiva, cruel e que mata, aliás é o que a sociedade tem visto em muitas rebeliões, a sangria sendo executada e várias mortes no interior dos presídios.

A ideia de suplício explicado por Foucault também era de melhorar a sociedade assim como a ideia de ressocialização também é de melhorar a sociedade brasileira ao ponto de isto surtir efeito nas ações dos indivíduos reincidentes ou não. Mas por que não surti? Por que as melhorias e as reincidências não acabam? Pois é, no contexto do suplício também não melhorava, pelo contrário aumentavam os crimes, e no contexto de vigiar e punir quando as penas deixaram de ser os suplícios, o índice de crimes de sangue caiu drasticamente não apenas na França, mas em toda parte do ocidente que flexibilizou as penas mais restritivas à liberdade ou a penas de execução rápida, sem dor e sem ostentação.

O que está em jogo não é a diferença material das punições, sejam elas suplícios ou ressocialização, mas a forma como o estado reprime sua sociedade afim de buscar segurança. Para isso o estado necessitava legitimar o controle e criou o poder judiciário, porque agora as pessoas não poderiam mais dizer que o estado age com seu poder soberano, agora existe um outro poder que cuida disto. Mas é necessário ter cuidado neste momento, veja, não é a separação dos poderes o problema, nem o poder judiciário enquanto instituição democrática, mas sim o autoritarismo que se apropriou disto para exercer sua força autoritária em países democráticos como o Brasil.

É necessário fortalecer a democracia sempre, porém no meio desta democracia o autoritarismo ainda existe se apropriando de mecanismos democráticos e entendendo a força, a tortura, as mortes como ações legais das regras de uma nação, no caso do Brasil, a constituição é a todo tempo analisada para combater esse autoritarismo que acontece por agentes dos três poderes da república, então é isso que está em jogo.

Pensando na justiça como controle de estado, porque é necessário entender que os poderes são harmônicos, e que se seus agentes tramarem algo contra alguém ou grupos, isso é possível, então temos sim a possibilidade do Brasil ser controlado através da justiça, não da justiça justa, mas da justiça injusta que parte por quem se apropria do poder para desenvolver o mal contra aqueles que porventura venham se manifestar contra decisões do executivo por exemplo.

Muyart de Vouglans (1780, p. XXXIV *apud* Foucault, 2014, p. 50) “Vemos pela própria definição da lei que ela tende não só a defender, mas também a vingar o desprezo de sua autoridade com a punição daqueles que vierem a violar suas defesas”. Então, Foucault levanta a possibilidade que o estado tem de controlar uma sociedade através de um outro poder independente para que não seja culpado de trama ou de exercer autoritarismo.

Então não é errado os poderes, aliás temos que fortalecer, porque foi uma conquista de muitos anos, muitas lutas, mas é necessário que a sociedade seja conscientizada de que há possibilidade de controle e não é controle bom, é controle soberano, seja o estado monárquico ou republicano, no caso do Brasil em específico, republicano e democrático.

Voltando para o Brasil e para a temática desenvolvida o estado exerce sua força de controle através da justiça brasileira quando assim o quer, porque quem opera suas execuções são seres humanos cheio de parcialidades interpessoais, racistas, fanáticas e com ódio, ou seja, cheia de emoções e fortes indícios de que a política consegue controlar as decisões de quem deveria julgar com imparcialidade os casos no Brasil.

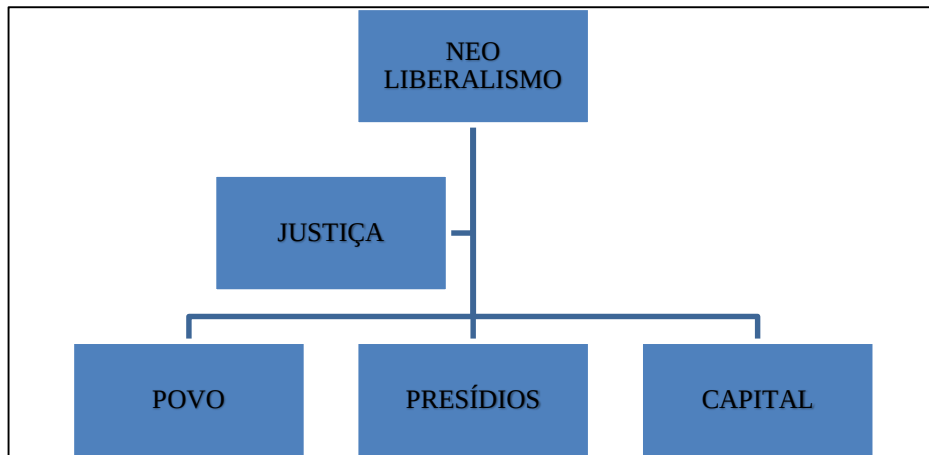
Na prática significa que o nome das punições apenas mudou de caracteres, no caso do Brasil, a ressocialização, mas os efeitos da violência para exercer o poder de estado e de controle são os mesmos, é o que explica Brito (2017, p. 53) “Uma vez que o exercício do Poder não é unicamente o exercício da repressão e da negação, a violência, um dos seus mais eficazes instrumentos, como comentado em relação aos suplícios, por exemplo, continua com o mesmo nome, mas com estereótipo em mutação”.

#### 1.4 A Função do Sistema Penal de Fato

Para que tudo isso aconteça é necessário ter uma justiça aparelhada que garanta o controle de estado, agindo de forma legítima, controlando os assuntos e as pessoas, é necessário um mapa para que se consiga entender o que o capítulo está a dizer.

Abaixo um desenho do que o país na prática do seu sistema jurídico é enfatizado da justiça injusta quando assim quer ser ou é na maioria das vezes em parte, então esse é o mapa do sistema que parte do neoliberalismo, corrente econômica que busca a redução estatal e a privatização das coisas públicas, e ainda, tenta a todo custo a desregulamentação das coisas públicas, para obter capital e lucro.

**Figura 1:** O sistema penal a serviço do neoliberalismo



**Fonte:** Elaborado pelo autor. (2025)

O quadro acima é um recorte deste subcapítulo na qual quer explicar o verdadeiro fundo da justiça brasileira na prática, a crítica é que o sistema prisional brasileiro justificado por justiça, não nasceu para fazer justiça, ela nasceu para edificar o sistema vigente, o capitalismo.

O movimento mundial Liberalismo, hoje sendo desenvolvido como neo-liberalismo que inicialmente se fundou como um movimento revolucionário desarticulando os grandes impérios e monarcas, elevando a classe burguesa aos poderes dos sistemas políticos no mundo nada mais foi que uma estratégia dos próprios poderosos, essa marca de revolução é acima de tudo um clichê histórico, porque não aparece todos os bastidores nessa história resumida.

É necessário que se faça estudos aprofundados para entender quem estava nos bastidores dessa revolução, não entrando no mérito deste contexto, mas entender como eles, poderosos das grandes famílias históricas de dentro das famílias reais estão hoje controlando o comércio, a política e a justiça.

Esse neoliberalismo formatou os sistemas às democracias, no caso do Brasil que sofreu todas os estímulos de mudanças no mundo, dentre elas a forma de justiça, não que foi para pior, não é disso que se fala, mas sim uma forma de controle dentro dos parâmetros estabelecidos pelos pedidos da humanidade, é que também é necessário estudos epistemológicos a respeito dos discursos a respeito desse formato de sociedade ao qual estamos defendendo. Aliás eu defendo com autenticidade, mas é normal enxergarmos que nela estão vísceras de poder sendo jogados em meio a uma constituição cidadã.

Por exemplo, hoje os patrimônios sejam mais interessantes para a legislação do que os crimes cometidos contra a vida, a banalidade de como é tratado as chacinas, as mortes nas favelas, as mortes justificadas pela guerra do tráfico, onde a sociedade internalizou que isso é

normal, que a solução é ficar mostrando na tv que ir para esse mundo é morte na certa, e ver por exemplo o nosso congresso resolver a vida dos grandes proprietários brasileiros, fazendo leis para proteção do patrimônio privado. Assuntos relacionados a herança por exemplo é pauta prioritária no congresso, enquanto o crime de estupro é simplesmente uma polarização secundária que ambos os lados políticos usam para levantar uma bandeira, quem é contra ou a favor de penas mais duras ou de procedimentos educativos mais intensos.

Diante do exposto, o mapa é também um divisor de águas, porque esse sistema de justiça foi introduzido por uma busca das massas indo as ruas, solicitando justiça justa na nova constituição, o fato é que hoje a mesma justiça que foi aclamada pelo povo a está na nossa constituição sacramenta uma classe pobre chamada de povo, para defender os interesses do capital.

O discurso de ressocialização, da justiça justa para todos esbarra em outro discurso, no privilégio, uma categoria dessa dissertação que deve ser levada em consideração, porque é por causa dela que as classes minoritárias estão sendo desassistidas pelo poder público e sendo assim a classe que se faz massa de vigilância do estado, onde justificam o tráfico, as armas, o roubo, o furto, enfim onde eles chamam de manchas vermelhas, perigosas ou as classes marginalizadas, mas que na verdade existem caminhos diferentes provando que não é bem assim, que esses estereótipos geográficos e sociais são na verdade injustiçados pelo próprio estado, pela justiça injusta, pelas polícias e presídios brasileiros.

Esse sistema de prender as pessoas, desenvolvida pelo neoliberalismo na verdade é um sistema de placa, colocada através da justiça ao povo para defender os ideais capitalista, então é por isso que não se resolve o problema da criminalidade, porque é proposital, o próprio sistema não quer se desfazer, porque existem contratos, dinheiro no meio, o caos, os problemas das guerras e facções se transformam em dinheiro na mão dos controladores.

É necessário entender que a proibição das drogas por exemplo está fazendo parte disso, o controle das armas, a proibição de fatores condicionados ao crime organizado não é bem-quisto, porque isso é riqueza a um grupo social. Não é bom acabar com o crime, nem com os presídios lotados, não é bom resolver esse problema, por que como é que vai fazer medo aos que criticarem o sistema? Como vai acabar com a reputação daqueles que se intrometem nos negócios da classe burguesa? Se o sistema é considerado um instituto que salva vidas? Como é que vai tirar um político da eleição se o presídio for uma faculdade que muda a opinião do criminoso para melhor? É necessário entendermos que os presídios têm funções de controle, poder e de produção de capital, além de chantagear toda a sociedade brasileira.

## 1.5 O Poder a Partir do Sistema Prisional

A alma de vigiar e punir é sobretudo o poder, Foucault (2014, p. 81) “A nova teoria jurídica da penalidade engloba na realidade uma nova ‘economia política’ do poder de punir, ele tenta explicar de forma categórica que a função da prisão é dinamizar o poder, desde o nascimento desse modelo de prisão até os dias de hoje, porque assim o vemos, sentimos e observamos.

Os estudos sobre poder em Brito (2017), orientado pelo professor Drº Leonard Costa conceitua dentro dessa estrutura de Foucault (2014) o que vem a ser esse poder da qual quer se fundamentar nesta dissertação. O processo é de opressão, é tanto que no trabalho da pesquisadora, “A violência da Não Violência”, ela critica o sistema que se apropria ou exerce desse poder para oprimir.

Os estudos do poder não foi o primeiro e nem o último foco das análises do Foucault. Ao estudar a loucura e ao perceber que a vontade da verdade, na realidade, é a vontade de poder, Foucault consegue compreender a magnitude de uma nova relação de poder-saber que não se localiza apenas entre o oprimido e o opressor. A opressão é uma maneira de manifestação e exercício de poder, mas a capacidade de retroalimentação do poder por meio de novos e diferentes jogos de saberes é o que diferencia nesse campo de estudo. Mas nem sempre o poder foi entendido como exercício do poder (Brito, 2017, p. 41).

Partindo dessa forma de conceituar o poder, o objetivo deste subcapítulo é mostrar como o sistema prisional brasileiro desenvolve seus mecanismos que parte do controle e se transforma em poder, controlando as massas populacionais e políticas, e até a econômica do país, entendendo a produção do crime dentro do próprio sistema prisional.

A reincidência, categoria específica desta pesquisa será o coração para o entendimento pleno de um sistema que não é pra ressocializar, que é mais um discurso social ou até mesmo político, através do entendimento teórico de Bakhtin e Calvet, ao qual será base para a análise geral do discurso de ressocialização, tema central desta dissertação.

É necessário entender que, a desconfiança do sistema prisional como um discurso que tem outro objetivo, que não é o de ressocializar e nunca foi, poderá embasar outras questões e indagações, por exemplo, que a escola não é pra educar como é posta, então este subcapítulo também deixará pressupostos teóricos metodológicos para pesquisas não só do sistema prisional, mas para todos os temas que buscam pesquisar o objetivo do discurso.

Mas antes de adentrar especificamente é necessário deixar claro que essa observância só é possível graças ao entendimento científico de Foucault (2014) que trouxe uma expectativa nos bastidores do verdadeiro objetivo da função de prender ou no mínimo deixou uma reflexão do sentido de punir ou “ressocializar” em outros interesses, menos o de reeducar. Foucault

(2014, p. 81) afirma:

Não foram os mais esclarecidos dos expostos à ação da justiça, nem os filósofos inimigos do despotismo e amigos da humanidade, não foram nem os grupos sociais opostos aos parlamentares que suscitaram a reforma. Ou, antes, não foram só eles; no mesmo projeto global de uma nova distribuição do poder de punir e de uma nova repartição de seus efeitos, vêm encontrar seu lugar muitos interesses diferentes (Foucault, 2014, p. 81).

Para essa pesquisa é interessante a centralização de categorias, algumas já debatidas, a punição somente pela punição, a dor, o caos, a separação social, o controle político e social através da justiça, a reincidência para este capítulo em específico, todos eles estão dentro de um discurso comprometido no que tange ao sistema prisional brasileiro, este último abrirá o debate na tentativa de explicar e como ele faz parte do jogo do poder no processo de reincidência.

### 1.6 Reincidência, um Processo Linguístico-Cultural

Quando se fala em reincidência ou até mesmo bandido bom é morto, porque pra ele não tem mais jeito segundo as falas constantes até mesmo em redes sociais, ou que na cadeia é pior, porque o bandido sai pior do que entrou, porque lá é uma escola do crime, é necessário abrir uma discussão sobre essas falas na sociedade, porque existem verdades e inverdades que ajudarão a esclarecer o poder por meio do sistema prisional.

Então é necessário entender a reincidência criminal, e que termos como bandido bom é morto, é na verdade uma trégua ao cientificismo, a sociedade, ignorando fatores humanos, até porque se o sistema prisional é sinônimo de condenação, então corremos o risco de estarmos matando pessoas inocentes, já que está neste sistema significa ser bandido, e portanto quem está nos presídios é bom é morto, e quando falo em primeira pessoa é porque todos devemos combater esse tipo de estereotipação, uma vez que o corpo social é indissociável.

Dessas três falas recorrentes a única verdade é que independente das pessoas que estão na cadeia serem ou não culpadas, elas realmente saem pior do que entraram, por uma questão óbvia é claro, qualquer ser em condições diferentes dos iniciais mudarão de acordo com o ambiente, mas é claro que algo mais relevante está em jogo, como em qualquer contexto histórico, ambiental ou social, a linguagem.

Não é por se tratar de penas mal elaboradas ou crimes mal resolvidos que o Brasil tem se mostrado incompetente de resolver seus problemas criminais, é por termos uma cultura secular comprometida, uma comunicabilidade estrutural usada pelas forças manipuladoras, um processo linguístico em mal uso, uma ferramenta muito forte em construção, ora, não só no contexto prisional, mas a linguagem é a alma da construção cultural de um país.

É por isso que podemos ter as maiores penas e cruéis, que não iremos ter êxito no

desmanche da criminalidade, não está nas penas o problema, porque temos sim uma eficiência penal, as punições ou ressocializações na restrição de liberdades mantém pessoas isoladas há anos, décadas, isso é um fato incontestável, vários exemplos de pessoas presas há algum tempo, mas por que elas não surtem efeitos preventivos ou até mesmo repressivos, já que Foucault esclareceu que a pena é estendida para o corpo social de uma sociedade? Que sua exposição desde os suplícios até as penas de restrição de liberdade não surtem efeitos aos que olham para ela como um exemplo, aliás nem no próprio autor do crime, nem nas crianças e adolescentes que estão crescendo e sendo marginalizadas.

Tem pena no Brasil que dura 30 anos, mesmo que os detentores delas cumpram 15 anos, a metade, ainda assim é muito tempo, nenhum ser humano pode dizer que viver 15 anos encarcerado, sem liberdade é sinônimo de penas flexíveis, aliás ainda assim são duras penas, mas ainda assim na própria história das prisões Foucault (2014) mostrou que mesmo com penas duras, suplícios, decapitações e crueldades com o corpo, mortes instantâneas e exposições de cadáveres a toda a sociedade na França, resolveu o problema da criminalidade e muito menos concertou ou ressocializou indivíduos.

Ainda assim, como Charrière mostrou em Papillon sua aventura mostrando uma cadeia dura com penas perpétuas, condenados à morte, com duros trabalhos forçados, a França aumentou sua criminalidade na sociedade, por que a história mostra isso, e ainda assim pedem penas cada vez mais duras? Por que a sociedade almeja penas mais cruéis achando que vai resolver o problema criminal, ainda com as penas que estão postas não se tem resultado?

A reincidência é o processo de continuidade do crime, ela se aplica a todos que cometeram algum tipo de crime, julgados e condenados, e que após transitado e julgado seu processo com sentença condenatória comete outro delito criminoso duplicando ou cometendo novamente um outro crime dentro do período que esteja cumprindo a pena. No Brasil em geral a sociedade culpa as penas brasileiras por serem ineficazes, culpam as penas flexíveis, processos democráticos no poder judiciário como o instituto da presunção de inocência, o direito de permanecer calado, audiência de custódia e até mesmo nosso processo legislativo.

Essa culpa se dar dentro de um campo não científico, na comunidade informal, muitas das vezes usados pela política paralela partidarizada, uns usam para dizer que um lado democrático tem um discurso flexível a ponto de estimular o crime e do outro lado de ameaçar o instituto democrático de direito constitucional, direito a vida, liberdade, de ficar calado, agilidade jurídica com a prática jurídica adotada nos últimos dez anos, de que todo brasileiro acusado, indiciado ou flagranteado deve em até 72 horas ir até a presença de um juiz, a chamada audiência de custódia.

Essa polarização sequestrou de forma errônea esses fatores da reincidência e há uma desinformação nessa comunicabilidade. É que o uso dos seus conceitos não estão preocupados com a verdade, mas sim de convencer lados para derrubar nomes na política nacional, principalmente no presidencialismo, dependendo como os presidencialistas se comunicam serão relacionados ao absolutismo ou a anarquia, ambos apelidados é claro, mas que em uma linguagem mais comum, de um lado um discurso usando a direita, do outro lado usando a esquerda, e mesmo que realmente houvesse estes lados políticos de fato e direito, ainda assim é um erro muito grande relacionar essas questões ao partidarismo nacional.

O que na verdade existe é uma classe mostrando todos os dias que não se quer resolver os problemas com penas duras, nem as operações ostensivas tem o objetivo de regular o crime, e a reincidência não se dá pelo fato de que no Brasil tem penas leves, nossas leis foram evoluindo conforme a necessidade humana, estamos dentro de um aparato tecnológico de leis que acompanham países de primeiro mundo na sua essência, as leis existem, talvez o que não exista é a execução dos processos que elas, as leis determinam, o que leva a crer que o problema não está na legislação, porque elas acompanham a atualidade do sistema capitalista de acordo com países que estão também atualizados.

Um ser humano não comete crime porque na hora ele imagina que aquela conduta tem pena flexível, porque se fosse assim não se tinham grandes índices de homicídios no Brasil, já que a lei para essa conduta de matar alguém é dura no que tange a restrição da liberdade, no entanto cresce a cada dia homicidas no Brasil. o cometimento de crimes como o homicídio está no fator cultural, na construção de um país com ódio, onde falar que bandido bom é morto é normal nas redes sociais. Onde algumas músicas falam em matar, bombardear, bater, trair.

É necessário uma reflexão ao ponto de que uma pessoa consciente à cultura daquilo de que se quer construir não dependa de lei para que uma pessoa não cometa crime, de quê, independente se existisse ou não penas e um sistema prisional, algumas pessoas não cometeriam porque existe uma cultura, um processo linguístico familiar, um aprendizado, onde matar e roubar é construído como errado, ruim, péssimo e de mal caratismo que atinge o consciente do ser em construção, a sua índole, e o seu bem estar.

O discurso de que o sistema é para ressocializar esbarra nisto, porque se nem as penas e as prisões mais horríveis do mundo e do Brasil não conseguem fazer uma sociedade entender que descumprir as leis é ruim para ele mesmo, imagina só o processo de ressocialização que na prática nada mais é que ferramentas constitucionais como, a educação, o trabalho e a socialização de custodiados dentro dos presídios, que estas nem nos ambientes da liberdade estão surtindo efeitos, imagina só com seres humanos presos, em condições desagradáveis.

A reincidência está sendo aprendida, uma das verdades dessas falácias no ambiente informal é de que os presos entram e saem pior, mas não é por conta do sistema legislativo não, é porque existe uma sociedade presa, criminosos, ora, crimes são linguagens, e se o estado colocar pessoas em contatos com outras pessoas criminosas é claro que o resultado vai ser a reincidência, o sistema prisional brasileiro é sim uma escola de fazer criminosos.

Calvet (2002, p. 12) “Ora, as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Os resultados alcançados a partir dos estudos e mudanças da Linguística, especificamente partindo de Calvet (2002) levam ao entendimento de que a sociedade é resultado do contato das línguas, culturas e sociedades, logo analisada do ponto de vista do Discurso e da Linguística Aplicada, portanto é necessário ter consciência de que os crimes também são linguagens, criminosos, mas são.

Calvet (2002) trabalha o processo plurilinguístico chamado Pidgin, mostrando que o processo de construção de uma sociedade, bem como sua estrutura de linguagens e ramificações que se transformam em variações linguísticas que determinam as ações humanas que são as culturas, partem de fenômenos sociais como o contato das línguas, por exemplo, essa conciliação linguística do teórico pode se aplicar a qualquer evento social.

Para o sistema prisional é o que há, a reincidência nada mais é que um processo de contatos de culturas, línguas, porque o crime é uma linguagem, cultural, claro que uma cultura criminosa, é portanto proibida, mas é um processo linguístico, só é possível tratar desse processo se a sociedade entender que, sim é uma cultura linguística, aí sim através das ciências linguísticas encontrar o caminho para estudos que dinamizarão o crime, como foi dinamizado a religião, a política, as classes sociais, os trabalhadores e qualquer classe.

A reincidência não só é uma categoria importante para essa pesquisa como prova de que não existe ressocialização, mas ela traz um dado muito importante, ela mostra que está acontecendo um fenômeno linguístico dentro desse discurso de ressocialização, os custodiados entram e saem, e quando saem estão mais fortalecidos no mundo do crime, estão mais espertos e se potencializam.

A reincidência como categoria de explicação, explica os extremos desta pesquisa, por isso é importante fazer uma conversão, enquanto para o mundo jurídico essa categoria é chamada de reincidência, no espaço linguístico ela vem ser uma cultura, e não adianta afastar isso, porque se as leis que dificultam os reincidentes funcionassem não teria reincidência, então é puro e notório que essa categoria é cultural e como cultura está dentro de uma concepção linguística chamada contato das línguas (Pidgin), ou seja, os custodiados em geral, réus primários entram em contato com os custodiados mais abrangentes, passam meses e anos em

contato com o crime concentrado, e saem de lá com mais experiência, ou seja, o contato dos presos super potencializa o crime.

### 1.7 Cultura e Sociedade Diante do Processo Penal

Para este subcapítulo, tem-se um estudo bibliográfico sobre a análise de discurso, neste caso, a pesquisa se concretiza como ferramenta de análise de discurso, que foi possível identificar as categorias e seus ressignificados dentro deste sistema um pouco conturbado que é o processo de ressocialização, logo é uma área de dentro da sociedade, importante de ser estudada, porque ela desenvolve questões de poder, para tanto a Análise de Discurso vai fazer o papel aqui em quanto área, mas também enquanto ferramenta de ressignificação, com ela, esta dissertação ficará clara aos objetivos, justificativas, finalidades e outros preceitos metodológicos ao qual quer chegar, no entendimento pleno do discurso de ressocialização.

Para se apropriar de estudos deste patamar através da análise de discurso foi preciso um estudo aprofundado sobre a área, e com isso trouxe para esta dissertação Freire (2006) com a obra conhecendo a análise de discurso, o que traz na sua concepção a linguagem, sociedade e ideologia, é basicamente o que este subcapítulo vai tratar, enfatizando a obra do autor em pesquisa teórica, onde foi possível a publicação de um artigo científico, publicado na revista contemporânea em 2023, intitulada, Análise de Discurso no Espaço de Sérgio Freire que além de ser um dos trabalhos de uma das disciplinas, agregou aos requisitos exigidos pelo programa de pós-graduação em letras da Universidade Federal do Amazonas.

Uma abordagem organizada sobre a obra do autor que explica em autores fundamentais sobre a Análise de Discurso, autores como, Saussure (1994) e Bakhtin, (1992) esses dois trouxeram para o entendimento da área, um parâmetro histórico, assim como Harris (1951), Halliday (1994) e Benveniste (1989) que trouxeram um entendimento a partir do estruturalismo, Marx (1965) com a epistemologia sobretudo em paralelo à Foucault.

É a partir de tudo isso que a Análise de Discurso se materializa como prática da linguística, é o que Da conceição santos *et al.* (2023, p. 15207) enfatiza:

A Análise de discurso é uma prática da linguística que estuda os processos sociais e discursivos da língua, onde a linguagem e ideologia serão objetos de estudos em sentido contraditórios para a constituição da linguagem, e o que Souza (2006) introduz como possibilidade polissêmica de vários sentidos.

A análise de discurso não é só uma área conceitual, neste caso ela se conecta com a própria camada que mostra cultura, sociedade e poder, a composição dela já traz no bojo epistêmico as ferramentas, é como se não tivesse como se desprender disso, estudar o processo nestes campos, é em tese estudar o processo de contato das línguas, logo da cultura, e se tem

cultura tem poder envolvido, e se tem poder tem-se cuidado, e como tudo é discurso, o que na verdade este sistema prisional é, um verdadeiro celeiro de Análise de Discurso, então seria difícil senão impossível adentrar nestes campos sem esta área do discurso, por isso é uma área de abrigo da grande área da linguística no programa de pós-graduação em letras da Universidade Federal do Amazonas.

Partindo desses estudos, Análise de Discurso que entende sociedade, cultura e poder, temos que, uma ideia construída, ora, o sistema prisional foi pensado, ele não está solto, ele está dentro dos interesses de capital, é de certa forma uma ideologia, raízes de pessoas que pensaram, então Foucault mostra em todos os estudos nos capítulos anteriores, consequentemente o estado e a iniciativa privam e se apropriaram dos tentáculos dos seus poderios nos dias de hoje, na sociedade contemporânea.

Marx alertou sobre os poderes capitalistas, dos fundamentos de poder que se desdobrariam em apropriação de elementos históricos da sociedade para usar como ferramenta para dinamizar o controle, então estamos diante de um sistema que na verdade visa controlar seu poder de barganha, capital sem segurança, sem uma força que ameace ou chantageie a inteligência humana, não se sustentaria, então é só possível a propriedade privada e todos os seus poderes diagnosticados, seja bom ou ruim, é só possível, graças aos poderes, no caso a justiça, o poder de polícia do estado, a força de barganha econômica e principalmente do poder que tem com as leis.

Essa ideologia é caracterizada de forma simples em Marx, pelo menos é o que Souza (2006, p. 49) estabelece:

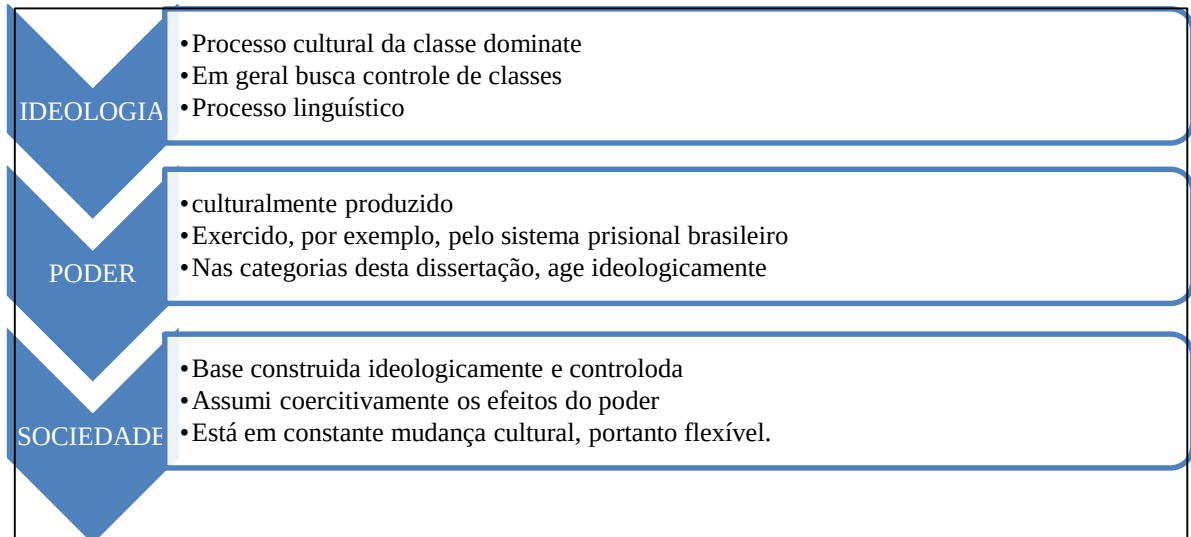
Para Marx, a ideologia caracteriza-se por ser um conjunto de ideias que a classe dominante utilizava para dominar a classe dominada, mascarando e distorcendo a realidade dessa classe. Marx enfatizou sua convicção de que os indivíduos agem sem intenção criminosa, sem dolo, ao adotar um modo de pensar ideologicamente distorcido.

Esse olhar um pouco histórico apontado para um passado não muito distante é a realidade de hoje, o que podemos dizer que em tudo existe ideologia, mas ideologia dominante só um lado tem, e não é o nosso, com certeza não estamos do lado da ideologia que domina nem de perto, é necessário que alinhemos nosso pensamento ao de Marx no sentido científico social, através da sociologia será possível uma abordagem neste método.

Estas categorias, que tangenciam o poder é simplesmente a Análise de Discurso, porque ao categorizar fica explícito que fez análise, senão nem categorizava, então estamos diante não só apenas de uma área do saber, mas de uma área metodológica qualitativa, um mecanismo que mede fenômenos sociológicos, que mapeia e que esclarece os sintomas sociais, ou seja, em se

tratando de sistema prisional, a Análise de Discurso é fundamental para o estudo em debate, é através dela que foi possível toda essa pesquisa, uma abordagem qualitativa, uma seleção dos assuntos da grande área da linguística difícil de ser estudada, mas fácil de ser compreendida.

**Figura 2:** Estratégia de poder na temática sistema prisional brasileiro



**Fonte:** Elaborado pelo autor. (2025)

Para este poder se concretizar é necessário que a partir das ideologias de cada cultura e sociedade no mundo seja processado desta forma, pelo menos é o que os estudos que ideólogos fizeram dentro da contemporaneidade a respeito de cultura e sociedade, apesar de Eagleton (2006) classificar ideologia como o conjunto de ideias de todos os grupos e não apenas da classe dominante, neste caso irei voltar ao pé científico de Karl Marx que deixa claro que todas as ideologias se convertem as ideologias de classe dominante, é difícil de entender que as classes dominantes dominam até a ideologia dos dominados, segundo Eagleton (2006) isso seria uma forma de perseguição social a uma classe que desenvolve suas filosofias de vivência a partir do conhecimento de mercado.

Porém o próprio Eagleton (2006) explica sobre os ideais da classe dominante de forma mais técnica, em contrapartida o mundo Marxista é mais interessante para esta proposta de ideologia, ora, os ideais da classe dominada são os ideais da classe dominante, o que se tem é uma questão ideológica para que a classe dominada pense que existe, como o próprio Marx (2019) explica que as classes dominantes irão sentir sensações de existências, porém são falsas complexidades de vidas, produzidas pela classe dominante.

O que acontece é que a ideia de emprego, trabalhador, é uma falsa sensação de justiça social, de políticas voltadas para o ser humano, é como se a engrenagem necessitasse disso por

uma condição, ora, para ter empresas devem ter mão de obras, porém não é a empresa que depende do trabalhador para existir é a mão de obra que vive em detrimento do que lhe é oferecido.

Pensando neste debate entre o pensamento de Terry Eagleton e Karl Marx, colocado neste contexto da questão dos conceitos sobre ideologia, não muito conturbados, mas complementares, entendo que os ideais de justiça e da criminalística, processo de ressocialização também são ideias de processos de poder, a classe dominante idealizou uma falsa sensação de punitivismo, inicialmente explicado por Foucault (2014) claramente crítico deste sistema, e depois por uma sensação de ressocialização, este último a temática principal da dissertação, para dizer que, esses avanços acontecem porque a sociedade evolui, com isso são necessários discursos concernentes aos tempos.

De acordo com Souza (2023) em aulas comentadas em uma das disciplinas do programa de pós-graduação em letras da Universidade Federal do Amazonas, existe dentro da psicanálise um estudo sobre tempo, mais precisamente a cronotropia, onde o professor sugere os estudos relacionados aos avanços, o que na verdade existe é um discurso sendo modificado conforme a necessidade de amortecer os problemas relacionados àquilo que não cabe mais no presente, àquilo que pode ser uma desestrutura de pensamentos evolutivos, mas que no fundo são questões de discurso, é uma forma de mostrar que o mundo e as coisas se aparelharam a nova cultura, ao novo comportamento humano.

Freire (2023) sugere estudos aprofundados para estabelecer pensamentos quanto ao tempo, e perceber o quanto os discursos mudam de acordo com o novo modo de pensar. A reflexão fica quando problemas são levantados, a sociedade evoluiu de fato? Ou todo mundo agora resolveu aderir ao modo para se encaixar nos grupos sociais? Todos cumpririam esses novos modos ou são apenas discursos e clichês contemporâneos.

Aplicando esse pensamento e esses assuntos a evolução de punitivismo que chegou ao processo de ressocialização, será que é sério que o mundo agora está preocupado com a ressocialização dos criminosos ou é apenas discurso porque agora alguns querem parecer que praticam os direitos humanos? E os direitos humanos é mesmo uma preocupação mundial, então por que constroem bombas e armas químicas, e formam blocos de guerras, se aliam e fortalecem seus exércitos para guerras arrasadoras.

Pois então, a reflexão acima leva estes estudos a desconfiarem de que o Brasil adotou de fato o sistema de ressocialização. Este processo é mais um discurso de tempo para que o país ou governo brasileiro se adequem aos padrões humanitários do mundo contemporâneo, não estou criticando a ideia, estou criticando a hipocrisia, um país que fala de ressocialização e tem

uma das maiores carceragem do mundo, onde mais se tem homes, jovens, negros e favelados, pobres do planeta, onde é que nós estamos ressocializando?

Talvez nestes estudos é difícil responder o que a maioria, ao ler essa dissertação perguntaria, então se não tem ressocialização e exterminaram o punitivismo, o que acontece dentro das celas de todo o Brasil, a resposta é simples, nada, não está acontecendo nada, porque o sistema nunca foi pra acontecer algo com a vida destas pessoas que estão lá, aliás o sistema prisional é apenas uma palmatória disciplinadora dependurada no canto do Brasil para que todos os Brasileiros tenham medo de pegar porrada, com isso atingir seu tudo ou nada, controlar aqueles que tentarem criticar o estado, ou reclamar de qualquer sistema vigente, é uma chantagem aos que tentam criticar a iniciativa privada, ou que discordem de um governo ou um dos poderes, não pelas instituições, as instituições são bem vindas, elas devem existir, mas contra o sistema paralelo que tem dentro delas.

O poder neste caso exerce suas magnitudes nas instituições, o poder aquisitivo por outro lado tem o poder administrativo nas mãos, como bem ressaltou Marx (1998) o estado se tornou um escritório administrativo do poder econômico, neste caso a palmatória conotada neste tópico tem seu âmagô forte que está revertido pelo estado, o estado brasileiro no caso, executivo, judiciário e legislativo estão protegendo este poder econômico e o caos no sistema prisional é proposital para que todos entendam que lá é ruim de ir, que lá é a morte.

Em primeiro de janeiro de 2017 no complexo penitenciário Anísio Jobim na capital do Amazonas, 56 encarcerados foram mortos sem chance de defesa alguma, foi o que presenciou Valois (2025, p. 42) “A imagem era aquela das fotos em preto e branco dos campos de concentração nazista, só que ao vivo, a cores. Vários corpos empilhados, um por cima do outro, alguns sem cabeça, sem braço, outros carbonizados. Tudo jogado em um canto, próximo a entrada”. Essa imagem vista por Valois (2025) é o retrato do efeito que o caos produz para chantagear o povo em geral.

Esse sentimento só quem vai ter são as pessoas que tem consciência plena, logo os menos ignorantes, mas é isso que está à assegurar, os que tem condições de modificações na sociedade se sintam chantageados pelo medo de irem presos, isso acontece desde o ensino básico quando o aluno tem medo de ir pra diretoria, tem medo de ir expulso, quando ele tem medo de ser punido, em tese nosso sistema tem um sistema paralelo chamado medo e o sistema prisional brasileiro é só mais uma estratégia do neoliberalismo.

## 1.8 Criminalística

Na verdade, buscar uma solução para a criminalística seria aceitar o processo evolutivo

do discurso de ressocialização, seria dizer que o problema está no processo de ressocialização, quando na verdade nem acontece essa ressocialização, seria uma evolução do sistema punitivo mostrado por Foucault, seria aceitar que tem que existir sistema prisional, e seria uma contradição tentar encontrar uma solução para isso quando na verdade esse sistema nem deveria existir.

Mas por que não deveria existir? Por um simples fato, o caos é produzido, a cultura é produzida, os ideais são produzidos e os avanços e evoluções são controlados, então os crimes são oportunizados, a retirada da vida é um ato criminal estimulado, os furtos e roubos estão à deriva, os crimes na verdade são tentáculos da corrupção, eles existem para colocar na cadeia a classe dominada, para que os criminosos de verdade sejam amortecidos, para que a gente consiga ver só o criminoso pobre, negro, tatuado que rouba, mata e estupra.

Os criminosos que realmente fomentam o caos na sociedade brasileira não aparecem nem nas especulações de custodiados, e ainda assim, quando cometem crimes, são beneficiados pelo privilégio da classe dominante que está em todo o sistema penal, que vai da apresentação até a defesa em julgamento, está nas instituições públicas e privadas, nos poderes da república e até no condicionamento da execução penal.

Mas a final, o que deve ter realmente na nossa sociedade como fundamento para a não perseguição criminal, ou para o não pensamento do crime, logo no não crime?

No Brasil é muito comum usar um discurso de que a educação é o futuro do país, é por ela que não existirá mais o crime, ou amenizá-lo, porém quando olhamos para países berços da civilização educacional, países como estados unidos, percebemos que não é bem assim que funciona, Estados Unidos, por exemplo, tem um alto índice de encarcerados, ora, lá se investe em educação de ponta. Eu complico e descomplico essa questão, porque é por comparação que iremos entender lugares que não tem essa educação financiada pelo neoliberalismo que inexista crimes, ou as vezes nem um ato sequer de imoralidade entre seres humanos, e podemos ver isso em algumas comunidades ribeirinhas, ou comunidades indígenas, onde não se tem essa base educacional, porém os povos mantêm suas culturas e seus respeitos entre os comunitários.

Não estou dizendo aqui que a educação é ruim, não, a educação nunca vai ser ruim, mas o problema do crime não é, e nunca será a educação, porque se fosse assim os americanos não tinham suas carceragens lotadas.

E para isso existiram vários contemporâneos colocando a culpa na educação, e possessivamente ficamos na expectativa que um país criminoso significa que a educação é precária. Os religiosos de determinadas denominações têm educação conservadora baseada em livros sagrados, e ainda assim, com essa educação voltada para o não estabelecimento do

pecado, cometem crimes, dentre eles os piores, estupros e aliciamentos de mulheres, escândalos envolvendo grandes líderes religiosos.

Em volta desta sociedade se formam as más influências, advindas dos vários problemas sociais, uma má influência vai formando outras más influências, e tudo isso começa muito cedo desde criança, é nas brincadeiras de ruas, de bairros, nos campinhos de futebol.

Barreto (2012) deixou-nos um estudo sobre os cuidados que a sociedade deve ter com os espaços públicos, com as brincadeiras de ruas, por conta da insegurança e das más influências, isto explica a fala de Mendes no que tange ao início de uma fase comprometida do ser humano.

Até o final da Idade Média, ainda era possível visualizar algum vestígio de liberdade anárquica, quando as crianças participavam de modo mais ativo, tanto no interior da família como nos lugares públicos. Com o advento da modernidade, esses espaços vão tornar-se perigosos com o contínuo incremento da violência cotidiana, que hoje se constitui um aspecto problemático da atual organização da vida social, especialmente nos espaços urbanos (Barreto, 2012, p. 59).

Com isto é necessário entender que a vulnerabilidade imposta pela sociedade contemporânea é senão um dos fatores mais relevantes para este fator que culmina em crianças e adolescentes infratoras, posteriormente no mundo do crime, e isso nos leva ao pensamento de que a vulnerabilidade, produzida pela omissão irresponsável da sociedade como um todo, a citação abaixo conceitua esse processo.

Apesar dos amplos dispositivos postos à serviço da infância, as bases de sustentação da economia moderna expuseram a criança em condições de vida degradante, em seus contínuos processos de ampliação das desigualdades. Isto é, apesar da visibilidade instituída no plano do Direito, da prevenção e das estruturas de serviços de proteção, muitas crianças ainda permanecem invisíveis e destituídas das garantias prometidas pela modernidade (Barreto, 2012, P. 32).

Partindo do pressuposto que é na vida infantil que estes fatores aparecem, é necessário o entendimento de todo o setor pedagógico, da infância, e o porquê das condicionantes que estimulam e aliciam menores para o mundo do crime. Talvez seja aí o âmago do problema do sistema criminal, é concertando isto que não precisaríamos de presídios, pelo menos essa é a lógica, ora quem comete crimes são seres humanos, eles têm fases de vida, aqui está mostrado onde esse crime adentra na vida de um ser humano, então nosso problema de segurança começa no nascimento, no desenvolvimento cognitivo do ser, na escola de base, na família.

## CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo é discutido os métodos da pesquisa, o tipo de abordagem, os procedimentos, os paradigmas, o tipo de pesquisa e suas naturezas, e principalmente os procedimentos de geração de dados e de análise de dados. Para tal foi necessário estudos com base em Stake (2011) que mostra caminhos metodológicos abrangentes a partir de outros estudos da área da metodologia.

### 2.1 Característica Metodológica

A pesquisa é de abordagem qualitativa com base nos estudos de Stake (2011, p. 25), pois como advoga o autor, “Fixa-se nos significados das relações humanas a partir de diferentes pontos de vista”. Portanto é uma experiência mais autônoma, onde há de fato uma liberdade para o pesquisador trabalhar a análise de discurso. Nesse sentido, esse tipo de trabalho tem como prioridade os estudos fenomenológicos dos relatos de pessoas que vivenciaram os ambientes do sistema penal brasileiro, uma vez que este pesquisador, como instrumento próprio da pesquisa, explica os dados abordados dentro de uma natureza básica dos fatos publicados em livros, artigos e monografia.

Os procedimentos partem de observações, investigações a partir das análises de relatos publicados, isso porque houve um consenso com a base de orientação, especificamente para esta temática, para a pesquisa bibliográfica em vez de pesquisa de campo.

Para este setor específico, há uma desconfiança em analisar dados fornecidos em campo, uma vez que o setor do objeto de pesquisa se quer dar total autonomia para o pesquisador em toda a sua área física, pelas várias dificuldades caóticas existentes dentro dos espaços penitenciários, uma delas a segurança para pesquisadores adentrar nesses espaços, e praticamente é impossível de coletar dados nestes locais, o que acontece muito é um fornecimento de dados, e logicamente nos faz pensar que relatos de pessoas que já viveram essas experiências são mais autênticos do que dados fornecidos pelos setores administrativos que mantém sigilos nesses espaços.

No contexto nacional e regional esta pesquisa vai estudar o sistema, o que deixa ela a vontade para ultrapassar os limites geopolíticos, uma vez que o processo de ressocialização é o mesmo em todo território nacional, então a crítica vai ao sistema, as análises dos relatos busca compreender o porquê dos problemas de ressocialização, e explicar por que ele reincide, então o processo de ressocialização que é adotado em Brasília por exemplo é o mesmo adotado nos presídios de Manaus e por isso tem os mesmos efeitos, portanto não se busca aqui culturas,

costumes, diferenças identitárias, se busca nesta pesquisa uma crítica ao processo de ressocialização que está vigente em nosso país, e que não ressocializa.

Para os procedimentos de geração de dados, abordou-se livros, monografias, artigos, dissertações, internet, com isso priorizou dados importantes que conversou com a pesquisa, alguns selecionados através de fichamentos, as pesquisas sempre foram buscadas de forma simples, em sites e livros impressos, com isso a leitura e interpretação desses dados à luz da teorização embasada nesta pesquisa.

A teoria de análise de dados foi elaborada a partir das questões prisionais, especificamente com base foucaultiana e francesa, oferecida pelo professor Dr. Leonard Christy, para essa base de análise de dados é utilizado o livro *Vigiar e Punir* de Michel Foucault de 1975.

O paradigma é interpretativista, porque segue uma lógica de interpretação através dos discursos, uma forma de mostrar funcionalidades, sejam elas sociológicas, filosóficas e até mesmo políticas, nesta temática, mais sistemática é possível argumentar e criticar os resultados obtidos a partir das análises, é o que afirma Stake (2011, Pg. 25) “Os pesquisadores se sentem confortáveis com significados múltiplos. Eles respeitam a intuição”.

Para esta pesquisa se protagonizou este pesquisador como instrumento, pois para a abordagem qualitativa não se tem máquinas, como explica Stake (2011), mas sim indivíduos humanos, ou grupos destes para várias tarefas sejam em campo, sejam em pesquisa bibliográfica.

A pesquisa não é uma máquina que processa fatos. A máquina mais importante em qualquer pesquisa é o pesquisador. Ou uma equipe de seres humanos. Na pesquisa qualitativa, os seres humanos têm muitas tarefas, como planejar o estudo, providenciar as situações a serem observadas, entrevistar as pessoas, avaliar as informações, reunir os fragmentos de ideias, escrever os relatórios. Quando pensamos em usar instrumentos em uma pesquisa, é necessário incluir os seres humanos como alguns dos principais instrumentos (Stake, 2011, p. 46).

Este pesquisador trabalhou com leituras propriamente bibliográficas, onde selecionou através de fichamentos, dados relevantes que enfatiza o discurso de questões prisionais, onde elaborou uma sistematização natural com um olhar humanístico em escritas importantes de cada relato e autores que relataram suas vivências com a experiência do sistema penal brasileiro, desenvolvendo comentários argumentativos a partir da ótica dos argumentos teóricos, embasados durante contextualização dos capítulos desta dissertação.

A pesquisa é pautada no interesse social, partindo da análise de relatos de bibliografias que contenham fatos em comum, no caso a temática da crítica a ressocialização, nesse espaço é possível observar que o sistema penal não é ressocializador, de acordo com fatores teóricos

encontrados no referencial teórico no capítulo conceitual, o que leva a pesquisa para uma alerta social, uma mensagem científica tanto para a comunidade científica em específico quanto para toda a sociedade em geral.

Nesta pesquisa foi fundamental fazer a seleção de materiais com publicações reconhecidas pela comunidade científica, pois buscou com isso a credibilidade com a pesquisa bibliográfica para um trabalho autêntico e original, e assim se estruturar na ciência como trabalho para outras pesquisas científicas. Para esse fator, De Sousa *et al.* (2021, p. 65) enfatiza:

A pesquisa bibliográfica é primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que nos permite conhecer melhor o fenômeno em estudo. Os instrumentos que são utilizados na realização da pesquisa bibliográfica são: livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados.

Segundo De Sousa *et al.* (2021) é nesse contexto que a reparação crítica acontece, os documentos bibliográficos fornecem autenticidade e dados para as análises, a fim de produzir conhecimento e fazem uma nova publicação, porque acima de tudo vem o conhecimento adquirido pelo próprio pesquisador que precisa argumentar sobre a temática desenvolvida.

Além da credibilidade, a pesquisa bibliográfica possibilitou levantamento de dados, informações atualizadas, infográficos, mapas e figuras ilustrativas, dados históricos, sociológicos, políticos e muitas informações capazes de formar uma concepção de análise de dados, de argumentação, é neste contexto que é possível materializar a pesquisa, a dissertação, a articulação com os fenômenos analisados nos dados formam uma camada criteriosa para a produção de conhecimento científico.

Ainda de acordo com De Sousa, *et al.* (2021) existem benefícios e pontos negativos na pesquisa bibliográfica, porém para serem negativos, dependerá apenas do pesquisador, os pontos sempre serão positivos casos sejam elaborados com responsabilidade.

Os benefícios de utilizar a pesquisa bibliográfica são: o baixo custo, o pesquisador quase não precisa se deslocar para encontrar pesquisas científicas públicas, pois com a internet encontram-se inúmeras pesquisas já realizadas. O pesquisador tem a possibilidade de investigar uma vasta amplitude de obras publicadas para entender e conhecer melhor o fenômeno em estudo. Os pontos negativos são: se o pesquisador que não analisar as fontes bibliográficas de modo correto acarretará uma pesquisa sem qualidade, pois baseou em dados infundados, ou se a escolha do tema que cerca a pesquisa tiver poucas obras publicadas pode comprometer a qualidade da pesquisa. (De Sousa *et al.* 2021, p. 68).

Toda essa questão leva as características de uma pesquisa bibliográfica, classificadas os tipos de as fontes, neste caso, primárias que trazem informações do próprio autor como instrumento de pesquisa, secundárias, porque trazem bibliografias que complementam a pesquisa, e ainda as terciárias que são catalogações das primárias e secundárias.

## 2.2 Epistemologia e as Bibliografias

Foucault (2014) traz um mapa completo do que significa esse sistema prisional no mundo, e para o Brasil que adotou o mesmo modelo não é diferente, estará a todo tempo dentro dessa análise do discurso. A discussão em volta do sistema prisional brasileiro é analisada cientificamente pela AD<sup>1</sup>, disciplina ou segundo Orlandi (1998) a antidisciplina que submete análise de cunho social, político e principalmente econômico para desvendar os verdadeiros interesses com o instituto prisional no Brasil.

Para pesquisar a partir da AD necessitou de um estudo aprofundado da matéria como disciplina, oferecida por Freire (2023) ao qual abordou o discurso diante de duas áreas, Linguística e Psicanálise, dentro dessas abordagens priorizou-se a Linguística como área específica partindo de um contexto histórico da AD até a sua aplicação propriamente dita, com o intuito de fazer uma análise mais detalhada considerando a análise como pressuposto epistemológico e base para destrinchar o objeto de estudo, Ressocialização do Sistema Prisional Brasileiro.

Para tal conhecimento extraiu-se da disciplina de Freire (2023) em curso, a obra do próprio autor chamada, Conhecendo a Análise de Discurso, (2006) ao qual vai abordar conceitos, classificações, aplicabilidade, o agente de AD, e como essa Análise de Discurso se torna indispensável para esta pesquisa e para se analisar o objeto de estudo temático nesta dissertação.

Reforçando a grande área da Linguística, o trabalho chamou teóricos importantíssimos para explicar os problemas dentro de uma abordagem qualitativa, considerando a questão prisional, um problema de linguagem cultural, que implícita no seu processo de execução, classificações de interesse institucional, que são elas, o processo de ressocialização, poder e controle em consonância com o setor econômico, analisada a partir de Foucault, mas diagnosticadas por clássicos da Linguística.

Rajagopalan (2003) traz uma linguística crítica partindo da linguagem, verificando a Identidade com a questão ética, para verificar de forma crítica esse objeto de estudo, através dos estudos proposto por Yin (2001). Bakhtin (2006) estabelece uma informação muito relevante sobre a filosofia da linguagem advinda do marxismo ideológico, onde vai estabelecer vários parâmetros de mundo ideológico, implicando em questões culturais que vão dar sentidos aos símbolos das questões prisionais brasileira.

---

<sup>1</sup> Análise de Discurso.

Essa questão Bakhtiniana vai se misturar com as questões dos contatos de línguas de Calvet (2002), onde vai levar a uma categoria importante neste trabalho, a reincidência, que vai ser a tese principal, pois segundo Eco (2010) alerta e ensina sobre a necessidade deste levantamento em trabalhos desse porte.

Os relatos bibliográficos desenvolvidos nessa dissertação são processos metodológicos de observações assistemáticas dos comportamentos de encarcerados que divergirão com o discurso de ressocialização e outros discursos trazidos por fontes oficiais do departamento penitenciário nacional DEPEN (2022) e do próprio governo Brasileiro (2023), fontes essas que fornecem dados fenomenológico observados de forma qualitativa. Os dados são diversos, como, infraestrutura, recursos humanos, vagas, gestão, assistências, população prisional, perfil dos detentos, e principalmente relatos publicados cientificamente.

As obra que deu tais relatos foram, Papillon de Charrière (1982) que traz relatos dos seus tenebrosos dias considerados para ele, um inferno, a obra é interessante porque o protagonista é condenado a prisão perpétua de forma ilegal e injustamente, Mendes (2009) que consegue encontrar na escrita o seu refúgio de uma vida de detento, e mesmo encarcerado por muito tempo da sua vida conseguiu ser um grande leitor e escritor, e pela organizadora Manuela D'ávila (2018) que escreveu sobre a prisão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), Nós Vimos uma Prisão Impossível.

Esses processos levaram o trabalho as categorias, Segurança nacional, Ressocialização, Poder, Reincidência, Corrupção, Controle, Caos, Racismo, Exclusão, Medo e Punição, todas essas categorias podem ser teses de outros trabalhos que surgirão a partir deste, porque eles são resultados da omissão social que o sistema prisional tem, e que na prática são apenas um discurso como vários outros, mas aqui será selecionado enfaticamente a categoria reincidência para ser a tese principal deste trabalho.

A base mais específica deste trabalho também é usada conforme Lakatos (2003) segue uma dinâmica dos trabalhos modernos, baseada em pesquisas bibliográficas, com coletas de dados de outros trabalhos científicos, instituições e outras fontes relevantes.

Frente a estes problemas levantei a seguinte tese, o sistema prisional brasileiro é o próprio causador da reincidência na sociedade brasileira e isso está teoricamente explicado pelo processo linguístico, fundamentados pelos linguistas mencionados neste trabalho, ao qual será desenvolvido durante toda a dissertação.

Partindo da ciência normal de Kuhn (1962), onde desenvolveu um pensamento paradigmático dos problemas e soluções através das revoluções científicas, que aconteceram na linha do tempo histórica com os fatos e as crises destes a desenvolver uma saída para esta crise

é fundamental estabelecer aqui uma concepção efetiva de cunho científico à considerar processos contemporâneos de aquisição científica, portanto Kuhn é referência completa para esse trabalho.

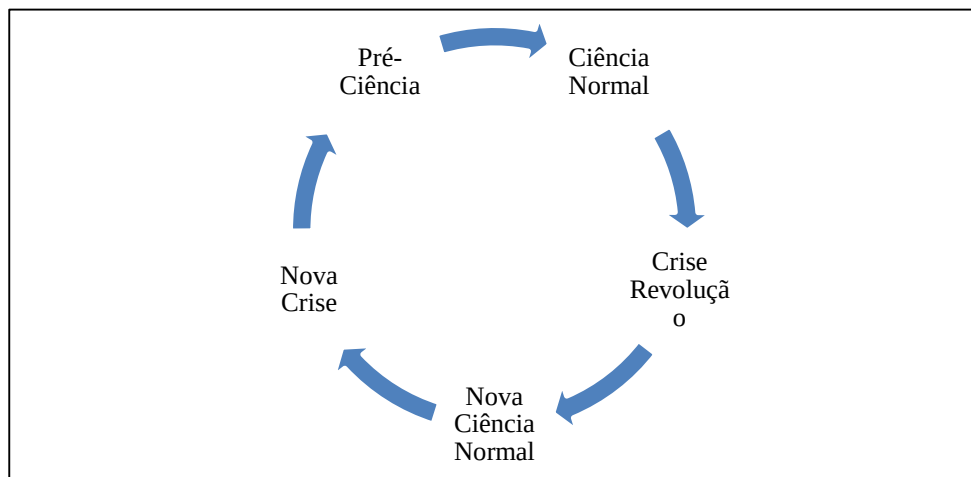
O capítulo iniciado é mais um momento da revolução científica de antecedentes modelos prisionais, punições ou tentativas de correção do indivíduo, grupos ou uma sociedade inteira, não que esse pensamento seja obsoleto, mas porque se trata de um pensamento fincado no criticismo, ainda que seja organizado a partir de estruturas do positivismo, o que é garantido o equilíbrio entre os dois mundos vigentes da ciência contemporânea, que, a partir de estruturas é possível a revolução dos fatos diante de observações de fatores em crise.

Pensando nisso, não se pode esquecer o quanto o sistema prisional no mundo é uma das áreas em constante crise, mas que nos seus momentos de vigência por se tratar de uma área muito voltada para modelos de segurança que se estabelecem a partir de pensamentos militarizados, portanto hierarquizados, são colocados como rígido do ponto de vista político do momento, o que se torna um paradigma difícil de ser quebrado.

Neste caso, só o tempo e as muitas mudanças científicas poderão evoluir o pensamento vigente de cada modelo de sistema prisional, e não se está descartando os modelos anteriores, apenas se discutirá os pontos críticos do modelo de hoje (2023) vigente, para uma tentativa sensata de apresentar ou apontar propostas científicas, seja ela reformadora ou não.

Então para este momento a adoção deste pensamento é muito importante, porque enfatiza Kuhn (2013, p. 48) “Teorias obsoletas não são em princípio acientíficas simplesmente porque foram descartadas. Contudo, essa escolha torna difícil conceber o desenvolvimento científico como um processo de acréscimo”.

**Figura 3:** Síntese Epistemológica de Thomas Kuhn



**Fonte:** Kuhn, (2013).

Com isso este capítulo, bem como todo o restante do trabalho se desenvolverá nesse pensamento infinito, paradigmático e revolucionário de Kuhn (2013), conforme o esquema de sua síntese epistemológica na figura acima.

### 2.3 Procedimentos de Geração de Dados

Segundo Stake (2011, p. 102) “O método para coleta de dados é escolhido para se adequar à questão de pesquisa e ao estilo de investigação que os pesquisadores preferem usar”. Para esta pesquisa os geradores de dados foram basicamente gerados por livros teóricos fornecidos por editoras por meio das compras em sites editoriais, e assim lidos e selecionados, partes deles através de fichas de leituras, através do google acadêmico que ajudou na seleção de artigos e na busca por autores e suas obras, inclusive por gerar dados das referências e na seleção de partes temáticas, para ajudar nos contextos das citações.

Neste trabalho foi desenvolvido a geração de dados em conjunto com a seleção das fontes, separadas na tentativa de responder teoricamente os problemas desenvolvidos, e claro foram administradas leituras críticas dos materiais abordados para a assimilação entre o que foi pesquisado e os argumentos, pelo menos é assim que De sousa *et al.* (2021, p. 73) orienta:

A seleção das fontes é o momento que o pesquisador seleciona ou separa as fontes que servirão como base teórica no desenvolvimento e na solução do objeto de pesquisa. Nesta etapa o pesquisador deve realizar uma leitura crítica, de modo que o pesquisador assimile as partes da obra ou a obra por completo, que refletem no desenvolvimento do objeto problema a ser solucionado. Assim o autor seleciona as fontes de acordo com o tema e o problema a ser pesquisado.

Uma característica importante desta pesquisa, é o gerenciamento desses procedimentos, pois foram organizadamente sendo desenvolvido de acordo com cada autor dos materiais para cada parte necessária, até porque os dados desta dissertação são relatos bibliográficos identificados em trabalhos publicados em espaços científicos, então é diferente quando os dados são gerados a partir da fala de uma pessoa em campo, que o pesquisador tem que fazer a análise das verdades do que se fala ou não verdades.

Na pesquisa bibliográfica os dados já estão publicados e as vezes até analisados, eles já passaram por um setor de editoração, o que vai se analisar é a concepção e não mais as verdades das falas, pelo menos em termos gerais temos que acreditar nisto, ou então nem era para está publicado, o que enfatizo a relevância deste trabalho autêntico e original.

A leitura crítica na hora da geração dos dados transforma os relatos em significados daquilo que o autor quer embasar, por isso não se pode trabalhar estes fatores de forma isolada, e sim em conjunto, simultaneamente, a geração de dados que estão dentro deste formato de livros fornecidos pelas editoras são em tese as mais interessantes, por estarem publicadas em

natureza de livro, e o livro é um material consideravelmente aceito em todas as camadas sociais, principalmente da científica.

Na geração de dados ainda, foi possível usar algumas ferramentas eletrônicas, os softwares, importantes em qualquer pesquisa, seja ela de campo ou bibliográfica, mas para essa pesquisa especificamente, além do google scholar, o scielo, dianelt, world wide Science, o BASE e para ajuda em livros autorizados, o open library.

Basicamente estes geradores de dados participaram de toda a pesquisa, seja para pesquisar palavras, frases, textos, livros, artigos, teses, dissertações, e até mesmo as concepções dos temas pesquisados. Eles geram dados de todos os elementos textuais de um trabalho científico, informações normativas como referência bibliográfica ao tema estudado em obras.

Na evolução das coisas, os geradores de dados são indispensáveis, e até mesmo as inteligências artificiais bem usadas nos geram dados excelentes, se usadas de forma articulada e responsável, então nesta dissertação as IA's tiveram um papel fundamental para levar este autor a espaços fundamentais da pesquisa, então a inteligência artificial gera sim dados importantes ao pesquisador, o grande problema é na hora de escolher qual servidor usar, porque assim como tem essa ferramenta para ajudar, ela pode atrapalhar.

Portanto neste contexto evoluído da internet, este pesquisador explorou diversas ferramentas que pudessem gerar dados importantes para a concretização da pesquisa, seja ela da base de análise ou da base instrumental científica.

Esses procedimentos foram acontecendo de acordo com a necessidade da pesquisa em consonância com a orientação, onde foram fornecidos essas ferramentas tecnológicas e métodos tradicionais como fichamentos, tabulações para o cruzamento de dados, inclusive foi elaborado um vídeo estruturado com as informações metodológicas para conservar os procedimentos iniciais da pesquisa e usá-los posteriormente.

Para gerar mais dados eu estabeleci critérios categóricos e através do estado da arte fui selecionando informações importantes para conectar os supostos dados ao corpo da dissertação e com isso eu fui usando as ferramentas scielo, google acadêmico, repositórios, bancos de teses e dissertações, baixadores de livros e assisti filmes para a sensibilização na hora de gerar dados.

Para organizar todo esse trabalho organizei uma tabela completa, nela eu mapeei todas as questões necessárias, além de ter ajudado nas questões referenciais dos dados, uma forma de não perder as informações e saber tudo o que está acontecendo na elaboração de dados, assim como suas gerações e análises. Nessa estrutura é possível verificar outras questões como filmes, documentários, séries e outras questões relevantes na pesquisa, é indispensável a elaboração de uma estratégia como essa, pois o núcleo de informação abordado é extenso e o número de

materiais necessários são muitos, então criar um banco de dados como esse é parte do conhecimento dos procedimentos de geração de dados.

Na pesquisa bibliográfica o estado da arte é essencial, e para isso são necessários estudos para a sua elaboração, bem como seu preenchimento, no entanto para a pesquisa bibliográfica mais específica o que se busca nela é a organização, porque o estado da arte seria um tipo de pesquisa bibliográfica específica, que neste caso desta pesquisa não é, mas sua contribuição estrutural foi necessária como parte organizacional da pesquisa em geral.

**Figura 4:** Banco de dados da dissertação

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|
| PESQUISADOR                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | JOSÉ ALESSANDRO DA CONCEIÇÃO SANTOS |
| <b>TEMA/PROBLEMAS</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                     |
| <p style="text-align: center;"><b>TEMA</b></p> <p>Análise do discurso do processo de ressocialização penal brasileiro: Crítica a partir de Foucault.</p> <p style="text-align: center;"><b>OBJETIVO</b></p> <p>Mapear dados desses trabalhos que sejam suficientes para discutir o <b>Discurso de Ressocialização</b>, com análises qualitativas, usando métodos de observações científicas, como por exemplo, documental, assistemático, análise direta, intensiva com relatos publicados de forma individual e amplamente bibliográfica. Em geral este trabalho será de cunho observacional e bibliográfico, suficiente para responder aos problemas levantados por essa pesquisa.</p> <p style="text-align: center;"><b>PROBLEMATIZAÇÃO</b></p> <p>Analisar o <b>discurso de ressocialização</b> a partir da ótica de Michel Foucault nas questões prisionais brasileiras, considerando as seguintes indagações problemáticas: Qual seu interesse primordial? E como ele se desenvolve de fato, na prática? Quais outros problemas ele está causando na sociedade brasileira?</p> <p>Em tese o sistema prisional nasceu para ressocializar, mas na prática é encontrado resquícios de domínio de classes, o que causa outros problemas sociais como, a divisão entre negros e brancos, ricos e pobres, já que a carceragem no Brasil é alastrada de negros e pobres, onde a maioria sai das paisagens periféricas do território brasileiro, pois é onde ocorrem os mais diversos problemas sociais.</p> |                                     |
| <b>ARTIGOS</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                     |
| Vigiar e Punir e os Estudos Prisionais no Brasil                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                     |
| Cultura Intramuros: Uma Reflexão Sobre a Prisão Brasileira                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                     |
| Questões de Gênero nas Instituições Prisionais: Um Olhar a Partir do Projeto Grupo de Diálogo                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                     |
| A possível Interlocução Entre Foucault e o Sistema Prisional no Brasil                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                     |
| A genealogia do Poder em Foucault: As Práticas Discursivas e a Sociedade Disciplinar                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                     |
| Significados da Ressocialização para Agentes Penitenciárias em uma Prisão Feminina: Entre o Cuidado e o Controle                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                     |
| Discursos Sobre a Imposição do Trabalho Humano como Critério de Ressocialização                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                     |
| Vigiar e punir: Uma análise comparativa entre a obra de Michel Foucault e o sistema prisional brasileiro                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                     |
| A Ressocialização do Preso no Brasil e Suas Consequências Para a Sociedade                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                     |

|                                                                                                                              |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O processo de ressocialização pós-encarceramento no sistema prisional brasileiro                                             |
| <b>LIVROS</b>                                                                                                                |
| Como se faz uma tese de Umberto Eco                                                                                          |
| A estrutura das revoluções científica de Thomas Kuhn                                                                         |
| Metodologia da pesquisa: estudo de caso de Robert Yin                                                                        |
| Foucault: vigiar e punir                                                                                                     |
| Bakhtin: Marxismo e filosofia da linguagem                                                                                   |
| CALVET, Louis-Jean - Sociolinguística - uma introdução crítica                                                               |
| Por uma linguística crítica – linguagem, identidade e a questão ética. Kanavillil Rajagopalan                                |
| Memórias de um sobrevivente de Alberto Mendes                                                                                |
| Papillon de Henri Charriere                                                                                                  |
| Nós vimos uma prisão impossível de Manuela D’ávila                                                                           |
| <b>DISSERTAÇÕES</b>                                                                                                          |
| A violência da ‘não violência’                                                                                               |
| As subjetividades e as relações de poder nos discursos de posse de Arthur Virgílio Neto                                      |
| Desinstitucionalização prisional e o discurso do método APAC                                                                 |
| Construindo discursos e identidade: Análise de músicas e da performance de Djuena Tikuna                                     |
| Blitzkrieg bolsonarista: uma análise foucaultiana da ascensão da necropolítica no Brasil                                     |
| <b>TESES</b>                                                                                                                 |
| Prisioneira invisível: o caso de uma mulher indígena no sistema penitenciário de mato grosso do sul                          |
| A reinvenção da prisão: a expansão prisional no estado de são Paulo e as consequências do encarceramento massivo (1985-2010) |
| As raízes da face punitiva do estado contemporâneo                                                                           |
| Entre os muros e grades da prisão: o trabalho do professor que atua nas celas de aula                                        |
| Percepções de uma supervisora de ensino, sobre a escola numa instituição prisional: estudo de caso                           |
| <b>MONOGRAFIAS</b>                                                                                                           |
| O conceito de ressocialização                                                                                                |
| Sistema prisional e a ressocialização do preso                                                                               |
| <b>CAPÍTULOS DE LIVROS</b>                                                                                                   |
| A questão espaço temporal em Bakhtin de irene machado                                                                        |
| A lingüística aplicada na grande área da linguagem                                                                           |
| <b>PRÉ-PROJETO</b>                                                                                                           |
| Análise linguística do discurso de ressocialização do sistema prisional brasileiro a partir de Foucault                      |
| <b>FILMES</b>                                                                                                                |
| Carcereiros, o filme                                                                                                         |
| Papillon                                                                                                                     |
| Carandiru                                                                                                                    |
| <b>DOCUMENTÁRIO E SÉRIE</b>                                                                                                  |
| O prisioneiro da grade de ferro de Paulo sacramento (documentário)                                                           |
| Carcereiros (série)                                                                                                          |
| <b>DADOS GENÉRICOS</b>                                                                                                       |

|                                                                                                                                                                |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sistema prisional brasileiro.                                                                                                                                  |
| População carcerária brasileira, infraestrutura, recursos humanos, vagas, gestão, assistências, população prisional, perfil dos presos, entre outros. (DEPEN). |
| Teóricos.                                                                                                                                                      |
| Contato das línguas variações linguísticas (Bakhtin e Calvet).                                                                                                 |
| Críticas ao sistema prisional (Foucault).                                                                                                                      |
| Relatos sobre sistema prisional mundial e brasileiro, o ambiente carcerário, o processo de ressocialização, etc (Alberto Mendes e Henri Charriere)             |
| <b>CATEGORIAS GERAIS</b>                                                                                                                                       |
| Segurança nacional, Poder, Economia, Política, Corrupção, Controle, Miséria, Caos, Periferias, Racismo, Exclusão, Medo, Punição.                               |
| <b>CATEGORIAS ESPECÍFICAS</b>                                                                                                                                  |
| Reincidência e Ressocialização                                                                                                                                 |
| <b>GERADORES ELETRÔNICOS DE DADOS</b>                                                                                                                          |
| Scielo, Google acadêmico, repositórios, bancos de teses e dissertações, baixadores de livros autorizados como o library                                        |

**Fonte:** Elaborado pelo autor. (2025)

## 2.4 Procedimentos de Análise de Dados

Para os procedimentos de análises de dados bibliográficos qualitativos, eu utilizei várias etapas técnicas, onde foi possível montar um banco de dados técnicos para a elaboração procedimental. Então foram utilizadas a coleta de dados pelas observações em materiais bibliográficos publicados a partir de seleções de relatos principais de cada material, e a partir de informações detalhadas foi-se desenvolvendo argumentos e análises dentro de cada estudo e fenômenos bibliográficos.

Em seguida eu analisei os conteúdos, identificando temas e outras estruturas qualitativas a fim de esquematizar análises temáticas para com a análise de discurso e assim convencionar os conteúdos as leituras práticas e descomplicadas, para o fácil entendimento de leitura para o público em geral, assim como para a comunidade científica mais específica. Essa análise dos conteúdos fez parte de uma questão qualitativa prioritárias com bastante maturação em tempo acadêmico viável e confiável.

O planejamento da pesquisa também foi essencial para que o tema ficasse com clareza, conversando com o conteúdo e assim se alinhando aos objetivos e métodos das coletas, com isso atribuindo as categorias, exigidas em questões metodológicas e alinhada com a pesquisa em si.

Para este planejamento, foi necessário estudos específicos com disciplinas obrigatórias

e optativas que contribuíram para a pesquisa geral, porque Stake (2011, p. 106) afirma que “planejar até mesmo um pequeno instrumento de coleta de dados é uma grande tarefa, geralmente não realizada muito bem”. Então o planejamento para a definição de toda a temática desta dissertação é essencial para a compreensão dela.

Com esses procedimentos de análises, o mais importante é encontrar materiais que validem e que deem confiabilidade ao trabalho, então a seleção desses materiais foi muito importante, assim tive o cuidado de selecionar textos, temas, relatos que estão dentro de um parâmetro científico adequando para depois ajustar metodologicamente e garantir a credibilidade, assim chegar aos resultados que se espera em uma análise de dados.

O mais importante dessas etapas é interpretar os dados, porque eles estão publicados, no entanto não está ainda alicerçado para significar o tema por completo, essa interpretação, ressignificação vai ser dada pelo instrumento de pesquisa, que neste caso sou eu, o pesquisador do tema, e aí é necessário ter uma concepção crítica para que os dados coletados entrem numa análise científica apurada levando ao leitor uma experiência com novos significados dos envolvidos na pesquisa, bem como no tema ou na nova concepção levantada.

Stake afirma (2011, p. 101) “Os pesquisadores qualitativos buscam dados que representem experiências pessoais em soluções específicas”. Então para a coleta de dados é necessário que esses dados tenham experiências relevantes ao tema, é dessa forma que é selecionado os dados. A fala ou o relato tem que a ver com o referencial teórico e com a materialidade que será analisada.

Para Stake (2011, p. 118) “O formato mais comum de uma proposta de pesquisa, e de um relatório de pesquisa, exige a revisão de pesquisas já realizadas. Uma revisão é quase sempre necessária para uma dissertação”.

Stake (2011) afirma é que a revisão bibliográfica está em todas as pesquisas, seja campo ou bibliográfica, porque será necessário analisar dados, citações e outros contextos dos materiais teóricos que está pesquisando. Então para essa dissertação a análise de dados é também uma revisão bibliográfica. No próximo capítulo teremos a análise de dados propriamente dita, nele será possível viajar nas ressignificações.

Para a análise específica de dados, fundamentou-se o autor brasileiro Alberto mendes, na sua obra foi extraída a vida completa de um custodiado, desde a adolescência quando são aliciados, a seleção de dados a partir da sua escrita e seus relatos foi diagnosticado a partir de uma análise social, pedagógica, política e principalmente linguística.

Os procedimentos em analisar relatos em obras bibliográficas sintetizaram o ramo da ciência linguística. É que a simbolização estereotipada da sua obra remete aos leitores a não

enxergar o benefício social que ele traz na sua obra, então ler Alberto Mendes é simplesmente condicionar um campo desconhecido da ciência, o de analisar vidas de pessoas custodiadas.

É singular até, é algo novo em se tratando de metodologia da pesquisa, poucas ações e pesquisas sobre esses casos, sobre esse tema. É fundamental trabalhar com um grau de seleção um pouco tradicional, a escrita e os comentários na hora da leitura são bases, posteriormente aprofundar cada análise de cada trecho, essa análise também pode ser isolada e contextualizada é que a obra de Alberto Mendes é um tanto elíptica no sentido de que as relações com o mundo dele se distanciam a cada momento que ele adentra no mundo do crime, então é uma leitura baseada em processos linguístico, o político ele já traz nas suas próprias escritas, é por isso a necessidade de trabalhar obras como essas dentro de uma metodologia em seleção de dados, suas separações e principalmente dar importância para trechos enfáticos.

### CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo irei abordar a análise de discurso dos dados, é nele que será possível uma leitura analítica, crítica e principalmente enxergar os resultados, extrair os efeitos ao qual se busca, nele irei aprofundar meu olhar crítico aprendido com os teóricos selecionados para este trabalho. Basicamente os dados são discursos em formas de citação das abordagens bibliográficas, nelas observadas contextos em sentimentos de relatos, e assim manifestar ressignificações ou significações sistêmicas do contexto de ressocialização do sistema penal brasileiro.

#### 3.1 Sistema Prisional Geral, Uma Introdução a Partir de Foucault com Análise em Charrière

Para este capítulo eu começo fazendo análise de dados em Foucault, porque ele inicia sua obra com a parte chamada *suplício*<sup>2</sup> e o primeiro capítulo chamado, *o corpo dos condenados*, a ideia principal deste início é sensibilizar a leitura para adentrar na fase analítica da dissertação, impactando a leitura, o fato é que ele inicia com um caso cruel e macabro para os nossos tempos, talvez para seu tempo não tanto, e para o tempo real ao qual se extraiu o relato podia ser normal aos olhos da sociedade da época.

Foucault (2014, p. 9) narra o seguinte:

Damien fora condenado, a 2 de março de 1757, a pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris, onde devia ser levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; em

---

<sup>2</sup> Castigos ou punições corporais; tortura, sevícia.

seguida, na dita carroça, na praça de Greve, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atenazado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atenazado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento.

Iniciar essa dissertação com essa narrativa de Foucault é também dar base para tudo que será desenvolvido adiante, como enfatizado é aí a referência histórica que se tem de prisão como punição, ressocialização e solução de problemas na área criminal, porque é nítido que ainda hoje nos tempos de uma sociedade contemporânea humana, democrática e fincada no iluminismo, ainda se tem a ideia de dor, suplício, punição e isolamento, então não tinha como afastar Foucault desse processo.

Esse episódio narrado por Foucault se torna triste e ao mesmo tempo feliz, porque três décadas depois a sociedade francesa desenvolveu uma série de leis reformadoras do modelo de prisão na França, onde marca um momento de um século sendo revistos os fatores de punição, o que pode ser entendido como um azar por parte de Damiens que quase pega esse período reformador, em outro ponto de vista teve um avanço na maneira de pensar o sistema de punição no mundo, porém na prática o que se ver é um sistema ainda de punição.

A obra de Foucault apesar de narrar o episódio de Damiens, publicada em 1975, não está solta, não é que Foucault estava romantizando a obra dele, é que a história de Damiens é de 1757 e Foucault enxergava a mesma história acontecer no seu tempo, percebia que o discurso era de uma punição mais voltada para a retirada da liberdade e ampliava a ideia de ressocializar o indivíduo, ou seja, de reeducar.

Foucault não conseguia enxergar essa evolução, então resolveu trazer uma história um pouco afastada do seu tempo, para justamente fazer o mundo entender até hoje, que o sistema sofre sim embates de discursos, mas na prática tudo aquilo que vem sendo pregado como um sistema prisional mais humano e mais educativo, na verdade ainda é um sistema punitivo que mata, que assola, que chantageia e que destrói a humanidade com um poder justificado e oficializado pela sociedade que é manipulada a aceitar e a defender essa metodologia punitiva do estado.

Brasil teve uma queda dos encarcerados nos anos de 2021 a 2023, e no ano de 2023 tinha 644.794 custodiados em celas físicas e 190.080 em prisões domiciliares, totalizando 834.874 custodiados, segundo a Secretaria Nacional de Políticas Penais no ano de 2023. Todo esse processo de sistema prisional é uma consequência de várias questões sociais, e começa pelas omissões que se dão no seio da sociedade, seja ela no setor público ou privado, nas

corporações ou nas famílias.

O sistema prisional brasileiro existe com a justificativa nacional de atender a uma demanda do ministério da justiça, quando se trata de assuntos do ente união e quando o assunto é estadual, alguns estados têm secretarias próprias penitenciárias, é o caso do Amazonas, e outros estados que ligam as penitenciárias as secretarias de segurança pública, ou está ligado ao poder judiciário local, o ente município não tem essa responsabilidade.

Para se ter uma ideia de números, a posição do Brasil em relação a outros países é significativa, pois em 222 países o Brasil estava na 26ª colocação do ranking de encarcerados por 100 mil habitantes, é o que está exposto nos infográficos abaixo, produzidos em 2021 pelo G1, esses dados não podem se confundir com a quantidade de encarcerados por países, porque deve ser levado em consideração por grupos de 100 mil habitantes.

Os dados que seguem formam uma base fundamental para que brasileiros tenham uma noção ampla do que acontece no setor de segurança nacional do país, mas é interessante também considerar que como em qualquer meio de comunicação há interesses nos dados, há interesses discursivos, e claro, não é esse o objetivo a ser analisado nesta pesquisa, o problema é acreditar nos dados, partindo de uma instituição que está com a concessão atualizada com o país.

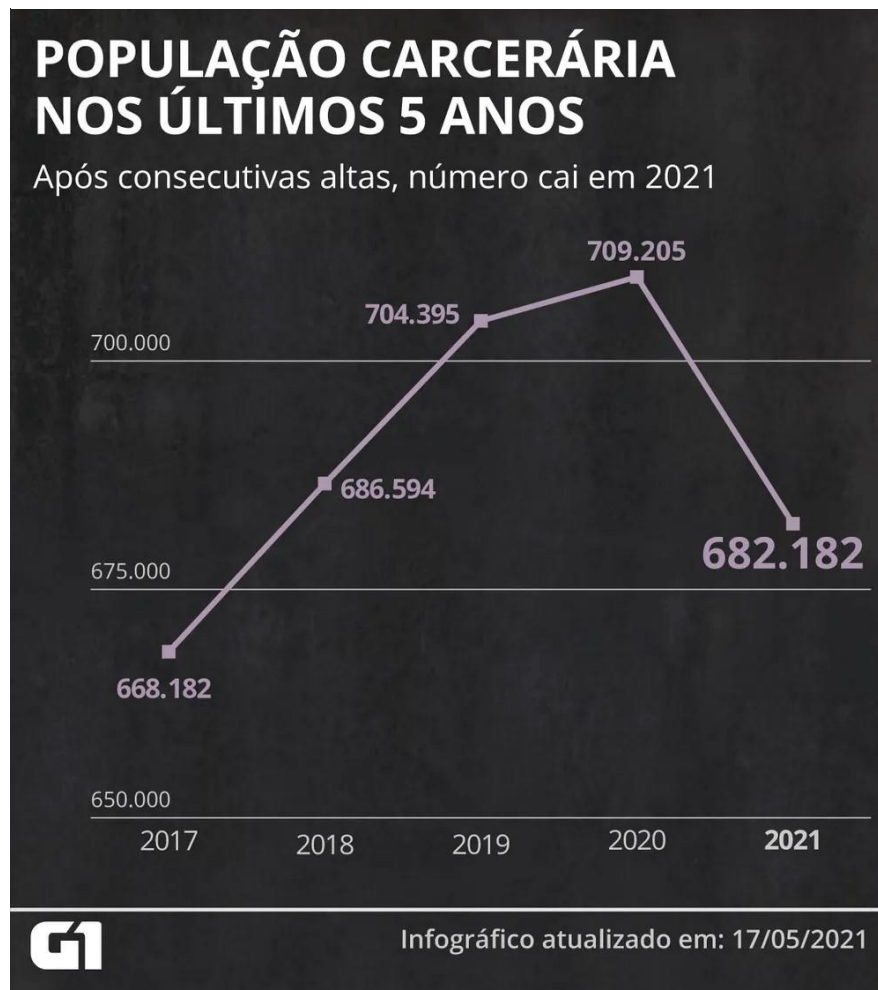
É necessário que estes meios sejam entendidos dentro de uma lógica de credibilidade para que se tenha o mínimo de seriedade na pesquisa, e para qualquer possibilidade de ser invocado como fonte de informação, assim sendo de importância nacional todos e qualquer dado colocado nesta dissertação, por isso é necessário visualizar esta demanda no contexto analítico.

O infográfico abaixo além de trazer este contexto analítico, também traz um dado muito importante não para ser analisado do ponto de vista qualitativo, mas para entender em que tipo de sistema estamos observando, a queda dele mostra um desencarceramento nesse período, porém na mesma medida, o número de processos criminais são intensamente produzidos pelos órgãos de segurança pública, o que mostra que esse efeito não é uma solução, não é um efeito positivo, porque ele não está resolvendo, ele não está ressocializando, nele ainda a gente consegue entender que dependendo do momento político do país esses dados despencam ou aumentam, o que leva a outra percepção, que ele é tendencioso e político.

Para tanto é necessário a gente ampliar o olhar em questões macro, é preciso olhar de cima para saber como está o mundo em relação as questões prisionais, então iremos ver como o Brasil esteve nos últimos 10 anos em relação as questões das taxas de aprisionamento em com outros países, o infográfico abaixo vai dar esses dados para uma análise mais geral desse modelo de sistema prisional dos regimes democráticos.

Das taxas de aprisionamentos, conforme o site G1 (2021) a cada 100 mil habitantes publica as três maiores taxas, as 3 menores taxas e como está o Brasil, isso para se ter uma ideia num período dos últimos 10 anos. Estados unidos em primeiro lugar com 639, El Salvador com 562 em segundo, e em terceiro, o Turcomenistão, nessa comparação o Brasil está em vigésimo sexto colocado.

**Figura 5:** Queda da população encarcerada no Brasil



**Fonte:** retirado do site G1, imagem de Guilherme Gomes/G1.

Com relação aos estados brasileiros, segundo o site G1 (2021) a maior taxa para a mesma amostra internacional, fica com o Mato Grosso do Sul com 748, e a menor fica com a Bahia com 88 para cada 100 mil habitantes. Com relação a presos provisórios, em primeiro lugar está a Líbia com 90%, em segundo vem Bangladesh com 81% e terceiro, Gabão com 80%, nessa amostra o Brasil se apresentou em 103º com 31,9%. Nesta mesma amostra o estado da Bahia tem o maior percentual dentre os estados brasileiros, com 49,4% e a menor taxa vai para Rondônia com 18,5%.

O infográfico e os dados acima estabelecem uma base para o entendimento de como o Brasil está comportado no mundo e entre seus estados, quando o assunto é números de custodiados, em 26º lugar nos últimos 10 anos em relação ao mundo, o Brasil está em declínio da sua população encarcerada, e assim temos o estado brasileiro com maior taxa que é a Bahia e o menor é o estado de Rondônia e se mostra em queda com relação a sua população encarcerada.

O que a gente não consegue ver nos dados são os resultados de ressocialização, então enxergamos apenas custodiados sendo liberados, mas será que as questões criminais foram resolvidas? Esses presos foram ressocializados ou são apenas números?

É importante entender esses momentos, porque até Foucault critica e estabelece transições de concepções punitivas, porque sua obra será usada como base o tempo todo para criticar os processos de suplícios e punições sombrias que ainda acontecem hoje (2023) no mundo, mas principalmente no Brasil que é o cenário geopolítico desta dissertação.

É importante levantar um questionamento central para este subtópico, porque é necessário responder a uma indagação que surgirá no leitor, o entendimento de como que o estado sem esses mecanismos de punição, que era a dor física e as punições sombrias destacadas pelo auto em discussão irá conseguir então controlar o crime, já que agora o indivíduo sabe que não será torturado nem punido no seu corpo, conforme Foucault (2014, p. 21) “Se não é mais ao corpo que se dirige a punição, em suas formas mais duras, sobre o quê, então, se exerce”?

A resposta dos teóricos – daqueles que abriram, por volta de 1780, o período que ainda não se encerrou – é simples, quase evidente. Dir-se-ia inscrita na própria indagação. Pois não é mais o corpo é a alma. A expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições (Foucault, 2014, p. 21).

A este ponto de entendimento é necessário dar crédito a Mably (1789 apud Foucault, 2014, p. 21) “Que o castigo, se assim posso exprimir, fira mais a alma do que o corpo”. É claro que não se deve mais aos dias de hoje ser extremo com relação a literalidade, porque com o avanço da psicologia moderna é sabido que a alma é a própria psique humana, então punir esse processo, seria pelo que os estudiosos da psicologia afirmam, pior que a tortura física, mas está exposto nesta pesquisa, um momento científico em desenvolvimento, o que na verdade o próprio Foucault estabelece é que se tenha uma punição menos dolorosa, ou até mesmo nenhuma dor, sem dor Foucault explica que algo da consciência do indivíduo seja atingido e não mais o corpo físico que exprime a dor.

Então esse momento revolucionário comina na luta histórica que chegou nesse momento de discutir o intelecto ou o processo de educação de um indivíduo que comete crime, o que se

busca nos dias de hoje, pelo menos de forma discursiva é que o processo de aprendizagem do indivíduo seja observado, a ideia que se tem quando buscamos informações sobre o processo de prisão hoje no Brasil, é que o indivíduo ao cometer o crime, deve se reabilitar, ou seja, se reeducar, e o setor público é responsável por esse processo, assim se chama esse momento de processo de ressocialização.

O fato é que o departamento nacional penitenciário apresenta números de custodiados que estão sendo ressocializados, mas não nomes, ou seja, o que não sabemos, quem está, e quem não está sendo ressocializado, isso se torna um problema fenomenológico, e aqui eu justifico a minha ausência como pesquisador no campo, é justamente porque sabemos que os dados serão desvirtuados, serão manipulados, e que a chance e confiança de construir um espaço científico através das bibliografias são para essa pesquisa específica, maiores e mais confiáveis.

O crime é um processo linguístico, porque para que os crimes aconteçam existe um fato comunicativo, ninguém nasce aprendendo a ser criminoso e para que ele aconteça existe um processo de comunicabilidade, seja ele em concurso com pessoas ou aprendido, mas por meio do discurso, ou seja, esse processo é cultural, é linguagem, por isso Calvet (2002, p. 12) “Ora, as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”.

Com isso, dentro do processo linguístico a reincidência que prova que não existe o processo de ressocialização, também prova que está existindo um processo inverso, onde em vez de acontecer a ressocialização, está acontecendo a reincidência, em vez de termos um processo de reeducação das faculdades sociais para que o indivíduo venha para a sociedade reabilitado, ele vem é mais complicado e mais experiente.

Mas como observar que esse processo está acontecendo? Eu poderia trazer dados em tabelas, imagens e de dentro de ONGS para provar isso, mas não, não precisa, porque existe um dado histórico pela qual a humanidade há muito tempo trazia como categoria do próprio combate a reincidência e ao processo de injustiça ou comprometidas questões de flexibilização, até o século passado.

O mundo sabia que ao flexibilizar o sistema prisional, os fatores negativos aumentariam, é por isso que eles não flexibilizavam, é por isso que eles matavam, porque a humanidade sabia que não se tinha mais jeito com o crime, e claro não estamos falando de exceções, estamos falando do mundo do crime que tem como consequência o sistema prisional. Mas vamos com calma, é certo esse pensamento, eu não penso que é certo, mas eu penso que era um tempo em que a humanidade se resolvia com o que tinha, e o que tinha era aquilo.

Zacaria (2006, p. 65) “Devemos ter em mente, que o preso, o condenado, na mente do

cidadão comum e mesmo dos mais evoluídos, será sempre uma ameaça, não bastando que tenha pagado seu crime com a supressão de sua liberdade, a pecha lhe incomodará por toda sua vida”. O que Zacarias remete ao pensamento de que ressocializando ou não, uma vez cometido o crime, jamais o indivíduo será ressocializado, e claro mais uma vez não se fala aqui das exceções, fala-se do contexto em geral do processo de ressocialização.

Se ainda assim acontecesse de forma efetiva o processo de ressocialização nos presídios do Brasil, nossa sociedade ainda assim não aceitaria que os indivíduos fossem reintegrados a sociedade, pelo menos psicologicamente falando, porque reintegrar naturalmente não quer dizer que aceitem, o que parece que o processo de ressocialização não está ligado somente a montar uma estrutura com escolas e modalidades de ensinos, e trabalhos, ou qualquer tipo de trabalho de ressocialização, poderia até acontecer, mas quando o custodiado entrasse em contato com a sociedade ele seria excluído, porque o processo de ressocialização teria que ser social e não prisional.

Esta pesquisa quer mostrar na sua amplitude que em geral o sistema é para punir, a ressocialização veio com o advento dos tratados internacionais ao qual o Brasil está submetido, bem como as novas concepções humanitárias que o Brasil adotou, porém na prática continua sendo um sistema punitivo, porque é um sistema que depende dos seres humanos na sua execução, e não de papeis, de letras, e os seres humanos sociais não querem um sistema ressocializador, querem um sistema assim mesmo precário.

O problema disso tudo é que o sistema é social, e ele vai se voltar para a sociedade, ou, seja, o Brasil está sendo vítima da má condução do sistema prisional, como foi dito, o processo está sendo capaz de produzir mais crimes através dos contatos dos réus primários e dos reincidentes. O sistema prisional teria que ser capaz de prevê todas essas indagações que Foucault (2014, p. 23 e 24) coloca:

Não mais simplesmente: “O fato está comprovado, é delituoso?” Mas também: “O que é realmente esse fato, o que significa essa violência ou esse crime? Em que nível ou em que campo da realidade deverá ser colocado? Fantasma, reação psicótica, episódio de delírio, perversidade?” Não mais simplesmente: “Quem é o autor?” Mas: “Como citar o processo causal que o produziu? Onde estará, no próprio autor, a origem do crime? instinto, inconsciente, meio ambiente, hereditariedade?” Não mais simplesmente: “Que lei sanciona esta infração?” Mas: “Que medida tomar que seja apropriada? Como prevê a evolução do sujeito? De que modo será ele mais seguramente corrigido?” Todo um conjunto de julgamentos apreciativos, diagnósticos, prognósticos, normativos, concernentes ao indivíduo criminoso encontrou acolhida no sistema do juízo penal.

Tudo bem que essa acolhida que Foucault fala vem de uma evolução sistêmica, pelo menos do discurso dos sistemas prisionais das suas épocas, mas veja, que nessa época, o discurso era num pensamento sistemático que trata o indivíduo, de forma que este poderia voltar

com todos os mapas do crime seja ele de forma consciente ou inconsciente, e a sociedade mais assegurada de detentos que se recuperaram, porque a ideia do sistema punitivo da evolução da época, o que implica em dizer que não evoluímos nada, que era, e é apenas discurso de um sistema mais humano para a época de Foucault e para a atualidade.

Então era por isso que as sociedades anteriores as nossas tinham a certeza de que de um lado o sistema só mudaria no discurso, mas na prática não estabeleceram na fase de obscuridade punitiva, a pena de morte de forma letal, a prisão perpétua e outros tipos de punição que davam fim ao indivíduo que para a sociedade era irrecuperável, e ainda existe esse pensamento.

É importante centralizar na França, porque é o país onde essas questões tomaram proporções, no século XX, desencadearam as maiores discussões a respeito do sistema prisional, inclusive as literaturas referências como a de Foucault e de Charrière foram campeãs de venda e visualizações num mundo onde não existia internet, onde a divulgação era feita por jornais impressos e rádio.

Não obstante, a obra de Henri Charrière é uma aventura que desvenda dois recursos didáticos para esta pesquisa, a primeira é que é um relato de um detento que substitui qualquer relato tendenciado dos dias atuais, porque se trata de obra mais que autenticada pela ciência dentro da literatura internacional, o que concerne legítima as narrações pelo autor, principalmente porque é uma obra que desvenda a necessidade que tinha de manter os criminosos presos para sempre, sem direito a perdão ou qualquer tipo de benefício que colocassem os criminosos em contato com a sociedade, ou seja, a punição de perpétua, acontecia porque a sociedade não tinha nem o discurso de recuperação, era uma necessidade desumana para a época da punição obscura que Foucault classificou em vigiar e punir.

Apelidado de Papillon (tatuagem de borboleta no peito) nasceu em 1906, Charrière, frente a miséria ao qual nasceu se tornou um habilidoso arrombador de cofres, onde foi condenado a prisão perpétua em 1931, acusado de assassinar um amigo do mundo do crime, era de um bairro chamado Pigalle em Paris na França, considerado um bairro boêmio e muito perigoso conhecido pela máfia mundial.

Papillon chegou a ser deportado para a ilha prisão de Caiena, na Guiana Francesa, onde passou longos 13 anos tentando fugir, submetidos a trabalhos duros, fome, insetos, onde em uma de suas tentativas de fugas frustradas chegou a passar 42 meses na solitária (preso em cela individual, sem direito a socialização e banho de sol, com alimentação reduzida e das piores que existiam naquele local).

Para entender melhor, Papillon foi para uma ilha onde fazia parte do plano econômico de exploração da França, lá era explorado matéria prima que ia para a França, assim como as

outras guianas, inglesa e holandesa, hoje Suriname, elas funcionam até hoje como territórios colônias desses países, então Papillon além de ser condenado ilegal e viver a vida toda sem liberdade, ainda teve que trabalhar duramente num sistema de exploração da França.

A história de Papillon é uma de várias que só conhecemos graças a ideia de publicar essa aventura, não se sabe quantas pessoas iguais a ele foram presas e condenadas de forma injusta para fazer parte daquele sistema, o que mostra alguns pontos da narração de Charrière para conciliar com o fato de que a ressocialização estava longe de existir, e que além de condenado ilegalmente, foi punido de forma dura e cruel, de forma perpétua, e quase a morte lenta e fatigante.

O segundo recurso didático é que a obra de Papillon é um dado científico que se coloca a disposição em várias traduções para a sensibilidade do fator pesquisa, é onde se encontra subsídio, de que no sistema prisional não é assim como muita gente pensa, não é todo mundo que está legalmente custodiado, e que existe estruturas de controle de estado e massa, e que tem pressuposto político por trás, e por isso deve ser estudado, pesquisado, aqui na obra de Papillon é possível encontrar uma ferramenta discursiva, onde Foucault trouxe uma evolução, mas nos relatos do Papillon, nada daquilo que Foucault trouxe aconteceu, colocando assim em discussão a evolução do sistema prisional com a prática dele em toda linha do tempo, inclusive aos tempos atuais. Um relato foi publicado, uma história foi deixada, cabe ao mundo analisar, porque é o que Charrière (1982, p. 14) relata:

Às 11 horas da noite termina a partida de xadrez. Meus defensores estão em xeque mate. Eu inocente, sou condenado.

A sociedade francesa, representada pelo Promotor-Geral Pradel, acaba de eliminar, por toda a vida, um moço de 25 anos. E sem qualquer constrangimento. O prato bem cheio me é apresentado pela voz fria do presidente Bevin.

- Acusado, levante-se.

Levanto-me. Silêncio total no recinto, respirações suspensas. Meu coração bate um pouco mais depressa. Os jurados olham para mim ou abaixam a cabeça; parecem estar envergonhados.

- Acusado, já que os jurados responderam “sim” a todas as perguntas menos uma, a da premeditação, você está condenado à pena de prisão perpétua com trabalhos forçados. Tem alguma coisa a dizer?

Mantenho-me calmo, minha atitude é normal, apenas aperto com mais força a barra do banco dos réus.

- Sim, senhor presidente, tenho a dizer que sou inocente e que sou vítima de uma trama policial.

- Guardas - diz o presidente -, levem o condenado.

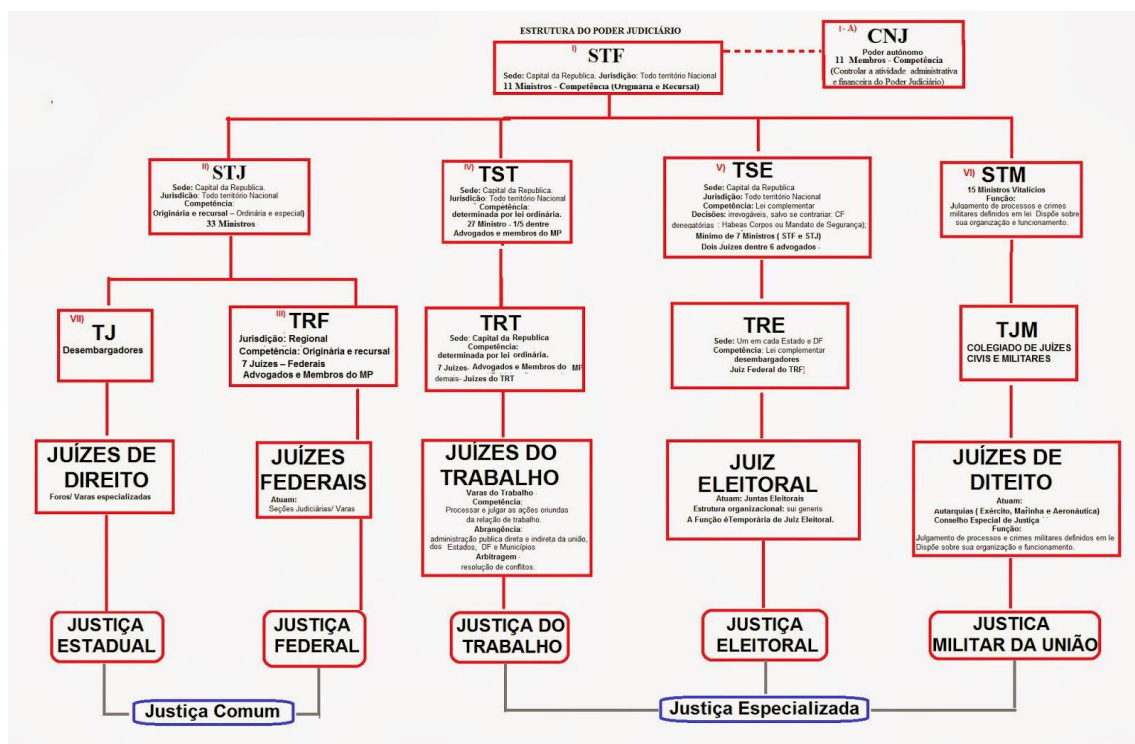
É assim que começa a jornada de um detento, está certo de que é na França, e estamos falando do espaço geopolítico Brasil, mas é esse modelo de processo que os países neoliberais e democráticos adotaram, o mesmo que Foucault criticou e mostrou para o mundo, e no Brasil não é diferente, apesar da narração de Papillon ser do século XX, mas é exatamente assim que começa a vida de um custodiado no Brasil, para os dias atuais, ser reeducado.

Não para mostrar de forma direta sobre o processo de ressocialização, mas o relato de mostra ou pelo menos deixa o mundo de orelha em pé, no sentido de que, o pior de tudo ainda é dentro de um sistema de não ressocialização, ainda existem pessoas inocentes cumprindo penas de restrição de liberdade, e isso não é dos tempos de hoje, é o que basta para entender que isso é de muito tempo e ninguém seria louco de produzir uma obra dessa natureza para mentir, se escreveu é porque algo tem a nos dizer nessa obra chamada Papillon, o Homem que fugiu do inferno.

### 3.2 Analisando a Justiça Brasileira

Para entender melhor como o poder judiciário está organizado é necessário ter um olhar estrutural, de como ele está comportado, e de cara é possível verificar que a justiça técnica será para os pobres, em maioria negros, das classes dos menos favorecidos, com órgãos que cumprem a vigilância do estado aos cidadãos, sejam eles infratores ou não infratores, e os mandados da estrutura judiciária, essa estrutura estará de olho não só nas sequelas consequenciais dos fatores criminais, mas em qualquer oposição ao poderio do estado, seja eles manifestações ou qualquer possibilidade de questionar o poder do estado, é o que vamos analisar no mapa abaixo.

**Figura 6: Estrutura do poder judiciário brasileiro**



Fonte: retirado do banco de imagens da Google.

No organograma é necessário explicar algumas substâncias, é uma estrutura desenvolvida na constituição federal de 1988, no artigo 92, dividido em dois blocos, justiça comum e justiça especializada, em camadas técnicas e políticas, técnicas porque é uma camada onde só é possível chegar ao cargo através de concurso com formação específica e política, porque é possível chegar ao cargo por indicação política, e dependendo do cargo não é necessário formação específica, é o caso por exemplo do Supremo Tribunal Federal, a única exigência é que tenha notório saber jurídico.

Falando da justiça comum, que é a que julga casos da esfera criminal, os tribunais estaduais e federais por exemplo, com seus foros comuns e especializados, são compostos por magistrados, juízes de carreira, que além de ter que ter bacharelado em direito, devem passar em concursos e cursos da magistratura, tanto para os tribunais estaduais quanto para os tribunais federais.

Na segunda camada estão os desembargadores no tribunal de justiça, nomeados ou promovidos, e aí cada estado desenvolve sua maneira de colocar seus desembargadores, assim como o tribunal regional federal, que é estabelecido por juízes federais, advogados e membros do ministério público.

Neste contexto começa mudar a situação, do acesso à justiça, porque neste caso, a segunda instância complica para uma pessoa que tem suas faculdades intelectuais e econômicas comprometidas, dificulta para uma pessoa pobre, sem muito conhecimento, acessar essa instância do poder judiciário, é claro que existe a justiça gratuita, mas os defensores públicos ou privados quase sempre não querem recorrer de uma decisão de um magistrado.

Os defensores necessitam o tempo todo da primeira instância para garantir um equilíbrio entre a boa política interpessoal com os tribunais e suas petições, porque os defensores necessitam que a primeira instância resolva seus pedidos, porque é aí que as questões econômicas estão baseadas, resolver, emitir, soltar, julgar, quando o assunto é segunda instância, a ideia é de tempo, muito tempo, mais tempo pra ganhar, então é na primeira instância que o setor econômico de todas as partes acontecem, inclusive do tempo e liberdade do acusado, réu ou custodiado, inclusive da economicidade jurídica do poder público.

Na próxima camada, a terceira instância é totalmente político, mas os cargos ainda que escolhidos de forma política, devem ser de dentro da área de conhecimento e advindo dos órgãos que trabalham com a operação do direito no Brasil, o superior tribunal de justiça é composto por indicações dos tribunais federais, dos tribunais de justiça e dos advogados e membros do ministério público, nomeados pelo presidente da república. Para acessar essa esfera, o acusado, réu ou custodiado deve em grau de continuidade ter recorrido no tempo certo

da decisão da primeira instância, da decisão da segunda instância.

Na terceira instância é quase uma utopia que um cidadão, seja ele infrator ou não, das camadas pobres deste país acessar essa instância para reclamar um direito e ter uma análise aprofundada do seu processo, porque além de demandar uma intensa articulação processual por parte do defensor, o tempo que leva para que um processo seja analisado é muito grande, por se tratar de um tribunal superior que analisa todos os pedidos do país todo, em determinados casos, se o cidadão não conseguir provar que não tem condição para as custas processuais, ele estará diante de um impedimento jurídico, porque para acessar estas instâncias, tem que arcar com as custas no ato da petição.

Se em todas essas esferas o acusado, réu ou custodiado conseguir protocolar seus pedidos através do seu defensor e for condenado em todas elas, ainda existe a possibilidade dele ir até o pleno do supremo tribunal federal, este totalmente político e aqui os escolhidos não precisam ser de órgão nenhum, nem ter formação específica, podendo ser qualquer um do povo que apenas tenha notório saber jurídico e sua reputação ilibada, ou seja que seu nome não tenha envolvimento nenhum com qualquer ato que levante suspeição, seja na esfera administrativa ou comum na sociedade.

O Supremo Tribunal Federal (STF) além de ficar cobrindo todos os problemas do Brasil todo, ele ainda cobre não só problemas criminais, mas todos os problemas jurídicos das outras áreas, da esfera administrativa, eleitoral, militar, cível, criminal e trabalhista, ou seja, todos os outros do bloco de especializada, então aqui se um cidadão das classes marginalizadas chegar, e for injustiçado, dependendo da idade, se avançada, provavelmente ele morra e seu caso não é solucionado, vencido pelo tempo, uma vez que este Supremo Tribunal Federal ainda tem a função prioritária de exercer o foro privilegiado que julga os agentes dos poderes da república que são prioridades no país, por conta da harmonia entre os poderes que a todo tempo o STF deve tá equilibrando e entendendo leis que comprometem a estabilidade democrática.

Então é necessário ter um olhar panorâmico para a estrutura do judiciário, da seguinte forma, justiça pesada, técnica e atuante para os mais pobres e justiça lenta, por conta da demanda, política e flexível aos ricos, porque o sistema assim desenvolveu sua estrutura para quem tem privilégios.

A constituição não fala assim, ela propões justiça para todos, mas na prática no desenrolar das coisas, naturalmente irá acontecer este fenômeno, e é por isso que vemos mais pobres e negros marginalizados presos, do que ricos, brancos e qualificados presos, não que ambos não cometam crimes, mas que tanto o estado de forma ostensiva e repressiva estará mais atuante nas faixas vulneráveis da sociedade, quanto o preconceito vai desviar os olhos do estado

e da justiça das classes sociais mais ricas.

É nítido o preconceito institucional, nem precisa ir muito longe para perceber isso, dificilmente o estado colocará viaturas em condomínios fechados ou bairros de luxo, mas provavelmente nas periferias terão ações intensivas da polícia ou da própria justiça, logo apesar da mancha criminal aparecer mais nessas camadas, é claro se tá intensa as ações nessas faixas, vai aparecer mais índices criminais nessas faixas.

Quando a justiça ou a polícia decidi fazer vigilância ou ações nos luxuosos apartamentos ou bairros de classe média alta, geralmente é encontrado armas de grande calibre, drogas em grande quantidade e outros crimes que em apenas uma apreensão pode significar o valor moral de centenas de pequenas prisões nas camadas mais pobres.

Não é que nas periferias tenham mais insumos do que nas camadas mais ricas, é que o estado age mais nas periferias do que nas camadas ricas, se o estado agisse mais nas camadas ricas, certamente a mancha criminal seria maior nas camadas ricas, mas não está em debate aqui quem tem que ter mais ações, as ações são pra todos, o que está em jogo aqui é que a justiça controla a sociedade de acordo com os privilégios dos mais ricos, veja, não estou aqui fazendo uma denúncia de a ou b, estou levantando a crítica vista a olho nu, e isso é um fenômeno que todos estão vendo.

Não são os seres humanos, é uma força preconceituosa que atinge os órgãos e cega agentes, os poderes e quem tem o poder de decidir isso tudo, o fato é que existe um controle desse preconceito, que acaba punindo os mais fracos e deixando livre os mais fortes.

Essa argumentação não é só um argumento fenomenológico, qualquer especialista, ou seja, uma pessoa que observa a sociedade, de cara vai desabafar o que ver, o que sente, é claro que nesta pesquisa é interessante a terceira pessoa, mas é interessante o posicionamento de quem mora aqui no Brasil, então é difícil de fazer uma dissertação sem se posicionar, colocar em determinados pontos o sentimento deste pesquisador.

O organograma da justiça mostrado neste capítulo é essencial para o entendimento da justiça como controle de estado, como poder, mais minuciosamente é possível ver que esta estrutura está em tudo, na vida das pessoas, nas instituições e nas forças econômicas do estado brasileiro, apesar disto ser um assunto de agora, porque as instituição tem um formato muito diferente daquelas feitas pelos estudos em vigiar e punir, pois segundo Foucault (2014, p. 56) “veremos mais adiante que a relação verdade-poder é essencial a todos os mecanismos de punição, e se encontra nas práticas contemporâneas da penalidade – mas com uma forma totalmente diversa e com efeitos muito diferentes”.

Veja, Foucault está dizendo que o controle, o poder, as justiças na idade contemporânea,

isto se aplica ao contexto geopolítico desenvolvido aqui, no caso o Brasil, se apropria do mesmo formato estrutural da contextualização ao qual ele iniciou os estudos em vigiar e punir, no caso dos suplícios. No Brasil esses controles, essas facetas do poder partirão dos efeitos do discurso de ressocialização, claro que não mais para a dor no corpo, mas para a dor no bolso, no tempo, na vida e pior na exclusão social.

### 3.3 O Método APAC, Exemplo de Discurso de Ressocialização

Aproveitando este momento para desabilitar a possibilidade de introdução do método APAC<sup>3</sup> como ressocialização do sistema prisional brasileiro, um dos métodos colocados como discurso para substituição do sistema prisional enquanto instituição, esse discurso faz parte da pesquisa de Resende (2013) que concluiu que o método é ou era mais um discurso que apenas desinstitucionalizaria os custodiados do setor público para aprisioná-los em outro setor, apresentado como mais humano, porém aprisionariam em ideologias religiosas, senão fanáticas, é que o autor enfatiza na citação abaixo.

Compreendemos que as práticas discursivas do método APAC trazem uma alternativa ao cumprimento das penas privativas de liberdade, no entanto, são baseadas nas ideologias já instituídas durante a história do próprio sistema prisional. Desta forma, há avanços no que tange à perspectiva de efetividade e garantia de direitos das pessoas presas. Mas, através desses avanços, há em seu discurso uma legitimação das penas de prisão. (Resende, 2013, p. 15).

É importante afastar neste capítulo este método, porque a justiça brasileira, irá negar qualquer possibilidade de transferir a responsabilidade do estado para este método, ou seja, ele existe, mas somente será usado em restritivas condições sociais ou como recuperação após o cumprimento da pena na seara estatal, talvez pela segurança ou talvez pela legitimidade mesmo, o fato é que o método APAC se apresenta no combate a reincidência no Brasil e nos últimos anos vem ganhando força como alternativa do sistema prisional brasileiro.

Colocado este momento do método APAC, seria possível o estado reconhecer métodos como estes, legítimos à resolução de todos os problemas do estado na área prisional? É possível ver o estado perdendo este poder de prender, de restringir a liberdade das pessoas? As perguntas aqui não darão norte para um aprofundamento, mas para reflexões quanto ao seu controle, portanto seria a justiça do estado perder seu poder, logo o poder do estado perder sua força, porque é através deste poder que o estado exerce seu poderio, sua magnitude, sua legitimação e sua soberania em relação aos indivíduos, em relação as classes sociais.

---

<sup>3</sup> Associação de Proteção e Assistência aos Condenados.

Este momento é de reflexão de um método sobre alternativa ou substituição do setor das penas de restrição de liberdade, ou seja, pensar que o estado possa abrir mão desse poder para que associações como estas tomassem conta do sistema prisional é utópico, pois este sistema é o próprio poder, o braço forte do estado, a força institucional pela qual o estado é estado, talvez seja o coração do poder.

Não quero desestimular as associações, nem afirmar que essas não são necessárias para o equilíbrio das dores sociais, sim, temos que ter associações, porque ameniza as dores sociais, mas afirmando que até agora é utópico pensar esses métodos como a prática de um problema social, por uma simples razão, o estado não quer que resolva, a placa do sistema prisional é um controle, é uma dica de que nós temos que andar na linha, nas regras e não sermos desobedientes ao estado. Contudo é necessário deixar claro que o estado como instituição tem a possibilidade de ser injusta para controle da sua ideologia, quando quer ser controladora.

### 3.4 Justiça e Controle Político

O Brasil sofreu nos últimos anos, um golpe na sua jovem democracia, depois de uma crise introdutória com os dois primeiros governos, logo o primeiro sofreu o primeiro impeachment e logo depois um governo com dificuldades para cumprir a nossa constituição, mas o Brasil estava galgando sua democracia e seu presidente eleito legítimo que por dois mandatos não conseguiu transferir o poder constitucional ao povo, onde sofreu com recessão, endividamento, crescimento populacional desorganizado e uma inflação desestabilizada, onde os fortes se deram muito bem com a miséria e o caos talvez produzido pela falta de experiência da jovem democracia.

O atual presidente do Brasil veio de uma luta de classes iniciada nos militares que através do sindicato dos metalúrgicos mostrou que era necessário lutar para existir. Este presidente estava convicto de que era necessário lutar na política para iniciar uma quebra de paradigma político, era necessário que um do povo, que sofreu como operário, e saiu do nordeste, explorado pelas classes dominantes estivesse como líder do país, onde mais tem trabalhadores na agricultura e na indústria de base, e que havia sofrido perseguição política desta mesma classe com o objetivo de calar, inclusive preso na mesma condição, e amortizar qualquer movimento que se levantasse contra as mazelas da classe que dominava os trabalhadores brasileiros.

A partir do momento que ele se levantou como um cabeça político da classe pobre, logo sua aventura começou frente às perseguições notórias que estiveram na história deste país, claramente foi controlado nas três eleições que disputara para presidente do país, a primeira

contra Collor de Melo e mais duas contra Fernando Henrique Cardoso, é interessante que as eleições não eram contra essas pessoas, mas contra o que eles representavam, a classe dominante que derrubou o primeiro, porque não atingiu as expectativas da classe.

Este líder político foi colocado como revolucionário, como comunista, como político ligado as ditaduras de outros países, começou uma campanha de desarticulação do seu nome que até hoje não parou, e não é porque é o Lula, mas pelo que ele representa, a classe dominada, os pobres deste país, a ameaça de controle dos ricos com suas demasiadas riquezas sem limites.

Ele, o Lula ganhou contra tudo isso na sua quarta tentativa e assumiu por dois mandatos consecutivos, onde de fato e de direito representou os pobres deste país, com sua estrutura política pública e administrativa ao Brasil, elevou o Brasil a sexta potência mundial, controlando inflação, tirando o país do mapa da fome e garantido políticas de inclusão social, onde equilibrou o acesso das classes aos programas sociais, educacionais e políticos, desenvolvendo a garantia de direitos para negros, mulheres e indígenas.

Foi neste governo, onde mais políticos e corruptos foram desarticulados, dando autonomia aos órgãos de segurança pública e justiça, inclusive do seu próprio governo ser investigado, pela primeira vez na democracia um presidente e seu governo foi investigado pela estrutura jurídica, onde desempenharam a operação mensalão, ora, o próprio presidente era investigado, estava a sociedade convicta de que o presidente era isento, pois em outros mandatos jamais isso aconteceu.

Essa forma de governo incomodou os grandes que intensificaram o controle de poder, logo após a segunda vitória de sua sucessora, Dilma Rousseff, através do congresso nacional arrumaram um crime para impedir ela, mas claro isso não bastava, porque senão o Lula se candidataria e ganharia as eleições e tudo ia por águas abaixo, então pensaram e conseguiram fazer com que as operações apoiadas pelo próprio governo de Dilma se voltasse contra eles, ora, não foi o poder judiciário, só bastou que um agente de dentro do poder judiciário jogasse a favor desse controle.

Todo o controle estava planejado, impedir Dilma e prender Lula, assim essa filosofia enfraqueceria, e alguém, menos o Lula poderia ser o presidente que pelo menos negasse tudo o que foi construído nesses governos e deixasse livre para que os poderosos tomassem conta do Brasil pela anomalia que estava se instaurando neste país.

E assim conseguiram, a herança foi um presidente negacionista, porém o controle foi tão escancarado que foi possível o povo enxergar que não era Lula que estava sendo preso, era o próprio povo, a filosofia social, a própria democracia, onde artistas, muitos setores privados, as telecomunicações, os políticos e parte do próprio poder judiciário viu que não estavam

somente querendo acabar com um líder para estarem no poder, estavam querendo acabar com a democracia.

Então é necessário entender neste momento que Lula foi vítima de um desses controles jurídicos, que o estado quando quer ser controlador se comporta ao seu prazer. Os processos de Lula chegaram a o supremo tribunal federal, onde foram encontrado vários vícios, incompetências e tendências políticas, inclusive interesses pessoais do próprio juiz que o julgou, onde o supremo fez ligações com interesses parciais desde o início do processo, é tanto que depois o juiz se tornou ministro do executivo e posteriormente senador da república, ficou visto que o juiz se apropriou da justiça para garantir seus interesses, de sua família e do grupo que não queria Lula mais no poder.

Toda essa argumentação sobre esse momento como injustiça contra o Lula foi vista e registrada por pessoas que estudaram e conviveram com esse momento do Lula, inclusive publicado em âmbito científico. Esther Solano, Aldo Zaiden e Camilo Vannuchi organizaram alguns registros muito importante deste momento que embasarão estes argumentos sobre a injustiça que foi feita com o atual presidente.

É interessante frisar que não está em discussão a inocência ou não do Lula, porque como qualquer um, poderá ser ou não inocente, o que está em jogo é a forma que foi conduzida o devido processo, o tempo, a execução, a construção de um processo com rapidez nas vésperas de uma eleição importante onde se discutia a volta das conquistas e a revisão de um golpe democrático, o que se discuti aqui é que o neofascismo se apropriou do estado para controlar a política nacional, para barrar uma ideia e fortalecer outra.

O que está em jogo é a possibilidade de a justiça ser injusta pela própria legitimidade, onde é possível sim, prender pessoas inocentes ou pelo menos é possível controlar homens como o Lula para atender interesses do estado quando ele quer, e com isso colocar medo em líderes políticos que desafiam os vícios de grupos controladores. O caso do presidente foi comprovado pelo próprio poder judiciário, que houve interesses, vícios e tendências políticas, como enfatizado nesta dissertação, a preocupação é com a capacidade que o estado tem de usar esse aparelho jurídico contra quem luta por uma sociedade justa e democrática. Como apresenta Solano (2018, p. 9):

Lembro-me de que um jornalista me perguntou se eu estava lá porque pensava que Lula era inocente. Lembro de ter respondido, cansada de repetir sempre a mesma resposta, que não se tratava de inocência ou culpa, e sim do devido processo penal, de um judiciário imparcial, de justiça, e não de linchamento.

O relato de Solano (2018) mostra o quanto a preocupação não é com o fator inocência,

mas sim se o devido processo legal realmente mostrava que Lula era culpado, porque esse mecanismo é uma legítima face do poder judiciário ao qual temos que ter certeza e acreditar, e por mais tendenciado que estava esse momento pelo tribunal de Curitiba ainda assim tivemos que engolir para lutar e construir uma forma de desvendar que o sistema controlador estava operando através da nossa justiça brasileira sem ter que resistir contra as instituições, esse é o exercício mais difícil pra quem é injustiçado, ter que se defender e não resistir contra quem está lhe injustiçando no próprio poder.

Mas Lula na representação perfeita de vários brasileiros que sofrem esse descaso já foi vítima de perseguição política em 1980, quando foi preso após liderar uma das maiores greves deste país, então ele tinha experiência, sabia que a resistência tanto de 1980 quanto a de 2018 teria que ter um equilíbrio, porque é necessário usar o próprio aparelho para desmontar a farsa, o controle e a injustiça, mostrando que de vez e quando ela quer ser apenas injusta, mostrando o caminho da pena de restrição de liberdade como aviso e controle daqueles que se mostram ameaça de grupos opositores ou mesmo de filosofias diferentes.

Então é necessário ser paciente, mesmo sendo injustiçado não perder a cabeça, porque é isso que o tipo de sistema quer, que os perseguidos percam a cabeça, adoeçam e atentem contra os poderes instituídos, Lula de forma inteligente se entregou e buscou seus direitos dentro do próprio meio jurídico, neste processo muitos traumas são vividos, seu neto morreu, sua esposa faleceu, e sua reputação foi negativada nos quatro cantos do planeta.

Eu, particularmente não sei até que ponto um ser humano aguenta tanta pressão do estado pesado em cima dele, é incalculável e não podemos nem imaginar o que uma pessoa assim sofre, sabendo que está sendo preso injustamente e uma história sendo apagada, pelo menos por enquanto.

Mas posso imaginar que se uma pessoa que foi uma referência internacional de uma república sofreu essa pressão, angustia, mortes na sua família e descaso com sua reputação, imagina os desamparados, os menos favorecidos presos nas favelas e subúrbios deste país nas noites obscuras e madrugadas sombrias, suas casas invadidas sem notoriedade, sem amparo, são muito difíceis de imaginar o tamanho da perda que o Brasil tem na área humana, nas famílias e com os injustiçados que mal sabem sobreviver.

Aí o velho Lula... começa a falar e a circular como quem procura docilmente domar um potro bravio... recorre a 1980, à dramática decisão de suspender a greve quando todos queriam seguir, radicalizando... vem vindo, vem vindo, até dar o bote final e dizer, mansamente, que havia decidido cumprir o mandado de prisão... respeitar as instituições utilizadas vilmente contra ele... tudo isso quando dentro dele gritava a vontade de resistir, de ir pro pau. Contradição gritante com o hábito de rasgar a constituição sempre que os objetos do capital o exigem (Solano; Zaiden; Vannuchi, 2018, p. 15).

Esse caso do Lula é um fato representativo, ele retrata de forma clara, como os cidadãos são tratados quando a justiça se comporta injustamente, e mostra também que existe uma cortina por trás do verdadeiro ideal de justiça, a placa de aviso aos que tentam quebrar paradigmas de uma sociedade controlada e adesivada com a marca da classe exploradora. Existe aqui uma luta de classe, a prisão do presidente Lula é a consequência de quem se coloca como líder da classe dos trabalhadores e da massa pobre deste país.

Eu e o dr. Rosinha (presidente do PT do Paraná) ouvimos a militância, depois fomos falar com o superintendente da PF. Estava todo mundo muito tenso: os policiais militares, os policiais federais, o próprio superintendente. Era uma situação nova para todos eles: afinal tratava-se de um preso político daquela envergadura, um ex-presidente da república, a maior liderança política do país (Solano; Zaiden; Vannuchi, 2018, p. 22).

O relato de Gleisi Hoffmann organizado acima mostra o quanto foi tenso prender de forma política ainda que pelo mecanismo jurídico um representante de uma ideia, não foi fácil nem para os órgãos de segurança cumprir tal mandado, porque estava desenhado naquele momento um grupo tentando acabar com o outro, essa tensão não foi bem vista nem por quem tinha que cumprir esta determinação, porque se tratava de um caso notório com alguém que teria estrutura para depois mostrar os abusos, então todo cuidado era pouco na hora de cumprir este mandado.

Mas imaginemos nós, se não se tratasse de alguém desse nível social, como seria se fosse contra um negro, favelado do Rio de Janeiro ou dos subúrbios da zona leste da cidade de Manaus? Que fosse preso de forma justa ou injusta, não importa muito aqui a culpabilidade, importa se os métodos para cumprir as prisões são legais, se não há abusos ou vícios nos processos?

Nas falas de Celso Amorim na mesma obra organizada, traz uma reflexão sobre a representação dos brasileiros vítimas da injustiça, merecidamente papável e científico, porque no fundo no fundo a sociedade brasileira sente e vê que há uma força quando o assunto é encarceramento, sistema prisional, justiça e poder do estado sobre a população e sobre resistências, como Solano; Zaiden; Vannuchi (2018, p. 26) relata:

Se o afeto e o reconhecimento pelo ex-presidente ofereciam algum consolo à dor de sabê-lo preso, a visão do prédio dava absurda materialidade ao que até então parecia uma ideia abstrata: o encarceramento do ser humano em quem o povo pobre do Brasil vê o seu mais legítimo e querido representante (Solano; Zaiden; Vannuchi, 2018, p. 26).

Uma pergunta interessante neste contexto, já que o sistema prisional brasileiro tem o ideal de ressocializar nos dias de hoje, e não mais de punir com a dor, com negatividade

reputacional, pelo contrário como mostra Foucault (2014) nas entre linhas de vigiar e punir, os sistemas no mundo e em regimes democráticos, que no seu discurso a ideia é ressocializar, educar, então por que tinha pressa em prender Lula antes da eleição? Ora, se o objetivo era reeducá-lo, por que não foi cumprido todo amadurecimento processual, buscando assim levar para uma prática educativa e não o tirar da sociedade, da política, da eleição de 2018, ainda mais porque se tratava de possíveis crimes de corrupção ativa e passiva.

Não se quer aqui menosprezar os efeitos dos crimes, jamais, mas se há crime, então por que não cumprir todo o amadurecimento investigativo respeitando os outros processos talvez mais importante? Porque sabemos que o tribunal do “juiz imparcial” tinha centenas de processos mais importantes que o do Lula, mas foi priorizado o processo de dele, inclusive na própria operação pessoas que foram processadas antes do presidente, mas que até hoje não foram julgadas.

Praticamente todos os grandes homens e mulheres que decidiram dedicar a sua vida aos oprimidos sofreram com o cárcere. O capitalismo não tem nada a oferecer à humanidade a não ser a opressão, a miséria e a fome e, diante da rebelião contra esses estados de coisas, as prisões são recursos costumeiros (Solano; Zaiden; Vannuchi, 2018, p. 37).

Esses acontecimentos de injusta sempre aparecem nos anos eleitorais do Brasil, nesse ano o índice de corrupção aumenta, porque existem muitas prisões, muitos mandados de prisões, principalmente contra a classe de políticos que disputarão eleições dos recorrentes anos eleitorais.

É sabido que no Brasil a luta contra o encarceramento de presos políticos ou cidadãos injustiçados não é de agora, e mais intensivamente os republicanos, por exemplo, foram encarcerados no regime militar, conhecidos por uma parte da sociedade como golpe, que por ventura não há como afastar, já que agora o Brasil viu de novo o retrato da perseguição política, é difícil de não aceitar que houve realmente um golpe, porque são as mesmas estratégias, o impeachment de uma presidenta, a prisão de um líder popular da nação e a volta do discurso de militares no poder.

Se for muita coincidência pensar, que o que aconteceu por exemplo em 8 de janeiro de 2023, consequência desse golpe e a tentativa de efetivar de uma vez por toda a carreira dos antidemocráticos no poder, é claro, que a quebra dos três poderes parte de grupos financiados por cabeças antidemocráticos afim de reestabelecer uma retórica insalubre no Brasil, então foi a última tentativa de desestabilizar uma ideia, primeiro com o impeachment, depois com a prisão do Lula e o quebra-quebra de 8 de janeiro.

Então vendo assim de cima a prisão era um dos artifícios para tirar Lula da eleição, está claro que o sistema prisional tem a possibilidade de ser um braço que controla e que a justiça

tem como ser injusta, porque isso tudo aconteceu aos nossos olhos, mediante 200 milhões de brasileiros em uma democracia, num país continental em plena república.

Parecia uma revolução do poder judiciário prendendo corruptos, muitos acreditaram nisso, mas não, pelo menos essa do Lula em debate não, conforme Solano; Zaiden; Vannuchi (2018, p. 60) “Mas a verdade é que essa prisão consagra a injustiça estrutural que constrói a história do povo brasileiro. Estão batalhando para destruir todo o simbólico que deu capacidade transformadora para a classe trabalhadora”.

É claro que os argumentos e embasamentos teóricos eram só falas até que o Supremo Tribunal Federal apontou tudo que se levantou nos escritos acima, é natural que quando um líder começa a ser perseguido, seus apoiadores comecem a defendê-lo, é natural também que estejam defendendo um erro, muitos acreditaram nisso, que uma parte da população estava defendendo um ladrão.

Ao final do seu julgamento, os que apoiaram estavam certos, no geral se tratava de uma justiça que praticava a injustiça, utilizada por um juiz parcial e com interesses políticos à bem de um outro grupo que não queria mais o partido dos trabalhadores no poder executivo federal e outros grupos mais da extrema direita que visavam o fim da democracia, então a perseguição não era contra apenas um homem, era contra uma estrutura.

Esse controle, essa justiça injusta, essa tendência utilizada dentro do judiciário, foi escancarada, a intensidade, a rapidez e a prioridade com que o juiz parcial e político fazia, ele vazava informações, vazava áudio das conversas da presidenta Dilma, ele simplesmente queria forçar o povo brasileiro a acreditar que ele era uma revolução, que ele estava quebrando um paradigma, o juiz desta causa depois se tornou ministro no executivo, e posteriormente senador da república, ficou nítido a utilização do poder judiciário.

As pessoas viram isso, segundo Solano; Zaiden; Vannuchi (2018, p. 79) “A médica Juliana Salles (33) com seus filhos Gabriel (7) e Diogo (7 meses) [...] (Nós queremos que ele resista, porque a perseguição não é só contra Lula, mas contra nossa democracia), dizia-nos a médica.”

Ainda de acordo com Solano; Zaiden; Vannuchi (2018, p. 79) “Pedro Vieira (68) [...] Eles não podem fazer isso com ele. Levá-lo preso é a prisão de todos nós, dizia com a cabeça baixa e as mãos sobre os joelhos.

Ainda que Lula fosse realmente criminoso não se pretendia ressocializá-lo, nem muito menos corrigi-lo, nem atingir o crime, muito menos modificá-lo, pretendiam apenas usá-lo como marca do poder, usar como uma placa de aviso para aqueles que combatem o fascismo, que criticam as mazelas do capitalismo, a ideia era exercitar o poder e não trabalhar a seara

criminal, os estudos na segunda parte, chamada de punição da obra de vigiar e punir, para o contexto de evolução do suplício para punição propriamente dita Foucault (2014, p. 74) previu:

Chegará o dia, no século XIX, em que esse “homem”, descoberto no criminoso, se tornará o alvo da intervenção penal, o objeto que ela pretende corrigir e transformar, o domínio de uma série de ciências e de práticas estranhas – “penitenciárias”, “criminológicas”. Mas, nessa época das luzes, não é como tema de um saber positivo que o homem é posto como objeção contra a barbárie dos suplícios, mas como limite de direito, como fronteira legítima do poder de punir. Não o que ela tem de atingir se quiser modificá-lo, mas o que ela deve deixar intacto para estar em condições de respeitá-lo. *Noli me tangere*. Marca o ponto de parada imposto à vingança do soberano. O homem que os reformadores puseram em destaque contra o depoimento do cadafalso é também um homem-medida: não das coisas, mas do poder.

A grande cortina de fumaça do discurso de ressocialização hoje no Brasil é que ele não está funcionando, não é seu ideal que não seria bom pra sociedade, não se quer intensificar nesta dissertação que não deveria desenvolver outros métodos ou fortalecer esse sistema do jeito que ele deveria ser, a discussão nesta parte da pesquisa é que é mais um discurso sendo utilizado, como o de punir foi na época dos pós suplício na França e em boa parte da Europa.

Com os avanços humanitários foi necessário evoluir o discurso para ressocialização ou reeducação, mas as práticas são as mesmas de sempre, um sistema cruel que acaba com a vida de qualquer uma pessoa, e na possibilidade de uma justiça comprometida serve para calar a boca de muita gente, como tentaram calar uma ideia no Brasil. porque se estivesse funcionando o crime não estaria aumentando juntamente com a população mundial, e não funciona, porque os problemas que causam o aumento da criminalidade não está na força do estado de calar ou de punir, ou de ressocializar, está miséria, na omissão do estado na educação, emprego e renda, na saúde e na verdadeira segurança pública.

É nítido que as pessoas que estão presas são na esmagadora maioria, pobres, negros, miseráveis, marginalizados, uma parte chegando ao tribunal por falta de estrutura e outras muitas partes sendo violentamente vigiada pelo estado, uma boa parte chega a delegacia por questões fúteis, casos que chegam porque o cidadão resistiu a abordagem policial por exemplo, será que se for um empresário num carro luxuoso seria abordado? E se fosse abordado ao resistir a abordagem seria conduzido à delegacia? Então são perguntas que se fazem necessário diante das nossas instituições que fazem a vigilância.

Segundo Foucault (2014, p. 77) “A miséria do povo e a corrupção dos costumes multiplicaram os crimes e os culpados; mostra-o em todo caso a prática real dos tribunais”. A desconfiança é que os problemas sociais estão sendo transferidos todos na conta de uma criminologia barata, o retrato colocado pelos governos nos estados brasileiros é que a miséria está relacionada a essa área, que as pessoas são vagabundas, desonestas, vivem enganando uns aos outros.

Produzem um contexto em que todo mundo é ladrão na favela, nos subúrbios, e por isso sofrem, daí passa o tempo todo querendo resolver ou desviar os problemas de omissão na educação, saúde, infraestrutura, cultura, e por aí vai. O tema de sistema prisional é um destaque nacional, os programas policiais são os que mais tem audiência nas localidades regionais, é percebido que esse tema abafa outros temas, deixando de fora e debater temas como os da educação, pobreza e miséria.

Essa estrutura que massacra os assuntos da sociedade, também é uma estratégia de poder, o sistema prisional garante que a sociedade fique presa a isso, achando que tudo que o Brasil é, problemático é por conta dessa área, e assim amortece uma sociedade faminta de justiça, as vezes de ódio, as vezes de que o caminho é prender todo por prender ou matar em alguns casos, e assim produzir uma polarização em torno dessa área, segurança pública, sistema prisional, crime e assim por diante.

### 3.5 O Sistema Prisional e Seus Privilégios

Eu sou militar, e como militar se um dia for preso terei direito a um presídio específico, onde ficam apenas militares, é claro que eu entendo a necessidade, porque seria pena de morte para um militar está em um presídio comum onde os detentos são supostamente presos ao qual eu combati na luta do crime organizado ou das classes urbanas. Até aí tudo bem, está certo, os nossos direitos à vida sendo respeitados. Mas também não posso afastar o fato, que se na teoria um militar está sendo preso é porque cometeu alguma infração, seja ela administrativa ou jurídica, transgressão ou crime, e para tais será garantido prisão diferencial, mas por que as outras classes também não têm esse diferencial?

O privilégio está no fato de que a nossa classe está sendo assistida pelo estado, porque é para ser mesmo, mas é necessário entender que em se tratando de classes, por que o estado está olhando só para nossa nesse quesito? Por que se discuti mais prisões de presos políticos do que presos comuns?

A injustiça às classes pobres se dá nitidamente no fato de que não se debate prioridades para essa classe dentro dos presídios comuns, mas a justificativa é que eles não são presos especiais, eles não correm riscos, já que são pessoas que estão presas pela mesma comunhão de crimes e de classes, mas não é isso que estamos vendo, o que vemos são essas classes sendo vítimas de homicídios dentro dos presídios, massacres e rebeliões que fazem vítimas todos os dias.

Mas se a justificativa para as classes especiais como a minha, por exemplo, que somos militares, temos que ter prisão especial porque é certo que morramos caso vamos para um

sistema comum de prisão, por que depois de tantas mortes em rebeliões em presídios ainda não se discutiu as prisões dessas classes? Será que a realidade é a vida mesmo? Ou será que é outra questão que está em jogo? É preciso uma reflexão a respeito disto.

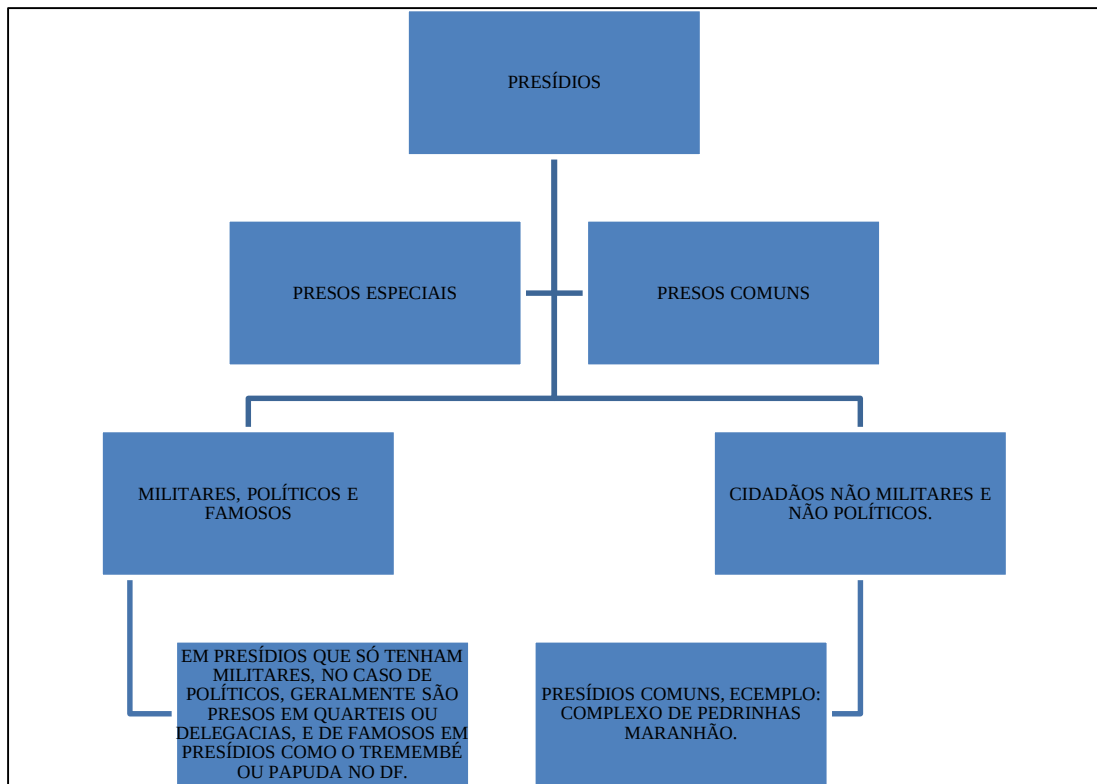
Mas enfim, argumentos como estes é que nos levam a entender que é preciso pensar que o sistema prisional brasileiro não está para resolver a situação do crime, mas sim para chantagear, para separar. A injusta faz isso o tempo todo, porque ela é um sinal de negatividade, ela acaba com a reputação humana, ela não é entendida como um remédio social, mas sim como um sistema reputacional.

Desta forma os relatos encontrados na organização de Solano (2018) fundamentam estes argumentos de que o personagem político alvo de injustiças em tempo de eleição é a prova de que quando a justiça quer ser injusta ela é, a bem de regimes introduzidos no meio da democracia que se apropriam das ferramentas constitucionais para deliberarem o poder, o controle e os privilégios.

A ideia do mapa abaixo não é mostrar que tem presídio melhor ou bom, presídio nunca é bom, mas existe uma separação, e disto muitos sociais não sabem, geralmente quando se fala em ser preso, presídio, cadeia, geralmente se tem a noção de que é um presídio fedido, superlotado, onde tenha rebelião e o caos o tempo todo, pois é, mas não, dentro dessa estrutura vai existir a privação de liberdade sim, para todos, porém alguns irão ficar mais vulneráveis que outros, não é que os que não estão vulneráveis estejam errados, é assim que era para o estado pensar pra todos, mas não é o que acontece.

O sistema prisional nesse contexto pode ser entendido como mais um instrumento do neoliberalismo, porque é gerenciado pelos filhos dos que pregam a democracia no discurso, mas na prática exercitam o autoritarismo e o descaso com a democracia vigente, que justifica o sistema prisional para recuperar supostos criminosos, quando na verdade ele produz criminosos, e isso será visto nos próximos tópicos na categoria principal desta dissertação, a reincidência. Assim também Foucault (2014, p. 82) mapeou:

Ora se tratava de desuso progressivo que dava lugar às vezes a súbitas reativações. Ora de um consentimento mudo do poder, de uma negligência ou simplesmente da impossibilidade efetiva de impor a lei e reprimir os infratores. As camadas mais desfavorecidas da população não tinham privilégios, em princípio, mas gozavam, no que lhes impunham as leis e os costumes, de margens de tolerância, conquistadas pela força ou pela obstinação; e essas margens eram para elas condição tão indispensáveis de existência que muitas vezes estavam prontas a se sublevar para defendê-las, alegando velhas regras ou subutilizando os processos de repressão, provocavam sempre agitações populares, do mesmo modo que as tentativas para reduzir certos privilégios agitavam a nobreza, o clero e a burguesia.

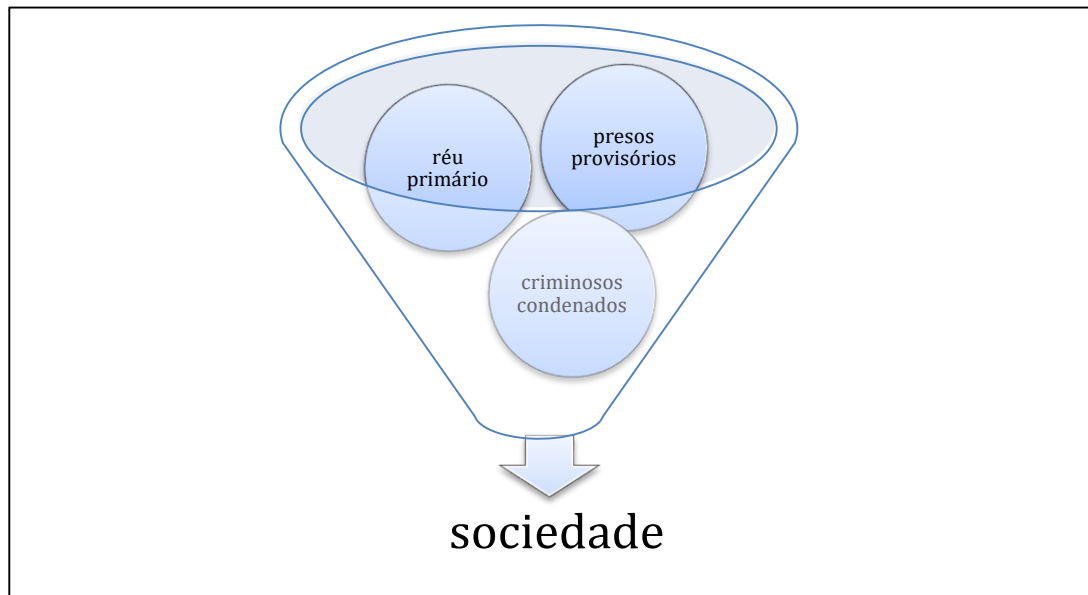
**Figura 7:** Presídios de acordo com a condição social e funcional

**Fonte:** Elaborado pelo autor. (2025)

Dentro desse contexto, é necessário observar que no Brasil tem classe que vai sempre está nas carceragem mais vulneráveis são os mais pobres, marginalizados e desamparados, possivelmente sem chance alguma de ressocialização ou de assistência e de ser assistido pela sociedade para sua recuperação, enquanto que nos presídios especiais, terá um leve entendimento de recuperação, de ressocialização ou de humanização, então sim a justiça social é desigual.

Partindo do pressuposto de que o crime, a reincidência é um processo cultural, uma consequência dos contatos de criminosos com outros criminosos ou com não criminosos, é necessário trazer ferramentas dinâmicas às outras culturas para que, assim, como, foi desenvolvido a otimização das classes dos trabalhadores para que estes se tornassem aquilo que o país quis, assim também é necessário que o Brasil adote experiências linguísticas para que o sistema prisional sofra as alterações necessárias para que se chegue aos resultados, porém não é muito aceito que esse processo atingirá efeito em carceragens. Abaixo a figura mostra como está posicionado essas questões nos presídios brasileiros.

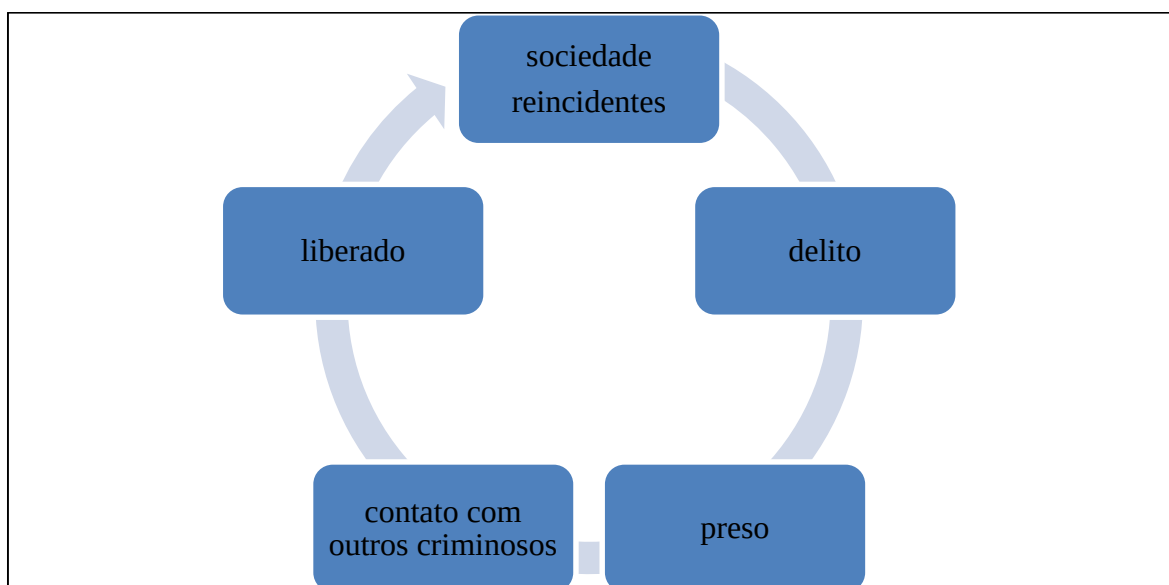
**Figura 8:** Funil demonstrativo das misturas de categorias de detentos



**Fonte:** Elaborado pelo autor. (2025)

O funil acima é uma estrutura que explica como os custodiados estão se misturando e sendo resultados, é fundamental que essa visão seja introduzida para entendermos o processo reincidente no nosso país, é como se fosse uma fábrica de fazer criminosos, a partir do processo linguístico, do contato das línguas, no caso o crime é uma língua, não catalogada nem muito menos reconhecida, mas é, e com isso uma mistura cultural que ensina e aprende, portanto resulta na reincidência. Abaixo eu trago um contexto mais específico da reincidência, nela está contido a dinâmica de Kuhn (2013) que explica a evolução dentro de uma consciência infinita.

**Figura 9:** Processo de reincidência



**Fonte:** Elaborado pelo autor. (2025)

Dentro desses dois demonstrativos acima eu classifico o sistema prisional brasileiro, assim como outras áreas da sociedade tem resultados a partir de uma mistura de substâncias sociais, assim penso este sistema, que ele, apesar de um organismo negativo da sociedade mas ele leva resultados pra dentro da sociedade, não é afastado do processo de produção social, portanto o funil é um pouco disto, apesar de se ter um discurso de que há separações de categorias criminais ou até mesmo de classes por facções, no fundo sabemos que não, que em dados momentos tudo vai se misturar, então presos provisórios com réu primários, condenados e até inocentes estão em contato um com os outros, e para tanto, vivem uma lei cultural, um contato de pessoas, de culturas, de costumes e de experiências em reprodução intensa.

Isto é um processo linguístico, então podemos sugerir uma reflexão de que se é uma camada produzida, se a partir dos contatos de pessoas em presídios podemos ter outras culturas e outros comportamentos e potencialização desse sistema, então sim, este processo está dentro do rol taxativo que discuti poder, ora, estamos diante de uma máquina de produzir cultura, não tem problema aos críticos do processo conceitual.

Não estamos aqui discutindo conceitos literários, mas sim conceitos históricos, sociais e filosóficos, a preocupação aqui não é se a cultura da qual estamos falando é boa ou ruim, não, não, a preocupação aqui é primeiro entender o processo de culturação a partir do processo linguístico, é levar ao entendimento pleno de que cultura é sim um processo de poder, de produção, de manipulação e uma categoria ao qual iremos desenvolver no próximo tópico, juntamente com o discurso sociolinguístico, mais precisamente com a análise de discurso propriamente dita.

### 3.6 O Discurso Intelectual Político-Educacional, o Setor Administrativo e a Criminalística

Darcy Ribeiro nos anos 80 fez o seguinte discurso, “se os nossos governadores não construírem escolas, em 20 anos faltará dinheiro para construir presídio”. Fazendo uma análise desse discurso irresponsável, Ribeiro (1982) como representante democrático legítimo e dono de um intelecto admirável, fez o que muitos intelectuais fazem quando se emocionam, discursar sem compromisso, ora, passou-se 20 anos e não falta dinheiro pra fazer presídio e nem os governadores construíram as tais escolas, apenas mantiveram o crescimento substancial das escolas no brasil, o que levou a entender que uma coisa não tem nada a ver com a outra e a sociedade intelectual ficou decepcionada com a prospecção de Ribeiro.

Mas analisando esse complicado discurso de Ribeiro, o problema da educação e segurança foi usado pelo intelectual para atingir governadores, ele não estava preocupado com o futuro da sociedade como se passa a perceber, é um discurso intelectual-político, é que

compreende essa mistura politiqueira com agentes da ciência, e isso não é propriamente dizer que Ribeiro não tinha que se politizar quanto a isso, mas é cruel esses dois entrelaces serem usados para uma briga política.

O que eu quero dizer é que o discurso de ressocialização assim como todo o sistema prisional e o próprio educacional são usados por uma classe que não tem qualificação para o assunto, tema ou setor, a área das questões prisionais devem ser estudadas pela ciência, assim como essa questão está aqui em debate em uma das áreas de abrigo do orientador desta disciplina, porque aí sim, levantando os problemas realmente concreto, se estabeleceria uma construção ou desconstrução para o não fator prisional.

O sistema punitivo ou de ressocialização são sistemas inquisitórios, eles estão disfarçados de sistemas acusatórios, e de justiça, o sistema prisional vem sendo adaptado para ser entendido pela sociedade contemporânea, mas suas concepções um pouco sem sentido não estão entrando mais na lógica de solução da sociedade brasileira, não é mais aceitável que se espere por crimes para então prender o indivíduo, não tem mais sentido isso, ora, o estado prometeu que o crime nem aconteceria, a nossa constituição cidadã é uma promessa de sociedade justa e não criminosa.

Eliminar a proposição de educação instituição é interessante para justificar que o problema desse discurso prisional é do próprio sistema prisional enquanto instituição, são dos próprios meios que criaram o sistema de prender, de tirar a liberdade, não se pode atribuir este problema a outra área da sociedade, é como Souza (2023) criticava, assim como escolas não nasceram para educar, presídios não nasceram para ressocializar, não é a escola crítica, a escola concepção libertadora, nem muito menos a escola que a gente estuda dentro do idealismo dos teóricos críticos, estou falando dessa escola tecnicista, a mesma escola produzida pelo neoliberalismo para produzir mãos de obras barata.

Para tais assuntos, desenvolvi um estudo com a pesquisadora Gena (2023) também do programa de pós-graduação em letras, os estudos foram apresentados em evento de comunicação oral, o trabalho intitulado, o plurilinguismo nas celas de aulas, uma reflexão entre a linguagem formativa e a ressocialização prisional brasileira teve como resultado o seguinte resumo, segundo Gena (2023, p. 1):

A proposta parte de dois objetos de estudos em pesquisa ativa pelo programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, o processo de ressocialização do sistema prisional brasileiro e a concepção do professor sobre o Plurilinguismo, ambos, objetos de investigação parciais do problema bilateral. Partindo de uma questão norteadora de como a ressocialização e a formação do professor se entrelaçam no contexto plurilinguista, partindo dos espaços formativos do professor? Para tanto é necessário estudos teóricos metodológicos de documentos oficiais de educação como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a partir de

Cavalcanti (2013) que alerta sair do monolinguismo e os prestígios das línguas, e considera para efeitos sociais todas as outras línguas não reconhecidas, e tanto a cultura carcerária como as comunidades do entorno da escola tem suas variantes não reconhecidas e não prestigiadas, necessitando de ensino específico para combater efeitos negativos como a reincidência pós cela, e a desinformação pós sala de aula, sendo assim uma proposta interdisciplinar.

Essa proposta interdisciplinar é na verdade uma comparação, é mostrar que assim como na escola quanto nos presídios, e por isso, celas de aulas, os processos linguísticos estão comprometidos, celas, porque alunos estão em celas em vez de salas, ora, primeiramente que as estruturas das escolas é a mesma estrutura dos presídios, o ensino praticamente é fazer o aluno obedecer aos assuntos da classe dominante, as informações de um ensino voltado para os padrões de controle de massa, a escola não é para ensinar, a escola é pra doutrinar, eu não estou falando da escola concepção crítica, aquela que a gente estuda na graduação, estou falando da escola estrutura, política, capitalista que estão dentro dos nossos espaços públicos que deveriam ensinar o processo de cidadania.

O discurso de ressocialização tem o mesmo padrão das celas de aula, no caso as celas dos presídios são feitas para controlar, doutrinar e chantagear, a diferença é preconceito, ir para as celas de aulas tem um discurso mais pacífico, enquanto o discurso de ir preso mais conflitante, mas ambos os discursos são os mesmos, controle.

Esse processo linguístico de ambos os campos está sendo suprimido, por uma simples razão, nos municípios as escolas são controladas pelas políticas locais e os setores administrativos de estados e municípios, então é comum que a doutrinação esteja em dias para que a população não se revolte contra o próprio sistema.

Pode-se ter uma objeção a respeito do sistema prisional, a ressocialização como fundamento da saída para um sistema que funcione para concertar a sociedade, é meio improvável, mas enfatizo que este sistema não será e nunca foi para ressocializar, muito menos para resolver o problema da criminalística, dos poderes da república ou pra deixar a sociedade segura.

O sistema discutido nada mais é que um aparelho estatal para controlar, oprimir e chantagear, ele é senão o mais forte aparelho do estado para esse fim, e para começar uma nova dinâmica de perceber a saída, primeiramente é necessário destituir essa estrutura, de forma radical, não tem como usá-lo como base, porque ele é um sistema viciado, ele nasceu com esse fim de controlar.

Não é exagero, foi assim que aconteceu com o Carandiru, os vários problemas sub-humanos que aconteciam naquele local só foi possível acabar quando a sociedade resolveu destruir todo ele, cem por cento, a queda do Carandiru no Brasil é o início de um pensamento

jurídico, de colocar fim a um sistema que nunca serviu para nada a não ser colocar medo, e até hoje o pensamento que parte da sociedade pensa, mostrar um Carandiru para colocar medo na sociedade em geral com o intuito de inibir o crime, não funciona e nunca funcionou, a história está aí para mostrar.

Assim como aconteceu no Carandiru teria que acontecer em todo o sistema prisional hoje, para erradicar tanto o processo de punição quanto o processo de ressocialização equivocado que temos.

Em paralelo a isso Foucault (2014) elabora uma série de avanços do nascimento da prisão em vigiar e punir que foram se mostrando ao longo do tempo que era só uma protelação da mesma estrutura, que o sistema apenas se apropria de um discurso para se aparelhar ao tempo.

Nas suas quatro partes o sistema só se adequou aos modelos psicossociais e humanos discutidos, e claro, o processo de ressocialização de hoje nada mais é que o avanço disto tudo. É difícil de acreditar que esse sistema será realmente ressocializador com essa estrutura, é mais fácil acreditar que fortaleceremos cada vez mais esse sistema, já que ele faz parte de uma estrutura econômica do capitalismo atual.

É necessário entender que isto se serve aos meios de produção e aos filhos do conservadorismo estrutural que se mecanizaram e criaram campos de formação para cuidar desses interesses. Desestruturar isto, significa quebrar uma estrutura conservadora do nosso país, são milhares de cargos, e ainda, seria extinguir a possibilidade de controle, já que sem isso a pergunta seria, o que a sociedade temeria?

Temer ou ter medo é a criação perfeita para que as coisas girem, os negócios estejam em alta, o capitalismo não morra, o medo é de certa forma o motor do capitalismo, ele está assegurado na política, nas religiões, nas guerras, na sociedade, é o medo de errar ou de ser preso que faz uma sociedade inteira não reclamar, não criticar, porque são várias as provas nos três capítulos desta dissertação onde o sistema prisional é usado como mecanismo de controle.

Não tem solução para este sistema, qualquer tentativa de reforma dele é só mais um discurso novo se adequando aos modelos da nova sociedade vigente, não é que seja impossível, mas a sua base histórica é uma servidão ao capitalismo.

O capitalismo se apropriou dos serviços públicos, porque é notório que a indústria não deu conta de ser a sua base, o desmonte e a incapacidade de base não chegou perto de ser a realidade, então o que o capitalismo fez? Se apropriou na medida que vai perdendo espaço na sua base industrial, vai avançando pra setores públicos, como os presídios por exemplo, os serviços demandados, que por sinal custam muito caro para o estado.

Sendo uma necessidade do estado, e se mostra incapaz de gerir propositalmente, porque os representantes jogam com os donos do capital, os presídios nada mais são que um interesse capitalista no setor de serviços, senão o mais importante, então esse setor não está preocupado em ressocializar nem melhorar, nem ser um setor humano, ele tá preocupado em dar oxigênio para o capitalismo.

Então fornecerão o serviço que o estado quer, um sistema cruel, sujo, chantageador, que coloca medo na sociedade, em troca disto, o setor privado quer as garantias capitalista, contratos amarrados e capitais elevados, e tem sido assim para todos os serviços que o estado vem privatizando, ora, assim é bem mais leve para o capital, o serviço público garantindo ao setor privado os capitais, porque pesquisar, produzir e vender é um processo muito lento, mas trabalhar para o setor público com as garantias é muito mais viável e rentável.

O crime é produzido, porque o caos é produzido, a miséria é produzida, a delinquência é a consequência de omissões e serviços mal elaborados pelo estado, o fundamento dessa sociedade é que temos um estado capitalista com seu escritório no setor público, a ideia de trabalhar para uma sociedade se tornou apenas um discurso, o que vemos é o setor público trabalhando para os interesses do setor privado, blindando seus problemas e afastando qualquer possibilidade que ameace esse setor, a prisão é a placa de aviso.

A criminalística não tem solução porque existe um protagonismo produtor do crime, o próprio estado capitalista que é blindado pelo setor público e fornece os serviços para ele, é o mesmo que promove o caos com as retiradas de direitos e corrompe o setor público, deixando a deriva a sociedade como um todo.

Não é de se admirar quando encontramos vários processos de superfaturamentos contratuais, é aí que encontramos a jogadinha, estado e setor privado, é nessa relação que está o perigo. Particularmente é difícil de acreditar num sistema que corrompe o setor público para garantir o superfaturamento, justificando que vai ressocializar pessoas que cometem crime.

É difícil a criminalística ter uma solução com esse grau de relacionamento dos que controlam isso, não é de se questionar a criminalística como área do saber criminal, mas os que se apropriam disto para criar uma relação de negócio, o que se passa a ver é que esse sistema está falido, está desancorado da realidade e do objetivo ao qual quer alcançar que é a ressocialização.

Nas engrenagens do sistema democrático vigente é muito difícil de ver uma saída para aprimorar esse sistema prisional, o que leva a entender que ficaremos sem aquelas filiações de conclusões, até porque conclusão não mais, considerações finais sim, e não tem solução, porque essa dissertação não busca ter um olhar reformador, nem concertador, ora, o próprio Foucault

mostrou em sua tese que todo a evolução do sistema prisional não é dana mais nada menos que uma mudança de discurso, e hoje o sentimento ainda que é de punição.

A criminalística é uma estrutura que tem que ter cuidado com os vícios estruturais, para não está sendo usada como uma ferramenta de justificação para o controle, porque de jeito nenhum quero aqui dizer que a criminalística não é importante, longe desta pesquisa, mas alertar para que ela não seja um instrumento do controle, porque sim, a criminalística tem que avançar, mas não mais para fortalecer esse sistema prisional.

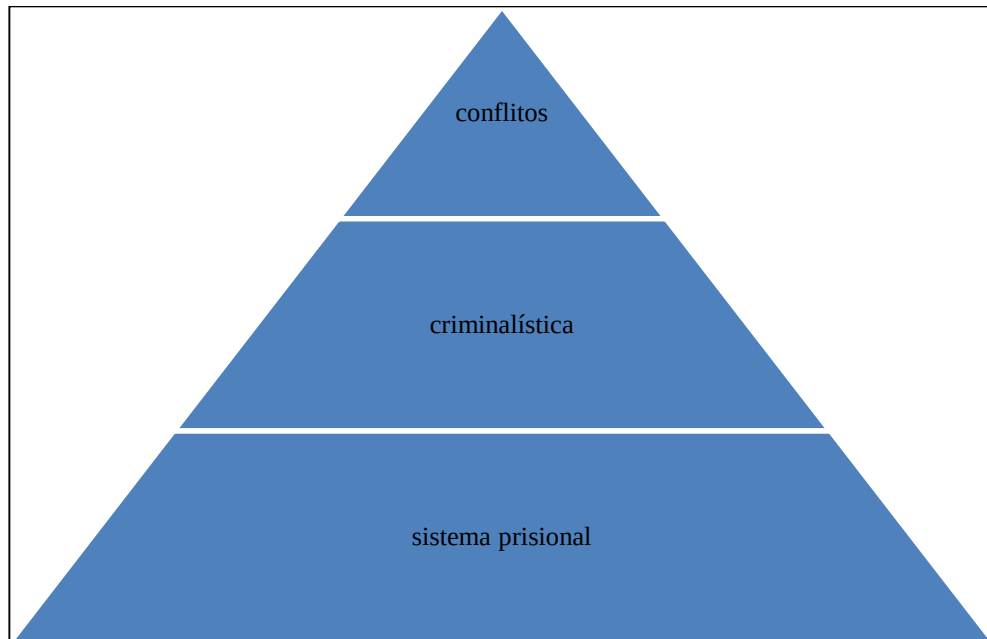
A criminalística é importante como área do saber criminal, não se tem maturidade para entender o crime como vitimismo apenas, não importa se o crime é produzido ou não, ele existe e tem que ser estudado, mas é necessário a criminalística se afastar do campo administrativo e passar a ser um campo científico, de formação, de pesquisa, de ciência, porque está viciada essa criminalística que cumpre ordem, essa criminalística tem que ter seu setor dentro dos programas científicos, com autonomia, fora do setor administrativo que a prende.

É inviável ter uma criminalística cumprindo ordem, numa estrutura que não está longe no tempo que fincou uma série de absolutismo político, não vejo sucesso em setores executivos tratando a criminalística como setor que prende, ora, o estado é consumista, trabalha com sensacionalismo, produzir é mostrar eficiência. Prender e mostrar lotações é mostrar que a criminalística tá trabalhando, que o governo é eficaz, é assim que a sociedade entende a criminalística.

É um equívoco esse pensamento, porque na verdade a criminalística deveria evitar o crime e aí sim os escapes criminais inevitáveis seriam trabalhados, mas não é esse o pensamento, o pensamento que se tem é de prender o criminoso depois que ele comete o crime, ora, depois que ele comete o crime não há mais sucesso, prender o criminoso é um insucesso, porque nessa condição as vítimas sofreram e o estado falhou na prevenção, os traumas surgiram e toda a sociedade perdeu, nisto, pensemos, o sistema prisional é a prova do insucesso de todos, logo um sistema falido, a ponta de um insucesso social, uma morte estrutural, é a sociedade mostrando que não tem capacidade de se proteger, ou de evitar, ou de formar cidadãos, e ainda, no final das contas o sistema serve para produzir mais crimes.

A seguir mostrarei uma visão não tão distante de todos, acredito que a sociedade também ver assim, porque essa estrutura está nítida. Pelo menos essa percepção como pesquisador foi uma visão enquanto profissional da segurança pública, falo por mim desta visão, mas com uma intuição certa que a sociedade brasileira também ver esse insucesso. Abaixo, de forma mais figurada, é possível uma visão mais prática do que estou afirmando.

**Figura 10:** Pirâmide do sistema criminalístico no Brasil



**Fonte:** Elaborado pelo autor. (2025)

Nessa proposta a criminalística é usada como ferramenta que vai no local do crime para tentar incriminar alguém, com o sentimento de ter um culpado, e com a pressão de ter que encontrar o culpado.

Na crítica colocada por este pesquisador, a criminalística não tem que se preocupar com a execução da resolução, mas sim com o avanço da ciência, com o cuidado dos métodos e seus avanços, ela tem que se estabelecer como campo de formação e pesquisa, tendo sim seu campo de resolução, não mais preocupado em resolver o que já aconteceu, mas sim preocupado em construir pesquisa para criar subsídios na prevenção, porque é aí que interessa o sucesso da criminalística. Toda vez que a criminalística estiver envolvida no tentáculo de produção do estado, o insucesso é certo.

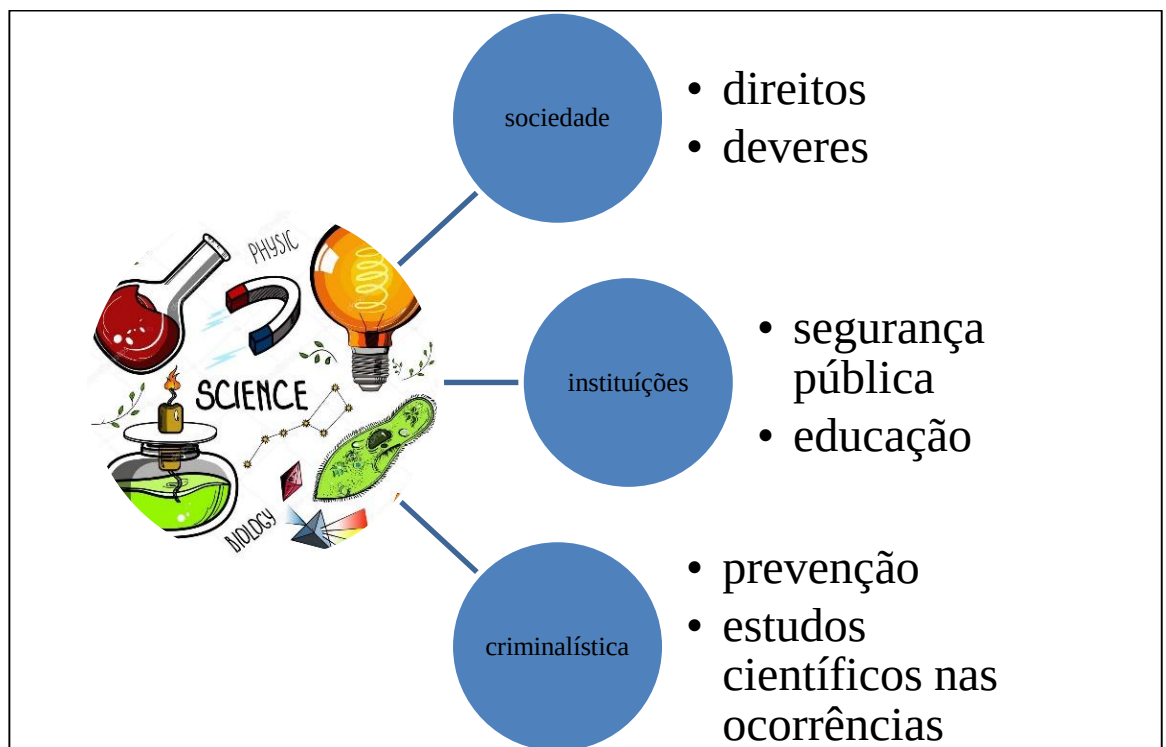
Na nomenclatura científica que este pesquisador pensa a criminalística, é do ponto de vista científico, como subterfúgios de acontecimentos naturais de crimes em sua maioria culposos, porque não era para existir crime doloso, se tivéssemos uma sociedade consciente dos conflitos, das dores, dos traumas e das consequência que o crime traz, mas se por algum motivo em uma sociedade e até mesmo no Brasil existisse uma sociedade ideal onde não estivesse o crime, a criminalística estaria num patamar científico para os estudos dos crimes como um campo científico. Como a educação é para a ignorância um campo científico, assim a criminalística seria para o campo criminal.

No esquema abaixo eu mostro essa ideia, mas é bom entender que estou aqui montando

uma sociedade ideal, uma suposição de que, em uma sociedade com todas as condições possíveis que considero nesta dissertação. Neste esquema, a ciência é o centro, assim ela concilia métodos e parâmetros, com ela três estruturas ligadas ao centro, então é perceptível que no esquema abaixo assim como sociedade e instituições estão ligadas às ciências, a criminalística também deve ser.

Nessa suposição, meu senso de resolução é que tudo esteja ligado à ciência, por se tratar de um setor que está preocupado com a verdade, e não com a produção, nem com o consumo, bem pelo menos uma parte, criminalística como campo de pesquisa. Talvez essa seja a solução para que não tivéssemos crimes, se não tem crime não é necessário presídios, ora, nas sociedades comunais não existem presídios, como eles viveram na história e até hoje, a exemplo temos as culturas indígenas que vivem até hoje sem presídios, nem por isso tem grandes problemas. Se pensarmos que muitas sociedades não necessitam de presídios para sobreviver, então por que nós hoje na sociedade avançada que estamos, no auge da tecnologia precisamos de presídios?

**Figura 11:** Criminalística como área da ciência



**Fonte:** Elaborado pelo autor. (2025).

A minha proposta é simplesmente destituir o sistema prisional, não quero ter uma consideração final de concertar ou de reformar isso, porque nem Foucault conseguiu, não por

incapacidade, porque foi feito para não funcionar, não conseguiu montar uma estrutura científica com soluções, porque na verdade isso foi um erro tentar ajeitar algo que tá errado desde o seu nascimento.

A prospecção desta dissertação é somente de criticar o sistema todo, porque foi só assim que o Carandiru deixou de ser um trauma para a sociedade, quando ele foi destruído, então não vejo outra solução a não ser destituir, acabar, destruir, seja qual for o sinônimo de não existir mais, porque a cada momento que a gente tenta reformar e evoluir, ele se potencializa para um problema maior, e agora ele está sendo um chicote para quem ousar criticar, falar e propor.

Se eu tivesse que fazer uma nova dissertação sobre este assunto, eu colocaria o nome do sistema prisional brasileiro de Carandiru, porque ele é um grande Carandiru, e como o próprio foi bombardeado, esse sistema também precisa ser, não apenas a estrutura física, mas toda a sua concepção enquanto sistema.

### 3.7 A Análise de Discurso em Alberto Mendes, um Corpo Para Gerar o Poder

Esse poder vai se materializar em um corpo, porque tem que ter a consequência dele, é necessário que alguém seja visto sofrendo para passar a mensagem de que existe um poder, sem sofrimento não há poder, é por conta do sofrimento de alguém que o poder vai ser sentido e temido.

Neste subtópico analisaremos a fala de um custodiado brasileiro, Alberto Mendes. Não há do que se falar em contexto de matéria de análise de discurso sem ter a matéria de análise, e de quem viveu o sistema prisional brasileiro. Ninguém melhor para falar de um assunto senão aqueles que viveram o assunto na pele, materializando aqui a análise de discurso, a observação de pesquisas bibliográficas, é necessário entender a pesquisa qualitativa da bibliografia como autêntica e séria, até bem mais autêntica do que algumas pesquisas de campos, ora, quem pesquisa em campo fala das impressões sentidas, e quem cola o contexto bibliográfico tá colando o autor propriamente dito da vivência, e ainda mais em contextos de presídios no Brasil, que tendem a manipulação de dados.

Ninguém menos que Alberto Mendes para ser estudado nesta pesquisa, o livro é Luiz Alberto Mendes, Memórias de um Sobrevivente, publicado em 2009 pela companhia das letras, uma autobiografia configurada em textos autênticos e sérios, aconselhável, assim como o documentário do Carandiru, a Caldeira do Diabo, produzido pelos próprios detentos, assim é a ideia de fazer análise da autobiografia de Alberto Mendes, por acreditar ser mais legítima e com credibilidade elevada, já que é feita pelas próprias mãos daquele que sofreu na prisão.

Como vários adolescentes desorientados, Alberto Mendes pensava em uma vida sem

governo, livre e sem limites, pensava que está à fazer que pudesse era o que tinha de mais liberto.

A juventude se levantava contra o conservadorismo e as instituições sociais, inconscientemente. A busca era ser livre a todo custo. Alguns vendiam o corpo, outros roubavam. Havia, é claro, os parasitas, os sanguessugas. Mas esses também eram absorvidos pelo grupo, pois tinham motivos parecidos com os nossos (Mendes, 2009, p. 43).

Mas Alberto mendes também sabia o que o mundo opressor significava, fazia parte de uma juventude revoltada com o conservadorismo, contra a sociedade hipócrita, se aventurar de qualquer forma no mundo em caos era se aliviar de tantas injustiças que sua geração via, principalmente por se tratar de uma classe dominada pelo medo e por todos os controles existentes no seu tempo.

No fundo era apenas uma vontade de liberdade, de não ouvir mais ninguém. Não havia um pretexto consciente, uma não participação decidida do esquema social. Apenas vadiagem sem esperança. Um ir e vir sem saber para onde, em que rumo, e por quê. Até que a polícia os pegasse e os levasse para o juizado de menores. De onde fugiam ou eram mandados para a casa de seus pais, de onde fugiram novamente (Mendes, 2009, p. 43).

O relato acima de Alberto Mendes representa a maioria dos jovens brasileiros que antecedem o crime, dissimulação e uma vida com vacância, geralmente são jovens ociosos, sem muitas expectativas sociais, sem oportunidade que acham na vadiagem uma ocupação para sobreviver com seus vários problemas familiares e sociais, além de que o pensamento de liberdade da família é um equívoco pregado pelo progresso, é tanto que relata o próprio Mendes (2009, pg 43) “Seguíamos movidos por uma vontade mais poderosa do que aquilo que os nossos pais nos impunham. Na verdade, o sonho de ser livre começara”.

Uma liberdade mal formulada pela sociedade estimula milhares de jovens todos os dias a buscarem a esse instituto de qualquer forma, e acabam se comprometendo, chegando as questões criminais. É muito comum a gente ver jovens se locomovendo para negócios imorais que vão de encontro com as nossas leis, ganhar dinheiro então é uma atração pelos que aliciam pessoas para os mercados negros, dentre eles, o mundo das drogas, do tráfico de drogas ilícitas no nosso país.

Adolescentes em geral começam no mundo das infrações, com os atos inflacionários, que para eles parece mais uma aventura do que perigo, iniciam com infrações de furtos e roubos, a ideia é conseguir dinheiro para serem independentes, porque a sociedade reproduz vidas de pessoas que ostentam felicidades comprometidas, furtar e roubar é o que se tem de mais aventureiro para adolescentes que são recrutados para esse meio, além disso esta prática também está relacionada com o uso de entorpecentes e outros vícios.

Saci, após viver quase um mês as minhas custas, voltou a roubar. Ele era especialista em abrir bolsas de mulheres sem que elas percebessem e roubar carteiras. Comecei a sair com ele para dar uma roupa. Distraía a vítima ou andava na sua frente para que os que estivessem vindo na direção dela não vissem o furto. Em poucos dias já estava abrindo bolsas e roubando também. Era fácil. Naquele tempo, as mulheres não acreditavam que isso fosse possível. Para elas, um menino como eu não podia ser ladrão. Criança era criança, nesse tempo (Mendes, 2009, p. 47).

Na fala de Mendes, (2009) é possível perceber a adesão aos atos infracionais por adolescentes, é importante salientar que muitos adolescentes entram para o cometimento de atos infracionais de forma recrutada e se jogam mesmo para este lado, problema desde a estrutura familiar e a omissão na formação dos adolescentes, as crianças são aliciadas em muitos espaços da nossa sociedade brasileira, é necessário um cuidado muito específico para este setor, por se tratar de seres que podem ser facilmente estimulado aos fatores errôneos da sociedade.

O fato é que na maioria das vezes o crime é uma consequência do capitalismo, porque todos os dias crianças e adolescentes são bombardeadas com informações a respeito da riqueza progressista, um dos poderes que leva o ser humano ao desejo de conseguir tudo o que busca é enfatizado na obra de Valois (2025, p.62) “Alex tinha começado a estudar aos 9 anos e aos 13 já estava ajudando o pai a fazer pizza, pão etc. Dessa época em diante, um dilema: a rua ou o trabalho? E a rua parecia mais próxima de tudo o que valorizava, roupa bonita, mulheres, carros, poder. Escolheu a rua”.

Valois (2025) também faz análise desse momento conturbado de jovens que antecedem o crime em vidas que experimentaram o sistema prisional, e são na verdade induzidas a pensar que ser rico é o que há de mais importante, porque o prazer de ter as coisas é estimulado, os furtos e roubos em geral são consequências disso, é tanto que isso é relatado pelo próprio Mendes (2009, pg. 48) “Dinheiro não faltava. Era só dar um pulo até o centro e pronto. Já voltava capitalizado. Não lavava roupa. Quando ficava suja, comprava nova e jogava fora a suja”.

Nas praças da república conheci o Bala, Mestiço, Magriça, Ivo, os irmãos Simioto, o Baianinho, Indio, Boa Ventura, Carequinha, Cocada e um Monte de ladrãozinhos do centro. Praticavam uma modalidade de roubo diferente para mim. Procuravam casas cujo dono viajara ou simplesmente não estava, casas “em goma”, como dizíamos. Arrombavam as portas dos fundos. Quando não dava, estouravam janelas, portinholas, telhados e até paredes, arrumavam um jeito de entrar. Dentro, era mais farra do que roubo (Mendes, 2009, p. 48).

Então vejamos que Mendes neste caso, na medida que ia conhecendo outras crianças e adolescentes se adequava a um novo modelo de infração, é como na escola quando passamos de ano e vamos aprendendo novas técnicas, aprendizados e conhecimentos, no mundo do crime é a mesma coisa.

Percebamos como as obras de Valois e Mendes se conversam e encontramos os resultados, mostra Valois (2025, p. 63):

Os primeiros roubos foram com faca, depois com revólver, mas a primeira vez que Alex foi preso mesmo foi por tortura. Avisaram lá na rua que um rapaz tinha furtado o DVD de uma senhora, Alex correu atrás do rapaz e lhe deu uma surra para que contasse para quem tinha vendido o DVD. Recuperou o aparelho, mas foi preso e condenado.

Para o mal, a má influência não é uma possibilidade de se afastar, é um outro problema, desviar crianças dele é um cuidado familiar, mas institucionalmente falando, só desviar crianças do convívio deles não resolve, é um problema existente e tem que ser resolvido, encarado, é um vício social, se pegarem qualquer filho de qualquer mãe o efeito vai ser o mesmo novas crianças e a adolescente para o crime, porque essas crianças aprendem este mundo como uma aventura, uma brincadeira, um prazer. Então Valois (2025) trás os mesmos resultados analisados em Mendes (2009).

Éramos crianças, e tudo era brinquedo, alegria e farra para nós. São Paulo, naquele tempo, havia pouquíssimos roubos. Era tempo de amarrar cachorro com linguiça, como se dizia. As pessoas deixavam suas casas tranquilamente, sem ninguém vigiando. (Mendes, 2009, p. 48).

Isto se estende para outros fatores infracionais ou crimes, o prazer do perigo vai evoluindo e na medida que vão evoluindo na idade, vão evoluindo nas crueldades. É como tudo na vida, a tendência é evoluir para melhor ou para pior, depende da linha de evolução, neste caso aqui a tendência é evoluir para outras infrações, nos casos de adolescentes e outros crimes, no caso para adultos.

Não podíamos encontrar um bêbado sozinho (chamávamos de “balão apagado”). Às vezes, saíamos a noite a procurá-los na zona das boates, nos bares da boca. Em bando, tomávamos tudo, até roupa. Depois os massacrávamos a pontas pés e pauladas. Nós os deixávamos quase mortos pelas calçadas, quando não jogávamos fluídos de isqueiro neles e colocávamos fogo, só para vê-los correr, endiabrados, e ríamos, ríamos... Eu tinha um ódio todo especial contra os Bêbados, ai daquele que pegasse! (Mendes, 2009, p. 49).

Nessas aventuras (atos infracionais/crimes) abre sempre uma guerra contra o estado, pois não é aceitável que os não institucionalizados controlem parte da economia brasileira, porque de certa forma a maioria dos crimes e infrações atingem o setor econômico, então toda a estrutura contra o crime não é por conta do crime em si, mas porque mexe com interesses econômicos de algumas classes, ora, outros crimes são cometidos, mas não atingem diretamente a economia, então é deixado de lado, fazem vista grossa, ou não dão muita importância.

As categorias de furto, roubo, drogas, contrabandos, armas são as mais combatidas pelo estado, por um simples motivo, eles atingem nossa economia, mexe com interesses de pessoas

grandes, então a polícia está envolvida diretamente em combater essas categorias. Isso é sentido quando há um homicídio de alguém menos importante na sociedade, não terá todo o envolvimento, mas se houver uma apreensão de grande quantidade de entorpecente por exemplo, as notícias são colocadas capas de jornais, não é a droga que é importante, mas o que ela mexe, com as importâncias do estado e dos narcotraficantes, hora envolvidos em nossa economia e as vezes na nossa política nacional. A polícia do estado brasileiro é usada, com a justificativa de prevaricar caso não haja com a intensidade que é exigida, mas a gente ver uma morosidade por exemplo quando a investigação é de feminicídio de uma senhora, catadora de latinhas ou de uma empregada doméstica.

Na casa que arrombávamos, sempre apareciam armas. O ambiente era muito perigoso; os mais velhos já estavam se matando. Constantemente, ocorriam mortes, e ninguém sabia quem matara, só os iniciados. Quando isso acontecia, era preciso sumir por uns tempos. Os policiais viriam céleres, como cães ensandecidos. Prenderiam quantos de nós pudessem. A tortura começaria na delegacia, e se não conseguissem saber a autoria do crime, a coisa continuaria no departamento de investigação. Logo o assassino seria preso ou morto pelos tiras, e ninguém saberia ao certo quem denunciara (Mendes, 2009, p. 50).

Uma das causas que mais lotaram o sistema prisional brasileiro foi a questão das drogas, em um determinado momento nossa legislação especial voltada ao combate às drogas, muitos usuários de entorpecentes não sabiam lidar com a questão, nem o estado ainda não tinha uma política estabilizada sobre o usuário, o traficante e o narcotráfico, o que sobrou por um momento para os usuários, a parte mais fraca do sistema de drogas ilícitas no Brasil.

Eu lembro que nos anos 2013 a 2015, pegar alguém nas áreas públicas fumando ou cheirando quaisquer entorpecentes ilícito, era comum levar a delegacia e essa pessoa ser presa, encarcerada só pelo fato de estar usando droga, nessa época ainda não existia as audiências de custódias então uma pessoa flagranteada ficava preso esperando o julgamento. Então vieram as audiências de custódia e isso passou a ser entendido como termos circunstanciais e quando flagranteados, em dúvida sobre tráfico iam as audiências e entendidos como usuários, então abaixo Alberto Mendes relata um episódio, característico deste problema.

Numa dessas minhas idas à praça, fui preso fumando maconha. Só o cheiro, porque o baseado sumiu. Levaram-me para a delegacia num camburão. Fui apresentado ao delegado como ladrãozinho da praça. Quando o delegado veio me pressionar, disse que estava apenas passando por ali.

Mas passando a essa hora da noite e naquele lugar?

Estava vindo do meu trabalho. Trabalho como oficce boy na rua Barão de Paranapicaba. Fiquei trabalhando até tarde, e ia pegar o ônibus na avenida Rio Branco. E os documentos?

Estão em casa, não ando com eles para não perder.

Bem é a primeira vez que você aparece aqui. Vai embora. Se te pegar mais uma vez naquele lugar, vou te dar um pau! Vou te fazer cagar nas calças, tá?

Sim, senhor! respondi cheio de medo, o homem era muito feio, metia medo em qualquer um.

Porsso ir?  
Vai, seu pirralho filho da puta! (Mendes, 2009, p. 50).

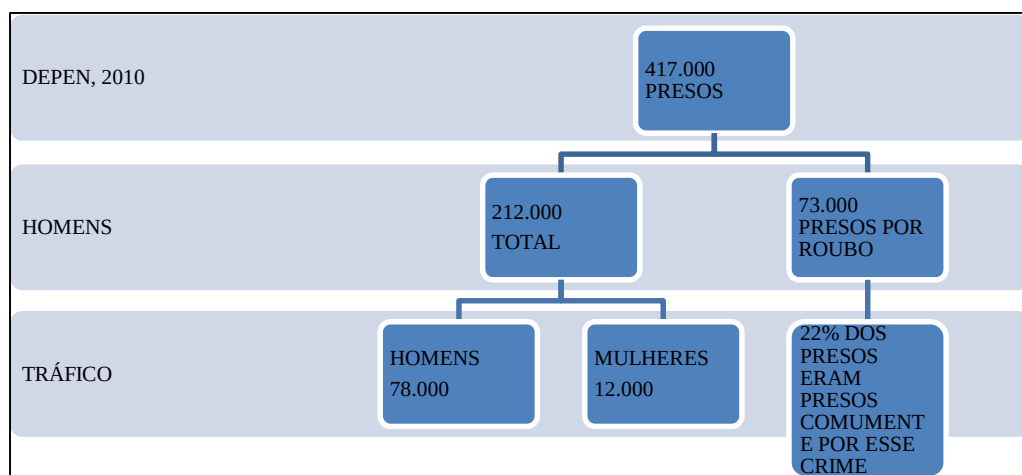
Hoje no Brasil existe uma discussão sobre os usuários de entorpecente, de um lado uma grande parcela da sociedade, discursa em favor de leis mais severas para quem usa entorpecentes, porque nas últimas décadas, com essa pressão, o país legislou especialmente para o tema, o que culminou na lei de drogas, porém com um tempo, esse endurecimento teve duas consequências, o aumento de viciados presos e o aumento do uso, logo do tráfico e das mortes em consequências disso.

O texto acima demonstra claramente que era apenas necessário que fosse encontrado com um fumo, que estaria retirado o seu direito de liberdade em detrimento destas mudanças na legislação, mas com um tempo com os entendimentos destas leis, o Brasil foi reformulando isto, e hoje é entendido que, na verdade estas leis nunca eram para usuários, viciados, sempre foi para combater o narcotráfico, o tráfico, aquelas pessoas que ousariam em traficar esses produtos na nossa nação.

Na prática, quem estava pagando a conta eram na maioria, homens, jovens, negros, pobres, sem muita expectativa de vida, desorientados e com problemas educacionais, portanto superlotação dos presídios em todo o Brasil, muitos usuários respondendo por tráfico de drogas e, em consequência roubo, ou seja, praticavam usos de entorpecentes, indiciados por tráficos, e parte destes usuários são os que roubam, como bem é ilustrado na vivência de Alberto Mendes.

Eurico Batista publicou no site Jusbrasil há 14 anos perfis dos presos no Brasil, o título é “DEPEN traça perfil dos presos no Brasil”. Esse tempo é o bastante para a gente entender por que estamos colhendo consequências de um sistema prisional equivocado. Abaixo os dados dessa referência temporal.

**Figura 12:** Demonstrativo de encarcerado na época da lei de Drogas



**Fonte:** Site Jusbrasil, reproduzido por autor.

Depois esses dados no decorrer da história eram todos relacionados ao processo de educação, pois 178.000 presos tinham ensino fundamental incompleto, destes, 26.000 eram analfabetos, 67.000 tinham ensino fundamental completo, em percentual, 77% da população encarcerada tinham seu processo de educação comprometido.

Em geral, prendiam a classe pobre do país, que praticavam pequenos delitos, justificada pelo tráfico, legislação feita para combater o narcotráfico no final das contas, os narcotraficantes estavam livres, enquanto ostentavam números de presos para maquiar o combate as drogas, e ainda, não ressocializava nada, porque a intenção nunca foi ressocializar, mas sim mostrar números, dar uma resposta a sociedade dos seus problemas equivocados.

## **CONSIDERAÇÃO FINAIS**

No assunto sobre criminalística, levanto uma hipótese sobre a criminalística ser de um campo científico que cuida da formação, da pesquisa e do avanço do setor preventivo, mas para isso seria necessário que a sociedade fosse ideal, então para esse momento apenas ligar este ponto ao setor de segurança pública.

Para uma segurança pública integral é necessário primeiramente que os sociais coexistam com a ideia de que segurança pública está na gênese humana, ser vista em todos os aspectos humano, e não só na polícia, nas armas e no exército, segurança pública tem que ser entendida desde o ato sexual, à gestação de uma mãe, ao nascimento de uma criança, passando por seus primeiros dias de vida até o desenvolvimento cognitivo da criança.

Nesse passo é importante salientar a educação desde a creche, porque é neste momento que a criança vai formar sua concepção enquanto cidadão, e que ela pode formar a concepção de que não tem que matar alguém, mas sim amá-la, que não tem que furtar ou roubar, ou fazer qualquer mal a alguém.

Eu, como pedagogo, sempre digo que a criança forma sua concepção quando ela se relaciona na creche com seus coleguinhas, e nas primeiras relações de emprestar um lápis, o processo de cidadania começa a se formar, é aí que a sociedade pode conceber o cidadão infrator, é na omissão da educação. É importante que a escola como instituição seja o primeiro passo da segurança pública, não é polícia, a polícia é a ponta, então se a nossa sociedade fosse adepta disto, os órgãos que trabalham na ponta, se voltariam para a escola para dar suporte a ela, porque no futuro os órgãos que trabalham na ponta da segurança não precisariam executar o faz de conta, como sempre fazem.

O convívio familiar é um paralelo com a escola, o processo educacional acontece aí, é na família que a criança estará forjada às índoles, ao seu caráter, a sua base familiar, é necessário

investimento forte na família, seja ela tradicional ou não, porque não é questão de costumes, é questão de ética familiar com a sociedade e com o conjunto, ter uma família que educa seus filhos ao meio social é no mínimo um gesto de cidadania plena.

Por outro lado, o estado tem sua responsabilidade em manter a sociedade e sua estrutura em condição para receber os cidadãos em formação, emprego e renda, segurança, qualificação, urbanismo, qualidade de vida social, estímulos, cultura e lazer, além de ter saúde de qualidade nos pontos extremos da sociedade, saúde preventiva nas famílias e nas intervenções, na nutrição então, é crucial um estado de saúde alimentar, e condições para que as pessoas se alimentem bem.

Também é necessário que o combate a corrupção, com mais intensidade aos órgãos que fiscalizam e aos que criam leis, um equilíbrio do setor privado com o público, o setor público tem que ser mais forte que o setor privado, a nossa política tem que ser forte, de qualidade e principalmente ter crédito, o fortalecimento democrático é essencial e o combate as tentativas de crimes organizados de grande escalão, na política e no setor privado.

É essencial que a nossa educação seja crítica, capaz de produzir conhecimento, cultura e arte, autonomia de pensamento e cientistas no futuro, tecnologia e ciência deve ser a ponta do investimento social, e nossa defesa nacional seja forte, além de que, temos que manter uma boa relação com o mundo.

Essa sociedade como ideal conectaria ao pensamento idealista, uma sociedade consciente, que não precisaria de presídios nem de setores punitivos, todo o investimento seria na prevenção do caos e de problemas em tempo recorde, e de resoluções que funcionariam na base da consciência humana.

Para esta destruição ao qual eu proponho no sistema prisional deve haver um momento de transição de pelo menos 10 anos, uma meta do estado brasileiro, onde prepararíamos a sociedade para esse momento, toda essa preparação poderia ser prorrogada por mais tempo, identificado a impossibilidade.

O setor responsável teria que vir para dentro dos campos de pesquisas e as penas transformadas inicialmente em serviços comunitários para essa transição. Monitorados por uma sistemática de pessoa física, com sistema de bloqueio dos direitos pelo menos no primeiro momento, a adequação da justiça em câmaras para pesquisa de penas alternativas que não envolvessem mais prisões, apenas questões trabalhistas, limites sociais e execução de trabalhos coercitivos em setores que estivessem com deficiência de mão de obra.

Para tal, a ciência é o caminho, começando pela educação de base, chegando todos a universidade e aos centros de pesquisas, uma sociedade envolvida completamente na educação

do país, os setores trabalhistas devem trabalhar com qualidade, formação e valorização para que todos sejam estimulados ao conhecimento, para isso é necessário que o governo crie regras, para de fato essas questões acontecerem.

A função social deve ser forjada, não há como acontecer naturalmente, é necessário que se tenha funcionalismo, porque estamos falando de uma sociedade consciente, não tem como esperar pela evolução natural das coisas, o tempo não é para esperar, e sim para ser usado, o tempo não para, mas se os agentes que estão sofrendo não tiverem atitudes, os seus resultados não terão objetivos do qual se busca.

Com esses resultados, a sociedade tende a ganhar, tendo um senso de justiça, paz e principalmente a garantia de direitos e pelo menos uma sensação de segurança, pois o estabelecimento de um contexto social seguro dar dignidade aos sociais, logo a todas as outras estruturas sociais.

Os estudos desta dissertação sugerem na verdade uma quebra de paradigma que cruzam os dados com a reincidência e a ressocialização, o que levou a entender outros estudos como controle e poder, neste cruzamento de informações essa dissertação fica exposta para estudos de outras temáticas como a educação, saúde, segurança. Toda a concepção metodológica e análise dos discursos são métodos de análises para qualquer questão social, filosófica, política e outras questões.

Esta não é uma redação conclusiva, longe de mim a certeza de estar certo, esta é apenas uma reflexão de considerações finais e contributiva, uma tentativa de somar meu pequeno conhecimento limitado aos demais que lutam por uma sociedade melhor e tentam de alguma forma fazer melhor nossa sociedade, é assim que analiso e considero esta dissertação com a certeza de que a luta não para, e que mais outras pessoas busquem discutir estes assuntos para uma sociedade menos injusta e mais feliz.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, [1929], 1992.
- BARRA, T. B. A. **O conceito de ressocialização e sua relação com a pedagogia do oprimido**. Fortaleza: UFC, 2012.
- BARRETO, M. **O jardim das imagens, a infância e suas flautas sagradas**. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BRASIL. SENAPPEN. **Secretaria Nacional de Políticas Penais**. Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br>. Acesso em: 16 Nov. 2023.
- BRITO, D.G. **A violência da 'não violência'**. Manaus: UFAM, 2017.
- BRITO, Danielle Gonzaga de: **A violência da 'não violência'** Orientador: Leonard Christy Souza Costa Dissertação (Mestrado em Letras. Banco de dissertação) – Manaus; UFAM, 2017.
- CHARRIÈRE, H. **Papillon: O homem que fugiu do inferno**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- DE SOUSA, A. S; DE OLIVEIRA, G. S; ALVES, L. H. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.
- DEPEN. **Traça perfil dos presos no Brasil**. Jusbrasil, 17 de Maio de 2021. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/depen-traca-perfil-dos-presos-no-brasil/>. acesso em 03 de agosto de 2024.
- DICIONÁRIO, ON LINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/entremeio>. Acesso em 27 de junho de 2023.
- EAGLETON, T. **Ideologia**. Unesp, 2006.
- ENGELS, K; MARX, F. **Manifesto comunista**. BOD GmbH DE, 1998.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. 42º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.
- HARRIS, Z. **Structural linguistics**. Chicago: University of Chicago Press, 1951.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. Thomas S. Kuhn; tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. — 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. Marina de Andrade Marconi. 5.

ed. - São Paulo: Atlas 2003. 311 p.

MARX, K. ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MARX, K. **O capital: edição condensada**. Edipro, 2019.

MENDES, L.A. **Memórias de um sobrevivente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MONITOR DA VIOLÊNCIA. **G1**, 17 de Maio de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2021/05/17/com-322-encarcerados-a-cada-100-mil-habitantes-brasil-se-mantem-na-26a-posicao-em-ranking-dos-paises-que-mais-prendem-no-mundo.ghtml> . Acesso em: 16 de novembro de 2023.

ORLANDI, E. **Interpretação**. 2 ed. Petrópolis: vozes, 1998.

PASSEI DIRETO. **Organograma poder judiciário**, 10 de março de 2018. Disponível em: <http://www.passeidireto.com/arquivo/40270674/organograma-poder-judiciario>. Acesso em: 07 de janeiro de 2024.

PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

PEREIRA, M. H. R; M. H. R. P. "**A república**." Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira 9. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

PLATÃO. **A República**, disponível em: [http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao\\_A\\_Republica.pdf](http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf). Acesso em: 07 janeiro de 2024.

PRODANOV, C.C. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 276 p.

PROPP, V. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1984.

RESENDE, J. M. **Desinstitucionalização prisional e o discurso do método APAC**. Belo Horizonte. UFMG, 2013.

SANTOS, J. A; *et al.* **ANÁLISE DE DISCURSO NO ESPAÇO DE SÉRGIO FREIRE**. Revista Contemporânea, v. 3, n. 9, p. 15203-15226, 2023.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 19. Ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

SOLANO, E; ZAIDEN, A; VANNUCHI, C; *et. al.* **Luiz Inácio Lula da Silva: nós vimos uma prisão impossível**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2018.

SOUZA, S. A. F. **Plano de curso. Tópicos Especiais em Linguística I**. Análise do Discurso: Linguagem e Psicanálise. Manaus: UFAM, 2023.

SOUZA, S. A. F. **Conhecendo a Análise de Discurso. Linguagem, Sociedade e Ideologia**. Manaus: Editora Valer, 2006.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa** [recurso eletrônico]: estudando como as coisas funcionam / Robert E. Stake; tradução: Karla Reis; revisão técnica: Nilda Jacks. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Penso, 2011.

VALOIS, Luis Carlos. **Apocalipse penitenciário** : histórias de vidas e mortes censuradas / José Carlos Valois; Ana Elisa Liberatore S. Bechara, Preta Ferreira ; apresentação: Sebastian Scheerer ; posfácio: Andreia Beatriz Silva dos Santos. – 1. ed. – Belo Horizonte, São Paulo : D'Plácido, 2025. 290p.

ZACARIAS, A. E. C. **Execução Penal Comentada**. 2 ed. São Paulo: Tend Ler, 2006.

## **APÊNDICE – GLOSSÁRIO**

### **Asfixiando**

No sentido figurado, significa oprimir, sufocar social ou politicamente.

### **Cárceres**

Prisões; locais onde pessoas cumprem pena privativa de liberdade.

### **Consonância**

Harmonia, acordo ou conformidade entre ideias ou elementos.

### **Denominador comum**

Elemento compartilhado entre diferentes situações; ponto de convergência.

### **Dessubjetivação**

Processo pelo qual um indivíduo perde características de sua identidade ou subjetividade.

### **Epistemologia**

Área da filosofia que estuda o conhecimento científico, seus fundamentos, métodos e validade.

### **Facetas**

Diferentes aspectos ou ângulos de uma mesma questão.

### **Multifacetados**

Que possuem muitos aspectos ou dimensões.

### **Paradigma**

Modelo ou padrão que orienta uma área do conhecimento ou prática científica.

### **Paleolítico Superior**

Período da Pré-História caracterizado pelo desenvolvimento de ferramentas mais sofisticadas e arte rupestre.

### **Remissão Penal**

Redução de pena concedida ao preso, geralmente por estudo ou trabalho.

### **Subjetivação**

Processo de construção da identidade e da consciência individual.

### **Subsídios científicos**

Informações ou fundamentos teóricos que sustentam uma pesquisa.

### **Sistêmico**

Relativo a um sistema como um todo, não apenas a partes isoladas.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD  
Repositório Institucional da UFAM - RIU

Manaus, **25 de fevereiro de 2026**

**CARTA DE ENCAMINHAMENTO DE ALUNO PARA O  
DEPÓSITO/ AUTODEPÓSITO\*  
DA VERSÃO FINAL DE TCC/ TESE / DISSERTAÇÃO**

Eu, Prof. Dr.. **Leonard Christy Souza Costa**, orientador do discente: **José Alessandro da Conceição Santos**, junto a este PPPG/DEPTO/Colegiado:  
Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas,  
**AUTORIZO** a depositar ( ) Relatório ( ) TCC ( ) TCC/Artigo ( ) Tese ( X )  
**Dissertação ( X ) com defesa realizada em 04/ 02 / 2026 ( ) Sem defesa**

**Título:** ANÁLISE DO DISCURSO DO PROCESSO DE RESSOCIALIZAÇÃO PENAL  
BRASILEIRO: CRÍTICA A PARTIR DE FOUCAULT

ATESTO que foram realizadas todas as correções exigidas estando a versão apresentada tecnicamente correta quanto a sua forma e conteúdo.

Solicito assim, as devidas providências de encaminhamento em questão, subscrevendo-me.

Atenciosamente,

Documento assinado digitalmente  
**LEONARD CHRISTY SOUZA COSTA**  
Data: 24/02/2026 19:43:47-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa

*Esta carta, após preenchimento e assinatura, deve ser digitalizada e depositada junto à versão autorizada pelo orientador.*

*\*O Autodepósito deve ser feito por meio de login e senha pessoal e intransferível em [tede.ufam.edu.br](https://tede.ufam.edu.br) (Teses e Dissertações) OU [riu.ufam.edu.br](https://riu.ufam.edu.br) (TCC Graduação e Especialização)*